5561 · ANO 05 · Nº 10 · 1989 · EDIÇÃO 51 · NCz$ 13.00

OUTUBRO

BIZZ

EDITORA AZUL

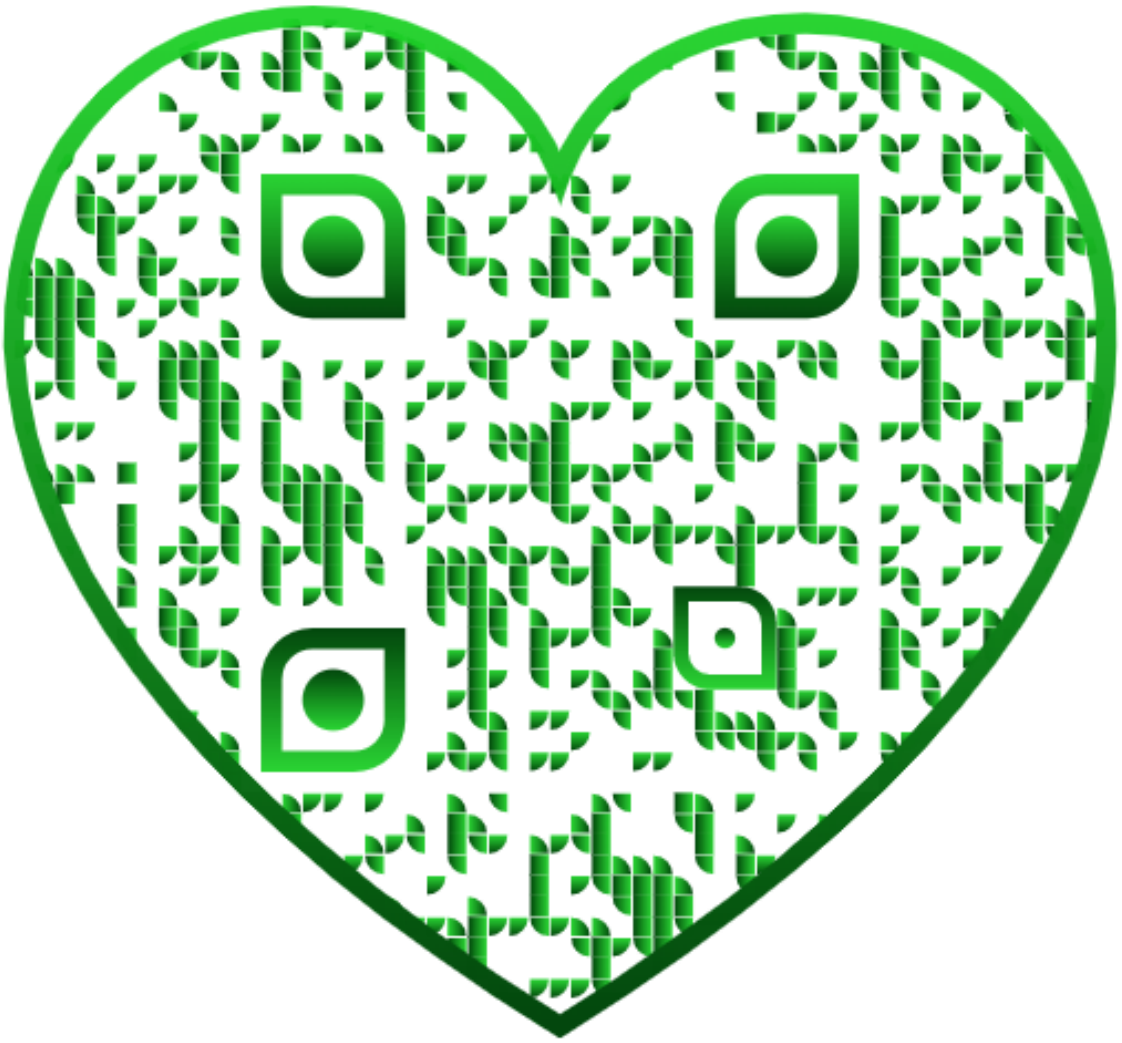
EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

ENGENHEIROS DO HAWAII

"HOJE SOMOS UMA BANDA NACIONAL"

DANCE MUSIC ESTRÉIA UMA NOVA SEÇÃO

\+ THE CULT + JOÃO PENCA + PIXIES + RATOS DE PORÃO +
PET SHOP BOYS + ELVIS COSTELLO + BOB MARLEY + PINK FLOYD



LEGIÃO URBANA
AS QUATRO ESTAÇÕES

ÁLBUM • CASSETE • COMPACT DISC

EMI

tina turner

foreign affair

foreign affair,
uma coleção de 12 canções
muito especiais,
marca o retorno de Tina
às suas raízes blues
sem deixar de lado
a força do rock
que tem sido
sua marca
registrada.

EMI

Mais um lançamento Capitol em LP, Cassete e Compact Disc.

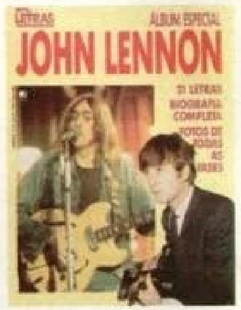
SHOW

Paulo de Tarso/AJ

RAUL SEIXAS (1945 - 1989)

No dia 21 de agosto, o rock brasileiro perdeu um de seus maiores representantes. **Raul Seixas** morreu, aos 44 anos, vítima de uma parada cardíaca, provocada pela ausência de insulina — nos dois dias anteriores, Raul não tomara o medicamento, obrigatório desde que se tornou diabético, há mais de dez anos. Nos últimos meses, Raul vinha excursionando ao lado de **Marcelo Nova**, com quem gravou seu último disco, *A Panela do Diabo*. Era o retorno do roqueiro aos palcos, depois de quatro anos de ausência. Um dos pioneiros do rock nacional, Raul estreou no vinil em 1969, com o disco *Raulzito e Seus Panteras*. Mas o sucesso só viria com "Ouro de Tolo", do LP *Krig-Ha Bandolo* (1973). Voltando do exílio nos Estados Unidos — obra do governo Geisel —, Raul chega ao auge de sua carreira com *Gita* (1974), seu maior sucesso comercial — ao mesmo tempo que vira polêmica nacional por seu envolvimento com uma sociedade esotérica, retratada em "Sociedade Alternativa". Entre bons momentos e discos inexpressivos, Raul chegaria à década de 80 como um incansável defensor do rock'n'roll (o "Chuck Berry" brasileiro, como gostava de ser chamado), cultuado por uma legião de fãs e reverenciado pela crítica como um dos poucos a fundir rock e música brasileira (em ritmos nordestinos como o baião). Seu corpo foi enterrado no dia seguinte ao de sua morte, em Salvador, sua cidade natal.

POETAS DO ROCK



Já está nas bancas o primeiro número da nova série especial da revista *Letras Traduzidas*, com álbuns mensais dedicados aos grandes letristas do rock. Na primeira edição, as letras e a biografia de **John Lennon**.

Ems-Odeon

IAN ASTBURY (CULT)

POUCAS & BOAS I

Public Enemy não acabou. Depois de muita discussão, **Chuck D** voltou atrás e reatou com **Professor Griff** — com uma única ressalva: "Ele não poderá dar entrevistas" ⊗ **Paul McCartney** deu início a sua turnê mundial com um show na Noruega no dia 26 de setembro. Depois de passar pela Europa e Estados Unidos, é possível que a turnê aterrisse na América do Sul, no início do ano que vem ⊗ O produtor Michael Lang teve que desistir do concerto que lembraria os vinte anos de *Woodstock*, em função de uma disputa de direitos com a Warner Bros.

CULT N' ROSES

O vocalista **Axl Rose** e o guitarrista **Izzy Stradlin** reuniram-se a **Ian Astbury, Jamie Stewart** e **Matt Sorum** — voz, baixo e bateria do **Cult** — para uma única jam session. O encontro entre o **Guns N'Roses** e o Cult aconteceu num estúdio em Nova York, onde a superbanda reviveu sucessos de **Black Sabbath, Led Zeppelin** e **Sex Pistols.** As duas bandas já haviam tocado juntas há dois anos, durante uma turnê americana (ver matéria nesta edição).

Jorge Rousmanjas/AJ

O FIM DO NEW ORDER ???

Tudo indica que o **New Order** chegou ao fim. A tensão entre os integrantes da banda alcançou o ponto máximo no último show da turnê americana ao lado do **PIL** e dos **Sugarcubes**, em New Jersey.

Segundo o relato da *New Musical Express*, Gillian, Hook e Morris estariam cansados do estrelismo de Barney, com quem mal conversaram antes e depois do show. Mas a maior indicação foi dada por Gillian Gilbert, em resposta ao repórter da *NME* — que perguntou se aquele era o último show do New Order: "Oh, não, ainda temos que tocar no festival de Reading..."

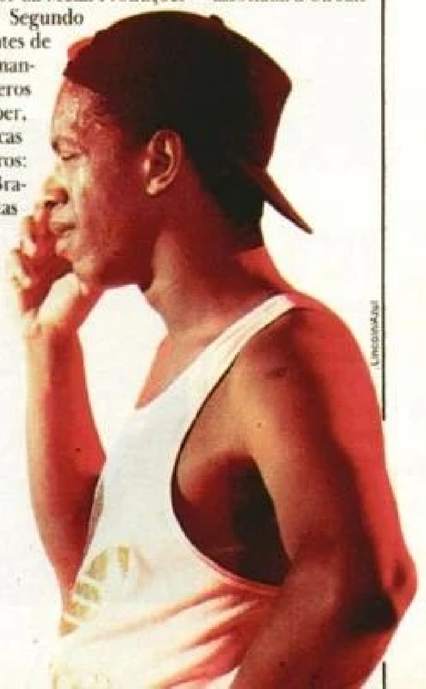
Com a recente confirmação do projeto solo de Peter Hook — cuja nova banda teria o nome de **Revenge** —, e o lançamento próximo do tão esperado solo de Barney, a separação nunca pareceu tão próxima. Agora só falta mesmo a confirmação oficial por parte da banda.

VINIL FRESCO I

Crossroads é o nome do novo disco de **Tracy Chapman**, cujo vídeo promocional deverá ser dirigido por **Spike Lee** (*DoThe Right Thing*) ⊗ Está pronto o primeiro álbum solo de **Lloyd Cole**. Chama-se *Downtown* ⊗ Os ex-Roxy Music **Andy MacKay** (sax) e **Phil Manzanera** (guitarra) estão juntos em *Up in Smoke* ⊗ Saiu o oitavo disco dos **Eurythmics**, *We Two Are One* ⊗ *Widowmaker* é o nome do novo EP dos **Butthole Surfers** ⊗ **Ian Astbury** (Cult) e **Axl Rose** participam do segundo LP solo de **Steve Jones** (ex-Sex Pistols): *I Did U No Wrong* ⊗ *Strange Angel* é o nome do novo LP de **Laurie Anderson** ⊗ **Michelle Shocked** está de vinil novo. O título é *Captain Swing* ⊗ **Jeff Beck** está lançando seu primeiro álbum nos últimos cinco anos: *Guitar Shop* ⊗ *Silent Assassin* é o nome do novo LP de **Sly & Robbie** ⊗ Saiu o segundo disco da **Boogie Down Productions**, *Ghetto Music: the Blueprint of Hip Hop* ⊗ **Durutti Column** lançou um CD com quatro faixas gravadas ao vivo no Womad Festival, em 87: *Womad Live*.

A REVOLTA DE DEREK B

A credibilidade dos produtores brasileiros ficou comprometida após os tristes incidentes que envolveram a vinda de **Derek B** ao Brasil, em agosto. Os problemas do rapper começaram em Londres, quando quatro músicos não puderam embarcar por falta de passaporte. Já em São Paulo, Derek B não conseguiu visto de trabalho, sendo detido pela Polícia Federal duas vezes — uma delas, na madrugada de sábado, retardando para as cinco e meia da manhã o show programado para o ginásio do Palmeiras (SP). A história foi apurada por Jean Yves de Neufville, colaborador da BIZZ, que ouviu também a versão de José Muniz Neto, diretor da Metal Produções — associada à Circuit Power para essa turnê. Segundo ele, a culpa seria dos agentes de Derek B, que não teriam mandado a tempo os números dos passaportes. O rapper, porém, não poupou críticas aos produtores brasileiros: "Nunca mais voltarei ao Brasil, e vou dizer aos artistas que evitem esse país."



Lincoln/AJ

BOB SMITH EM DISCO SOLO

Vem aí o primeiro disco solo de **Robert Smith**. Depois de contornar mais uma vez o final do **Cure**, Bob afirmou ter um álbum solo pronto, que será lançado no ano que vem, para cobrir o contrato da banda com a PolyGram. Outra opção é o lançamento de um disco instrumental, com sobras de gravação das sessões de *Disintegration*. Em sua última turnê pela Europa e Estados Unidos, o Cure não deixa por menos: cada show tem, em média, três horas de duração.

PARALAMAS GRAVAM COM BYRNE

Mauricio Valladares/Azul

O novo LP solo de **David Byrne** terá a participação dos **Paralamas do Sucesso** em duas faixas. As gravações — com produção de **Steve Lillywhite** — aconteceram em Nova York no mês de julho. Em uma das faixas — um samba chamado "Office Cowboy" —, **Herbert** também participa dos vocais, cantando um trecho em português de autoria de Arto Lindsay.

O interesse de David Byrne pelo Brasil, porém, não tem rendido apenas resultados positivos. No momento, o *Talking Head* enfrenta um processo movido pela família de **Glauber Rocha**, pela utilização de trechos do filme *Barravento*, incluídos no vídeo *Ilê Aiê*. Além disso, recebe os ataques das críticas estrangeira e nacional pela série *Beleza Tropical* — já com um segundo volume lançado, dedicado ao samba e ao pagode —, que estaria "explorando comercialmente a música brasileira".

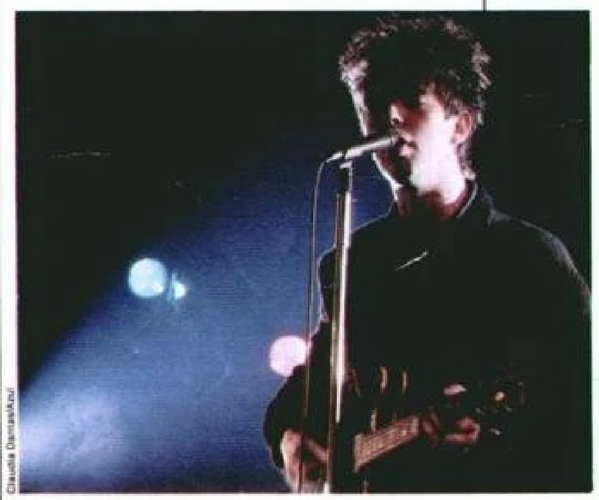
SHOWBIZZ

MAC CONTRA-ATACA

Candleland é o nome do primeiro álbum solo de **Ian McCulloch** — com lançamento previsto no Brasil para o início de 90. O disco foi produzido por **Ray Schulman** — ex-baixista do Gentle Giant, que ficou em evidência depois de produzir o disco de estréia dos **Sugarcubes** —, e tem a participação especial de **Liz Fraser** (Cocteau Twins) na faixa-título. O lançamento do LP — precedido por um compacto, "Proud to Fall" — foi acompanhado por uma pequena turnê pela Inglaterra. No palco, Mac toca ao lado do baterista **Steve Humphries** (da banda de Marc Almond) e de dois músicos desconhecidos da sua cidade natal, Liverpool.

MORTE EM VENEZA

Em sua passagem pela Itália, o **Pink Floyd** alcançou mais um feito na sua história: a destruição parcial da cidade de Veneza. A banda tocou sobre um palco flutuante ancorado na praça de São Marcos, atraindo cerca de 150 mil pessoas — que se instalaram sobre balcões, telhados e monumentos, para terem uma boa visão do espetáculo. Resultado: monumentos danificados, construções depredadas e toneladas de detritos sobre a cidade. O evento chegou a ameaçar o prefeito de Veneza, incapaz de responder aos protestos da população.

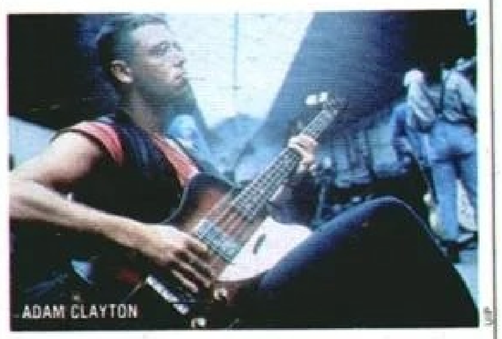

Claudia Canas/Azul

A VOLTA DO CAN

Depois de uma longa ausência de mais de dez anos, o grupo alemão **Can** retorna ao cenário pop com um novo LP, ainda em fase de gravação. A banda — que influenciou, entre outros, Talking Heads, PIL, Fall e Jesus & Mary Chain — ainda tem seus primeiros LPs relançados lá fora em CD. São oito discos lançados entre 69 e 74, que ilustram o ecletismo do grupo alemão — um dos primeiros a conferir tratamento eletrônico aos seus instrumentos, desenvolvendo e aperfeiçoando a colagem eletrônica no rock.

A MORTE DO REI DO BAIÃO

Morreu no dia 2 de agosto, em Recife, o cantor, compositor e sanfoneiro **Luiz Gonzaga**. A morte foi provocada por uma parada cardíaca — ele estava internado há 42 dias com câncer e osteoporose. Considerado um dos maiores compositores da MPB — com clássicos como "Asa Branca" e "Assum Preto" — Gonzaga foi ainda o criador, ao lado de Humberto Teixeira, de um dos ritmos mais populares do Nordeste: o baião.


ADAM CLAYTON

POUCAS & BOAS II

Adam Clayton foi preso no início de agosto em Dublin, na Irlanda, por porte e tráfico de maconha. O baixista do **U2** foi liberado depois de pagar uma fiança de oitocentos dólares ⊗ **Michael Jackson** ofereceu à irmã La Tova Jackson cinco milhões de dólares. Tudo para que ela desista de publicar sua autobiografia, *Growing Up in the Jackson Family* ⊗ Morreu no dia 15 de julho **Nesuchi Ertegun**, um dos fundadores do selo Atlantic — responsável por alguns dos mais importantes lançamentos de jazz e rhythm'n'blues dos anos 40 e 50, que voltaria as atenções para o rock no final dos anos 60, lançando, entre outros, **Led Zeppelin**. Ertegun tinha 71 anos.

PRINCE EM HOLLYWOOD

Animado com o sucesso da trilha sonora de *Batman*, **Prince** está novamente de olho em Hollywood. Estão previstos quatro filmes, entre eles um musical chamado *Graffiti Bridge* — estrelado por Prince e dirigido por Albert Magnoli (*Purple Rain*) — e uma biografia do patriarca do blues **Robert Johnson**. No momento, Prince grava seu novo LP — que terá faixas produzidas por Mark Moore, do **S'Express** (que já havia remixado "Batdance") — além de produzir o álbum de estréia de **Kim Basinger**, a Vicki Vale de *Batman*, e mais um disco do **Time**.

WEA

MUITO ALÉM DO INXS

Apesar do **INXS** estar em franca atividade, com um LP previsto para breve, **Michael Hutchence** tem encontrado tempo para realizar antigos projetos. O vocalista retorna à sua carreira cinematográfica — iniciada com o australiano *Dogs in Space* — no papel do escritor Percy Shelley, um dos personagens principais de *Frankenstein Unbound*, que marca a volta do gênio dos filmes B, **Roger Corman**, à direção. Hutchence contracena com John Hurt e Raul Julia, entre outros. No setor musical, Hutchence ataca com nova banda: a **Max Q**, na qual a estrela principal é o australiano **Ollie Olsen**, vocalista da banda punk **No**. "É uma banda, não um projeto solo", enfatizou o vocalista. Qualquer semelhança com a **Tin Machine** de David Bowie é, segundo ele, mera coincidência. "Embora nós também tenhamos pensado em usar termos estúpidos."

Polygram

THRASH BOYS

O tecladista tem apenas oito anos – um a menos do que o vocalista e o baterista. Eles formam a banda **Old Skull**, que acaba de lançar seu primeiro LP, *Get Outta School*, depois de abrir alguns shows para o **Sonic Youth**. Segundo a *NME*, os garotos fazem thrash metal puro, com letras sobre Aids, hot dogs e menores abandonados.

SHOWBIZZ

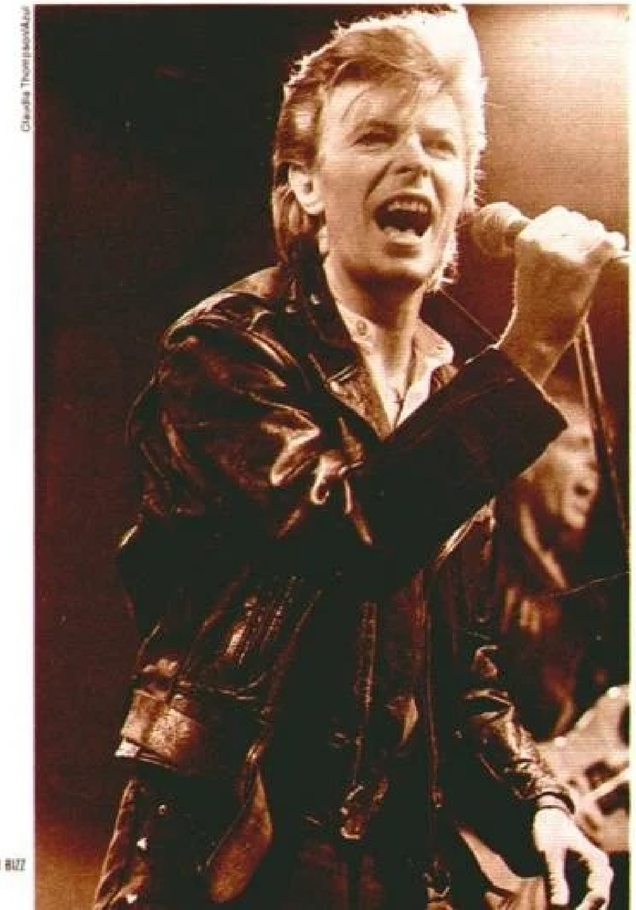
PÁSSAROS EXPLOSIVOS

Eles encerram seus fulminantes shows de trinta minutos destruindo suas guitarras no palco, depois de expulsarem os fãs mais afoitos com chutes e golpes de microfone. Suas aparições em público são sempre caóticas, com brigas na platéia ou no palco. "Não é uma relação de amor, o que existe é frustração, raiva. É uma energia compartilhada entre banda e platéia", explica Vince, guitarrista da **Birdland**, banda que chegou ao primeiro posto da parada independente inglesa com seu segundo single, "Paradise". A estréia do grupo inglês no vinil aconteceu em abril de 1989, com o single "Hollow Heart", classificado pela *New Musical Express* como um "rock'n'roll loucamente contagiante e Clash-trofóbico". O som da banda — descrito como algo entre os Stooges e os Sex Pistols — é um contraponto para a imagem criada pelos irmãos Robert (vocais), Vince (guitarra) e Sid (baixo) e pelo baterista Kale: todos ostentam belos cabelos louros, cuidadosamente despenteados. Para Vince, o sucesso da banda é inevitável — a não ser que eles se separem antes disso. "Às vezes acho que devíamos implodir rapidamente ou ficar juntos por mais cinco anos. Saberemos quando parar."

Paul Mendelson/Azul

NAS TELAS

Iggy Pop está no elenco do novo filme de **John Waters** *(Hairspray, Pink Flamingos): Cry Baby* ⊗ **River Phoenix**, a versão adolescente de Indiana Jones, acaba de formar uma banda, na qual atua como vocalista e guitarrista, chamada Aleka's Attic ⊗ O diretor **David Lynch** estréia como produtor no álbum do cantor **Julle Cruise** — que cantava a música-tema de seu filme *Veludo Azul* ⊗ **Debbie Gibson** é a estrela de *Skirts*, de **Danny Ortega** *(Dirty Dancing)*.



Claudia Thomé/photoAzul

VINIL FRESCO II

Sound & Vision é o nome do pacote lançado pela Rykodisc norte-americana, com material raro ou inédito de **David Bowie**. São três CDs que incluem gravações realizadas ao vivo durante o último show de **Bowie** ao lado dos **Spiders from Mars**, e duas covers para músicas de **Bruce Springsteen**: "It's Hard To Be a Saint in the City" e "Growin' Up" — além de um álbum de 72 páginas ⊗ *The Two-Tone Story* é o nome do álbum duplo que reúne os principais representantes do movimento. Estão presentes **Madness**, **Specials**, **Beat** e **Selecter**, entre outros ⊗ O **Sigue Sigue Sputnik** lançou um novo single: "Rio Rocks". A versão em CD inclui um "Samba Remix", gravado durante a passagem da banda pelo Brasil ⊗ **Liza Minnelli** canta cinco músicas dos **Pet Shop Boys** no LP *Results* ⊗ *On Returning (1977 - 1979)* é o nome da coletânea que reúne 22 faixas do grupo **Wire** ⊗ O **Kool & The Gang** está de vinil novo. Chama-se *Sweat*.

VALEU A PENA ESPERAR.

Dolphin

Geração 90

Tremolo Floyd Rose
Tarraxas e Pontes Importadas
Cordas D'Addario
Captadores Ativos "Reflex Reds"

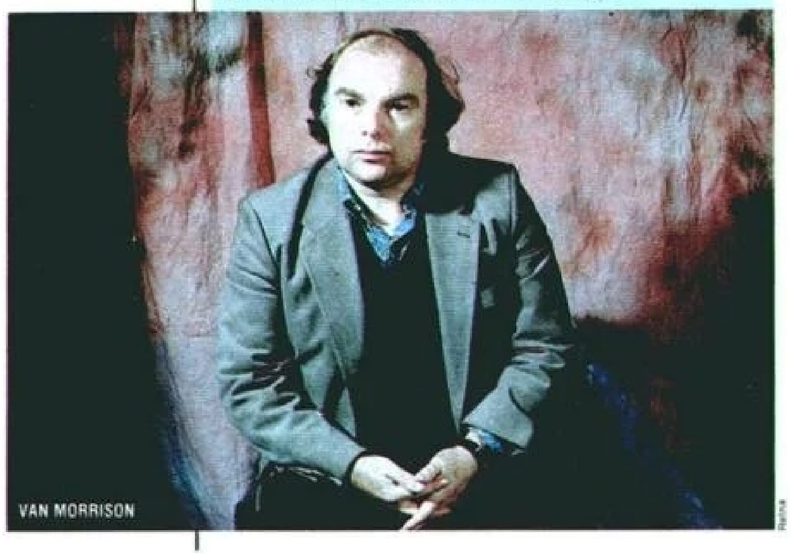
9 Modelos de Guitarras
6 Modelos de Contra Baixos

DOLPHIN IND. E COM. INSTR. MUSICAIS LTDA.
Rua Mario Regallo Pereira, 456
São Paulo - SP - 05550

TIME OUT: OS LEITORES VOTAM

A *Time Out* publicou uma nova relação com os 100 melhores LPs de todos os tempos — dessa vez, a votação esteve a cargo dos leitores. Apesar da coincidência nas duas primeiras colocações, a lista é bem diferente da elaborada pela crítica, com a inclusão de grupos como **U2**, **INXS** e **Talking Heads**, além de maior destaque para os **Smiths** e os **Beatles**. Outra característica foi a escolha de discos mais recentes, como *Technique*, do **New Order** (48) e *Doolittle*, dos **Pixies** (98). Aí vai a lista dos dez primeiros (entre parênteses, a posição na votação da crítica):

1 (2) VELVET UNDERGROUND & NICO
2 (1) SIGN O'THE TIMES — Prince
3 (12) ASTRAL WEEKS — Van Morrison
4 (32) THE QUEEN IS DEAD — Smiths
5 (6) BLONDE ON BLONDE — Bob Dylan
6 (22) REVOLVER — Beatles
7 (33) BLOOD ON THE TRACKS — Bob Dylan
8 (64) SGT. PEPPER'S LONELY HEARTS CLUB BAND — Beatles
9 (-) DARK SIDE OF THE MOON — Pink Floyd
10 (8) WHAT'S GOING ON — Marvin Gaye


VAN MORRISON

O IMPÉRIO DOS SAMPLERS

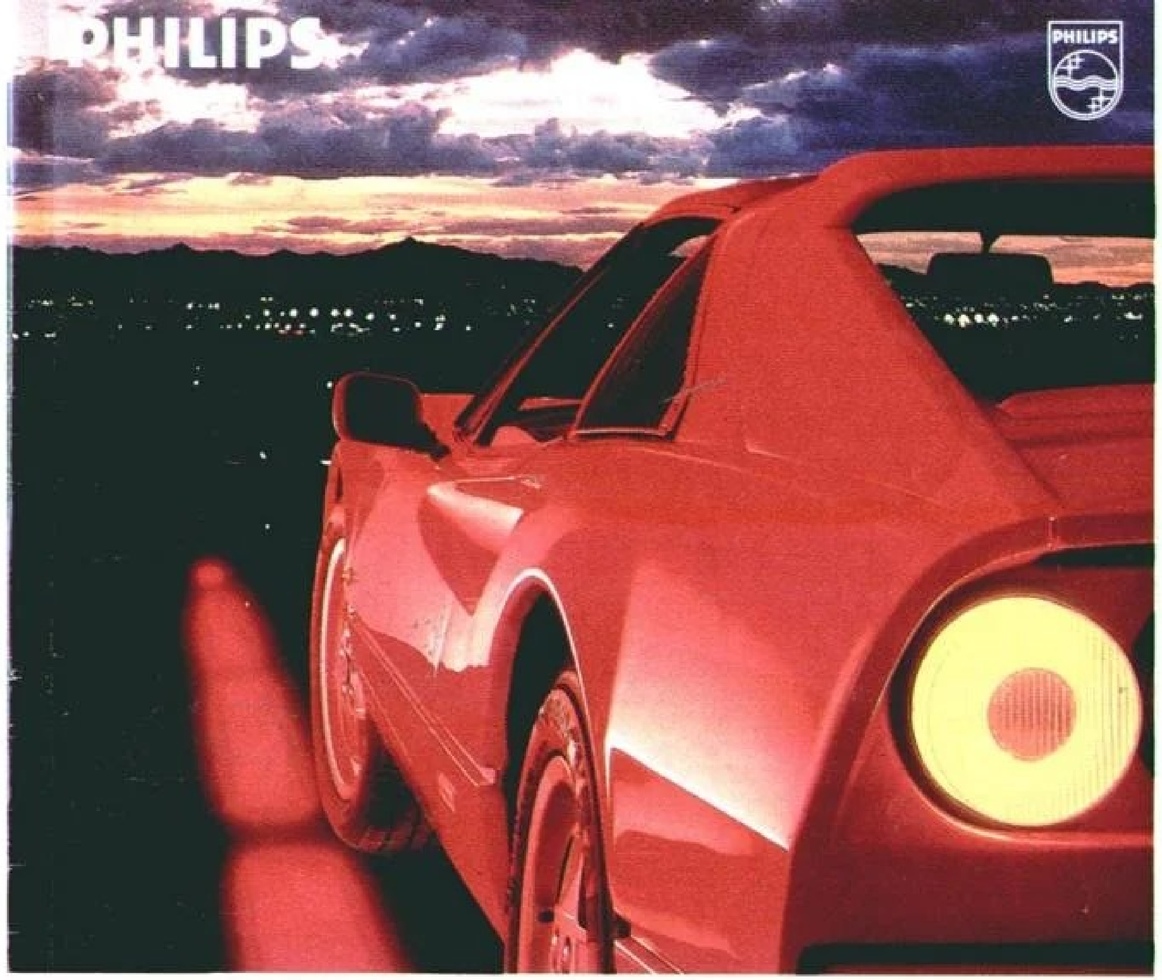
L'eau Rouge é o nome do segundo LP dos **Young Gods**, que acaba de ser lançado na Inglaterra. O grupo, aclamado pela crítica na época do lançamento do seu álbum de estréia (ver BIZZ 26), em 1987, traz uma mudança na sua formação. Cesare Pizzi, o principal operador dos samplers — único "instrumento" utilizado por eles — deixou a banda por "motivos financeiros", e foi substituído por Al Comet. Segundo Treichler, vocalista, esse é um trabalho mais elaborado. "Isso porque agora temos samplers melhores", explicou.

OUTUBRO NO ROCK

3/10/67 — Morre Woody Guthrie, um dos mais influentes compositores da folk music americana
4/10/70 — Janis Joplin morre de uma overdose de heroína
10/10/81 — O Ira! estréia num festival de música punk na PUC (SP)
12/10/71 — Morre Gene Vincent, um dos mais populares astros do rock'n'roll dos anos 50
12/10/85 — Morre de câncer Ricky Wilson, guitarrista do B-52's
12/10/87 — O Rush Hour — banda formada por Stanley Clarke, Debra Holland e os ex-Police Stewart Copeland e Andy Summers — inicia turnê no Brasil
12/10/88 — A turnê da *Anistia Internacional* chega ao Brasil. Cantam por Direitos Humanos Já! Milton Nascimento, Youssou N'Dour, Tracy Chapman, Sting, Peter Gabriel e Bruce Springsteen
18/10/68 — O Led Zeppelin faz sua estréia no Marquee Club, em Londres
20/10/88 — Morrem num acidente de avião Ronnie Van Zant, Steve Gaines e Cassie Gaines, todos do Lynyrd Skynyrd
21/10/88 — O Church inicia em São Paulo sua turnê pelo Brasil
22/10/82 — A Blitz faz o primeiro show da fase roqueira do Circo Voador, que servirá de base para a explosão do rock carioca
24/10/55 — Nora Ney grava o primeiro rock em português: "Ronda das Horas", versão de "Rock Around the Clock"
28/10/77 — Os Sex Pistols lançam seu primeiro LP, *Never Mind the Bollocks*

ERRATA

Em virtude de um erro de edição, a frase "alcoolizados e no volume máximo" — referente aos dois jovens que morreram em um acidente depois do show do **Guana Batz** — não foi retirada do texto do Ao Vivo de BIZZ 49. A informação é incorreta e não deveria constar das páginas de BIZZ.



CERTAS COISAS, SÓ UMA MINORIA PODE OUVIR.

O Philips Car Stereo reduz ao mínimo o trabalho do motorista que quer ouvir o melhor som, proporcionando mais segurança e mais conforto ao dirigir. Tem o exclusivíssimo AUTOSTORE, que, a um único toque, faz tudo: seleciona, sintoniza e memoriza automaticamente as estações com melhor sinal da região onde você estiver. E o Controle Remoto, que também a um simples toque sintoniza a estação seguinte. Você conta ainda com PLL digital de até 20 memórias, 60 watts de potência, além de outros recursos e uma completa linha de acessórios. Entre para o mundo exclusivo do Philips Car Stereo. E conheça a diferença.

Philips Car Stereo

O SOM QUE FAZ A DIFERENÇA.

Dock. Dique, embarcadouro. Esta é a primeira dica pra mergulhar na história.

Side. Parte lateral, superfície. Por esse lado, você já pôs os pés na aventura. Na década de 30, a paixão pelo iatismo levou o americano Paul Sperry a criar um sapato próprio para usar em barcos. Assim nasceu ***Docksides***, com charme e resistência até debaixo d'água. Desde os anos 70, quando chegou ao Brasil com fabricação exclusiva da ***Samello***, a onda de sucesso tem sido a mesma que o consagrou com a juventude dos Estados Unidos e Europa. Também não é pra menos. ***Docksides*** é produzido com idêntico design e componentes do original. Por isso virou um clássico em esportividade e bom gosto. Na hora de escolher os seus, não entre em barca furada. Junte-se aos marinheiros de muitas viagens.

O ESPORTIVO QUE VIROU CLÁSSICO.

SAMELLO
DOCKSIDES
styled in USA

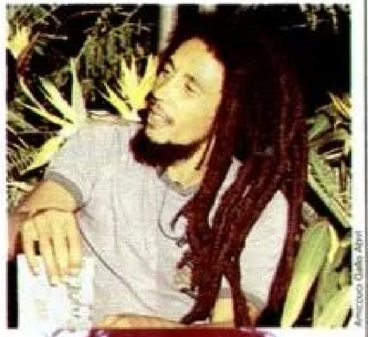
Solados com qualidade MSM

OUTUBRO 89

Priscila Farias

O mercado internacional é o sonho de onze entre dez bandas brasileiras. Em geral, ele não se concretiza e a exceção que confirma a regra não depende de investimentos milionários ou mixagens em Los Angeles, mas justamente do contrário. O circuito alternativo, sobretudo o europeu, vem se mostrando muito mais receptivo e dinâmico. O **Ratos de Porão**, seguindo uma trilha aberta a machadadas pelo Cólera e Sepultura, é o mais recente invasor. Seu quarto LP, que tem o sugestivo título de *Brasil*, foi gravado e mixado em Berlim, de onde partiram para uma miniturnê pela Holanda e Itália. **Priscila Lena Farias** acompanhou-os pelos caminhos de uma Europa que não está nos guias de turismo. Pág. 34.

No mesmo ano em que acabava a Segunda Guerra Mundial nascia, numa ilha do Caribe, Robert Nesta Marley, um homem que seria conhecido por sua música e sua mensagem de libertação. A Jamaica, antiga colônia inglesa de população predominantemente negra, estava destinada a ser o berço do reggae, o estilo que influenciou todo o rock a partir dos anos 70 e garantiu ao Terceiro Mundo um lugar no mapa-mundi musical. Foi **Bob Marley** quem tirou o reggae dos guetos de Kingston e popularizou-o no mundo inteiro. **Otávio Rodrigues** conta como o menino pobre de Trench Town se tornou um pop star. Na página 42, os primeiros passos no mundo da música. Na próxima edição, os anos do auge, além de sua discografia completa.


Americo Celso Alvi

EMI Odeon

Uma das "sensações" do ano é esta bela moça, **Neneh Cherry**. Filha de uma artista plástica sueca e um percussionista de Sierra Leone (África), cresceu freqüentando ensaios e shows com o pai adotivo, Don Cherry, músico que acompanhava o criador do free jazz, Ornette Coleman. Seu álbum de estréia, *Raw Like Sushi*, tem três faixas produzidas por outra jovem estrela, Tim Simenon (Bomb the Bass), já emplacou um hit no *Top Five* americano e tem sido o assunto quente de todas as publicações sobre música. Neneh e Tim estão na seção **Dance Music**, inaugurada este mês, que vai falar de todas as novidades do mundo das pistas de dança. **Marcel Plasse** começa com um pequeno histórico e conta tudo o que está agitando os quadris do mundo, na pág. 64.

Ricardo Saporito Azul

Durante um período da história recente do rock nacional, os principais pólos criativos eram Rio de Janeiro, Brasília e São Paulo. Há três anos, um grupo de uma cidade "longe demais das capitais" resolveu desafiar a hegemonia do Centro-Sudeste com seus próprios procedimentos. "Toda Forma de Poder" chegou às rádios de todo o país e começou o processo de conquista de um público cada vez mais numeroso e fiel. O nome peculiar, as letras longas, distantes tanto do contestatório quanto do romântico, não foram impedimentos para os **Engenheiros do Hawaii** conquistarem seu lugar ao sol. Às vésperas de lançar o quarto LP — parte ao vivo, parte em estúdio —, que consolida sua posição entre as grandes bandas do rock brasileiro, Humberto Gessinger, Carlos Maltz e Augusto Licks conversaram com **Lorena Calabria**. Pág. 20.

4 SHOWBIZZ

18 PARADA

20 ENGENHEIROS DO HAWAII
por *Lorena Calabria*

28 THE CULT
por *Perry Stern*

34 RATOS DE PORÃO
por *Priscila Lena Farias*

38 PIXIES
por *Fernando Naporano*

42 BOB MARLEY
por *Otávio Rodrigues*

46 ELVIS COSTELLO
por *Celso Pucci*

50 MIQUINHOS
por *Lorena Calabria*

54 CONEXÃO BRASIL

57 CABRA CEGA
Laurie Anderson

58 DANCE MUSIC
por *Marcel Plasse*

60 AO VIVO
Pet Shop Boys, Fall, Tin Machine

75 DISCOS
Neville Brothers, Skowa e a Máfia, The Who

86 LETRAS
"Birthday" Sugarcubes

88 CARTAS

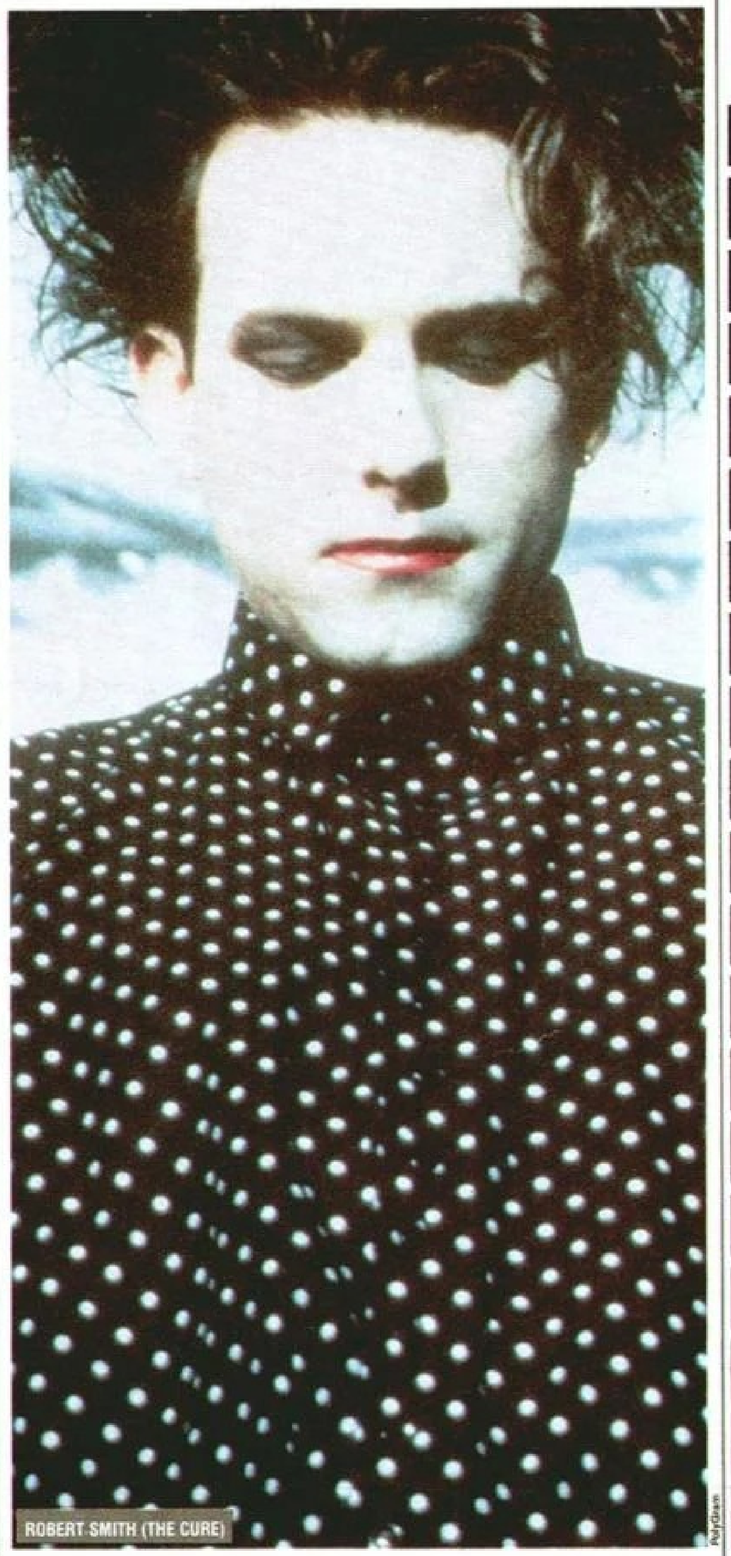
90 DISCOTECA BÁSICA
Younger Than Yesterday, The Byrds

OS ANOS 90 VÊM AÍ. DE CAMISETA HERING.

É, TIO, A GENTE QUER CASAR, SIM. DE FRAQUE, VÉU E GRINALDA. OU MESMO DE CAMISETA. O IMPORTANTE É QUE SEJA UM CASAMENTO ONDE TODO MUNDO RESPEITE TODO MUNDO. SEM ESSA DE MANDAR NA MULHER, NOS FILHOS, NO PAPAGAIO. A GENTE QUER FAZER IGUAL A VOCÊS, MAS DE UMA FORMA TOTALMENTE DIFERENTE.

Hering
VISTA ESTE CLIMA

PARADA


ROBERT SMITH (THE CURE)

LEITORES

1. *Technique* (1) — **New Order** — WEA
2. *Like a Prayer* (2) — **Madonna** — WEA
3. *Introspective* (4) — **Pet Shop Boys** — EMI-Odeon
4. *Disintegration* (N) — **The Cure** — PolyGram
5. *Go Back* (11) — **Titãs** — WEA
6. *On Tour in Brazil* (R) — **A-ha** — WEA
7. *GN'R Lies* (9) — **Guns N'Roses** — WEA
8. *Into the Dragon* (8) — **Bomb the Bass** — Stiletto
9. *Green* (3) — **R.E.M.** — WEA
10. *Cardume* (19) — **Nenhum de Nós** — BMG-Ariola
11. *Appetite for Destruction* (R) — **Guns N'Roses** — WEA
12. *O Tempo Não Pára* (R) — **Cazuza** — PolyGram
13. *Rattle and Hum* (6) — **U2** — WEA
14. *Big Thing* (5) — **Duran Duran** — EMI-Odeon
15. *Melhores Momentos* (13) — **Cazuza e Barão Vermelho** — Som Livre
16. *MM* (10) — **Marisa Monte** — EMI-Odeon
17. *A Night to Remember* (20) — **Cyndi Lauper** — CBS
18. *Rank* (12) — **Smiths** — Stiletto
19. *The Raw & the Cooked* (R) — **Fine Young Cannibals** — PolyGram
20. *Front by Front* (N) — **Front 242** — Stiletto

Lojas consultadas: **Cambio Negro** e **Cogumelo Discos** (Belo Horizonte); **Gramophone** e **Modern Sound** (Rio de Janeiro); **Bossa Nova**, **Musical Box** e **Yabba Dabba Doo** (São Paulo).

CONVENÇÕES:
( ) Indica a posição na Parada anterior
(N) Indica novidade na Parada
(R) Indica retorno à Parada

Leitor! Sua participação é indispensável para a Parada BIZZ! Escreva para a redação de BIZZ, Caixa Postal 60081, CEP 05098, São Paulo — SP, dizendo quais os discos que você comprou este mês. Acrescente seu nome, endereço e telefone, para que possamos voltar a consultá-lo

LOJAS

1. *Estrangeiro* (1) — **Caetano Veloso** — PolyGram
2. *Disintegration* (15) — **The Cure** — PolyGram
3. *GN'R Lies*(8) — **Guns N'Roses** — WEA
4. *Tin Machine* (10) — **Tin Machine** — EMI-Odeon
5. *The Innocents* (16) — **Erasure** — WEA
6. *...And Justice for All* (9) — **Metallica** — PolyGram
7. *101* (N) — **Depeche Mode** — WEA
8. *Original Soundtrack* (N) — **S'Express** — Stiletto
9. *Ballads* (N) — **John Coltrane** — WEA
10. *Beneath the Remains* (13) — **Sepultura** — Eldorado
11. *Surfer Rosa* (6) — **Pixies** — WEA
12. *What's that Noise?* (N) — **Coldcut** — Stiletto
13. *Introspective* (R) — **Pet Shop Boys** — EMI-Odeon
14. *Flowers in the Dirt* (N) — **Paul McCartney** — EMI-Odeon
15. *Batman* (N) — **Prince** — Warner Bros.
16. *Front by Front* (N) — **Front 242** — Stiletto
17. *Club Classics Vol. One* (N) — **Soul II Soul** — EMI-Odeon
18. *A New Flame* (N) — **Simply Red** — WEA
19. *Paradise* (N) — **Inner City** — EMI-Odeon
20. *Crossroads* (N) — **Eric Clapton** — PolyGram

LPs (EUA)

1. (N) *Batman* (Trilha Sonora) — **Prince** (Warner Bros.)
2. (1) *The Raw & the Cooked* — **F. Y. Cannibals** (MCA)
3. (9) *Hangin' Tough* — **New Kids On the Block** (Columbia)
4. (2) *Full Moon Fever* — **Tom Petty** (MCA)
5. (4) *Don't Be Cruel* — **Bobby Brown** (MCA)
6. (N) *Repeat Offender* — **Richard Marx** (EMI)
7. (N) *Walking With a Panther* — **LL Cool J** (Def Jam)
8. (8) *Girl You Know It's True* — **Milli Vanilli** (Arista)
9. (6) *Forever Your Girl* — **Paula Abdul** (Virgin)
10. (N) *Twice Shy* — **Great White** (Capitol)

LPs (GB)

1. (N) *A New Flame* — **Simply Red** (Elektra)
2. (1) *Club Classics Vol. One* — **Soul II Soul** (10)
3. (N) *Now Dance '89* — **Vários** (Virgin/EMI)
4. (7) *Don't Be Cruel* — **Bobby Brown** (MCA)
5. (N) *Cuts Both Ways* — **Gloria Estefan** (Epic)
6. (N) *Peace and Love* — **The Pogues** (Pogue Mahone)
7. (3) *Ten Good Reasons* — **Jason Donovan** (PWL)
8. (N) *The Twelve Commandments...* — **London Boys** (Teldec)
9. (R) *Appetite for Destruction* — **Guns N' Roses** (Geffen)
10. (N) *Deep Heat 3: The Third Degree* — **Vários** (Telstar)

LPs Independentes (GB)

1. (1) *The Stone Roses* — **Stone Roses** (Silverstone)
2. (N) *Margin Walker* — **Fugazi** (Discord)
3. (N) *3 Feet High and Rising* — **De La Soul** (Big Life)
4. (N) *Mlah!* — **Les Negresses Vertes** (Rhythm King)
5. (6) *Double Live* — **The Butthole Surfers** (Blast First)
6. (3) *Doolittle* — **Pixies** (4AD)
7. (N) *Lick* — **The Lemonheads** (World Service)
8. (2) *Tranzophobia* — **Mega City 4** (Decoy)
9. (R) *Surfer Rosa* — **Pixies** (4AD)
10. (N) *I Can Make You Dance* — **Richie Rich** (Gee Street)

Compactos (EUA)

1. (N) "Batdance" — **Prince** (Warner Bros.)
2. (N) "On Our Own" — **Bobby Brown** (MCA)
3. (N) "Right Here Waiting" — **Richard Marx** (EMI)
4. (N) "So Alive" — **Love and Rockets** (Big Time/RCA)
5. (N) "Once Bitten Twice Shy" — **Great White** (Capitol)
6. (N) "Lay Your Hands on Me" — **Bon Jovi** (PolyGram)
7. (N) "I Like It" — **Dino** (Island)
8. (N) "Cold Hearted" — **Paula Abdul** (Virgin)
9. (N) "Toy Soldiers" — **Martika** (Columbia)
10. (N) "Don't Wanna Lose You" — **Gloria Estefan** (Epic)

Compactos (GB)

1. (N) "Too Much" — **Bros.** (CBS)
2. (N) "You'll Never Stop Me Loving You" — **Sonia** (Chrysalis)
3. (6) "London Nights" — **London Boys** (Teldec)
4. (N) "Wind Beneath My Wing" — **Bette Midler** (Atlantic)
5. (N) "On Our Own" — **Bobby Brown** (MCA)
6. (N) "I Don't Wanna Lose You" — **Gloria Estefan** (Epic)
7. (N) "Swing the Mood" — **Jive Bunny** (Music Factory)
8. (N) "French Kiss" — **Lil Louis** (Ffrr)
9. (N) "Wouldn't Change a Thing" — **Kylie Minogue** (PWL)
10. (N) "Ain't Nobody" — **Rufus and Chaka Khan** (W. Bros.)

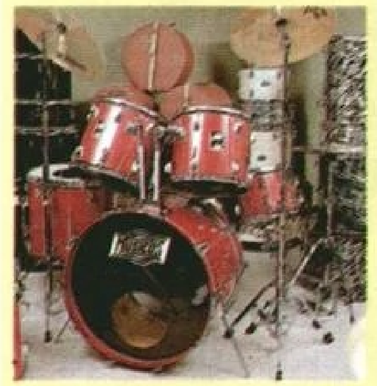
Compactos Independentes (GB)

1. (N) "She Bangs the Drums" — **Stone Roses** (Silverstone)
2. (N) "Say No Go" — **De La Soul** (Big Life)
3. (N) "Hypnotised" — **Spacemen 3** (Fire)
4. (N) "Pure" — **The Lightning Seeds** (Ghetto)
5. (N) "Peel Sessions" — **The Inspiral Carpets** (Cow)
6. (10) "Voodoo Ray" — **A Guy Called Gerald** (Rham!)
7. (7) "Paradise" — **Birdland** (Lazy)
8. (2) "Sally Cinnamon" — **Stone Roses** (Silverstone)
9. (N) "Wouldn't Change a Thing" — **Kylie Minogue** (PWL)
10. (N) "Pop" — **AR Kane** (Rough Trade)

Fontes: *Billboard* e *Cash Box* (EUA), *Melody Maker* e *New Musical Express* (GB), de 3 a 25/08/89. Para a *Parada dos Leitores*, foram consideradas as cartas recebidas até 30/08/89

MUSICOS

A loja dos bateristas



Rua Teodoro Sampaio, 763 - L 20
T: (011) 883-0882 / 280-2555
São Paulo - S.P.

LONGA QUILOMETRAGEM

Foi por um motivo extramusical que os ENGENHEIROS DO HAWAII pisaram pela primeira vez num palco.

Na faculdade de Arquitetura de Porto Alegre, os estudantes Humberto Gessinger e Carlos Maltz montaram uma banda para dar um show e não mais que isso. "Tinha umas garotinhas que queríamos impressionar. Foi só por causa disso", lembra Humberto. Ensaiaram um repertório com vários jingles, algumas covers de Roberto Carlos e músicas próprias com letras sobre a história da Arquitetura. Na época, estavam mais preocupados com a Bauhaus. "A escola, não a banda", ressalva Carlos.

Depois de quatro anos de estrada, lotando teatros e ginásios, chegou o momento de registrar seu som ao vivo, sem retoques. *Alívio Imediato* — o quarto LP — traz como subtítulo: "Tudo que uma Banda Pode Oferecer".

Para começar, vamos falar um pouco sobre o disco ao vivo...

Humberto (cortando) Não é um disco ao vivo, é o quarto disco. Não queríamos fazer um disco e vender como se fosse o show. Não vai ter *overdubs (remendos e/ou acréscimos em estúdio)*, o que já é um chavão. Mas, para passar um show, seria preciso um disco triplo para caber até o barulho que rola antes de a banda entrar. É cinismo dizer que o show está no vinil.

Por que as duas músicas novas foram gravadas em estúdio?

Humberto No início, tínhamos a preocupação com a diferença entre estúdio e ao vivo. Depois, descobrimos que é inútil tentar reproduzir estúdio ao vivo e vice-versa. Então, paramos de nos perguntar se somos melhores ou piores num ou noutro caso. Para evidenciar essa diferença, só colocando no mesmo disco. Temos maturidade suficiente para ser "duas bandas".

Carlos Chegamos até a gravar essas músicas ao vivo. Mas, por serem inéditas, resolvemos fazer todo o trabalho de estúdio, já que ele vem tendo uma linha evolutiva. Também estávamos super a fim de entrar em estúdio. Não temos muita paciência para segurar uma música.

Vocês já haviam pensado nesse disco?

Augusto Quando eu comecei a tocar na banda, o que eu menos queria era gravar ao vivo *(risos)*.

Humberto Eu nunca gostei de ouvir nossas fitas ao vivo. Quando tocávamos com a outra formação, era outra banda. Eu tinha uma relação mais leviana com a guitarra. Agora mudou tanto... Tínhamos que registrar isso. Os que eu gosto mais, dos discos ao vivo, são os piratas, onde tu ouve mais a voz do cara ao lado do que o P.A. Mas, infelizmente, não podemos fazer um pirata nosso, não temos status *(risos)*.

Afinal, é ou não um "disco de sucessos"?

Humberto A princípio, éramos contra isso. Queríamos mostrar o outro lado da banda. Quando ouvimos a fita do show, vimos que era uma demagogia, porque as músicas que ficaram mais diferentes foram as que tocaram em rádio. As outras, tocamos praticamente igual. Diante do impasse, optamos pelas melhores, hits ou não. E neste disco tem um quarto membro: a platéia. Demos uma superatenção; não dá para forjar. Eu ouço discos ao vivo nacionais e sinto que a participação da platéia é concentrada apenas num momento onde cabe um yeah, yeah...

E o que ele representa na carreira do grupo?

Humberto Este disco é uma ruptura, assim como houve uma do primeiro para o segundo. O terceiro teve uma certa continuidade. Agora estamos morando aqui *(Rio de Janeiro)*, encaramos o estúdio de outro jeito. Mas essas são mudanças formais, porque o conteúdo, em tese, não mudou. Continuamos os mesmos.

Carlos É como se fosse um retrato do que já foi feito e um esboço do que vai rolar. As músicas novas vêm com um outro tratamento de estúdio. Tínhamos uma visão supergaúcha da tecnologia. Um medo que já dançou, não só pelo fato de estarmos no Rio, mas pelo tempo de estrada.

Até que ponto vocês estão abertos para a tecnologia? O teclado já está incorporado ao som da banda?

Humberto Quando a gente levava esse papo de techno, não paramos para pensar. Aí, quando resolvemos abrir a jogada do trio, pensamos em tecnologia e chegamos a conclusão de que nenhum instrumento é mo-

Rui Mendes Azul

ral. Moral é a utilização que se faz dele. Então, colocamos certos limites entre a tecnologia excessiva e a necessária. Tem coisas que são calhordas em qualquer parte do mundo. Tocar com *click*, por exemplo *(N. da R.* — Click track, *metrônomo, ou bateria eletrônica, passado para o baterista por fones de ouvido, para que mantenha o ritmo "certinho").* Daqui a trinta anos, vão olhar para nossa época e ver que as bandas tocavam com *click* na bateria. É um absurdo. Mas o teclado se encaixa completamente como instrumento. Está abrindo as fronteiras do trio. E olha que esse timbre de órgão já estava fora mesmo em 1969.

Augusto O teclado pintou na estrada. Eu levava para ficar brincando. É um teclado supervulgar e o usamos como um pedal, da mesma maneira que mudamos um arranjo.

Ainda há pouco, falou-se em abrir o trio. Essa formação implica em alguma limitação?

Humberto Acho que não. Nos anos 70, os trios eram fenômenos. O Cream *(ativo, na verdade, entre 1966 e 68)*, Rush, Police... Entrou para a história do rock'n'roll essa coisa do trio de fodões. Aí vieram os punks em 1977. Nós somos um trio com a mesma cabeça, sei lá, dos Sex Pistols, do "faça você mesmo". Então, a limitação fica relativa. O Police ensinou uma coisa genial para o trio: ao invés de ficar botando, tira. Abre espaço para o trio. Tentamos isso com guitarras e teclado. O *power trio* é muito heróico. Queremos fugir disso. Nenhum dos três aqui é super.

Carlos Na verdade, nem sabemos se há algo fazendo falta, porque nós compomos as músicas e só nós tocamos.

Nem sempre. "Terra de Gigantes" e "Você É o Que Faz..." foram gravadas por outros. O que vocês acharam do resultado?

Humberto A Dulce *(Quental)* ouviu "Terra..." no rádio e resolveu gravar. Só a conheci depois, num show dela. Ficou superlegal. É bem ela, e a música é nossa. Claro que mudou, mas não tenho grilo. Tem gente que fala: "Pô, foderam a música, botaram bateria". Não, nós gravamos sem, mas ela grava do jeito que quiser. E é legal ouvir uma música minha bem cantada *(risos)*, porque geralmente são mal cantadas. A parceria com Dé pintou nos camarins do teatro Ipanema. Ele fez uma música genial, é o máximo. Pensamos em gravá-la neste disco, ensaiamos mas não ficou. Engenheiros. A música do Barão é muito forte, porrada demais. E tem mais: o resultado que eles conseguiram foi bom demais. Então a versão é deles.

De que maneira a mudança para o Rio pode influenciar o trabalho da banda?

Carlos Não foi nada premeditado. A gente vive e não vive aqui. Não freqüentamos os lugares. Nossa vida é a mesma aqui ou em Fortaleza. No Rio, o esquema de produção é super-rápido e facilita muito morarmos aqui. Passamos três anos na sombra.

Humberto Estamos em processo de mudança desde que saímos de Porto Alegre porque ficamos um ano sem estar em lugar nenhum. Teve uma transição dolorosa. Descobri que fica mais óbvia a Porto Alegre que tu carrega contigo porque o contraste é maior. Ser branco aqui é um insulto; tomar chimarrão é exótico.

Fotos Ricardo Soutera Azul

Augusto A mudança para cá não foi uma experiência. No início, já existia essa possibilidade. E já estávamos virando um chavão em Porto Alegre, "os representantes do rock gaúcho".

Mas essa postura não foi sugerida pela própria banda com *Longe Demais das Capitais*? Para se livrar desse rótulo de rock gaúcho, a relação com a mídia mudou?

Humberto Não é só ser gaúcho, é ser estrangeiro. Se o Caetano, que caga regra há vinte anos, se sente assim, que dirá nós, sem ter poder nesse lance. Para mim, a mídia não existe, a não ser algumas pontes para chegar até as pessoas. Agora nossa situação mudou. Já somos respeitados em Porto Alegre porque não moramos mais lá. A mídia muda aleatoriamente porque é supervolátil. Nossa visão também é outra. Ou o teu trabalho é forte o suficiente para agüentar um *Globo de Ouro*, ou não. Quando a gente lançou esse papo de "longe demais...", ele era completamente otário. Lá em Porto Alegre, todo mundo queria ser inglês. Só a gente tinha essa idéia. Aí começou a ficar heróico e já vi isso até em *release* de outra banda. Eu estou fora de qualquer sindicato. Quando vira maioria, fica um discurso muito chato, que nem o Brizola...

Carlos Quando lançamos isso, era de uma cafonice atroz. Somos fanáticos por estas idéias, estes chavões nos atraem de uma maneira irracional. Era sincero e essa jogada de bandeira aconteceu aleatoriamente à nossa vontade. Hoje somos uma banda nacional.

Falando nisso, como têm sido as viagens pelo Brasil, tocando em lugares tão diferentes?

Humberto A gente tem uma grande diferença. Com as outras bandas, parece que é a mesma música que toca no Brasil inteiro. Com os Engenheiros, acontece uma música em cada lugar. É um lance extremamente positivo. Isso é o Brasil. Botar um espartilho nesse país seria um absurdo, porque ele é muito díspar.

Carlos Semana passada, recebemos uma notícia da gravadora sobre a vendagem dos nossos discos. Os três venderam em torno de cem mil cópias. Isso significa que são praticamente as mesmas pessoas. Então podemos viajar bastante sem sermos superestrelas. Isso depende pouco da mídia e dá liberdade, cativada com as viagens durante quatro anos.

Como as viagens afetam o trabalho da banda?

Humberto Antes de tocar, eu nunca tinha atravessado a fronteira do Rio Grande do Sul.

Carlos Ele não saía da quadra dele.

Humberto Quer dizer, eu odeio viajar, mas adoro viajar com a banda. Não prejudica. Só, às vezes, quando seriam precisos cinco dias seguidos para gravar uma demo. Mas não temos essa de parar para compor. Tem que ser na estrada. E se marcarem para setembro e for uma época horrível para você? Nos quatro discos, não gravamos nenhuma música que não estivesse pronta antes.

Carlos Não saberíamos fazer de outra maneira. Fizemos uma turnê grande e só paramos por uma semana. Não agüentamos ficar longe da estrada.

Humberto Engraçado é que todo mundo monta uma banda e joga nela todas as frescuras intelectualóides. Nós já queimamos esta fase estudando Arquitetura. Não queremos fazer arte com A maiúsculo. Nem esperar o clima para compor. Uma banda não é música. Ninguém mais ouve música com o ouvido limpo. Uma banda é a camiseta do *roadie*, é a vida das pessoas. É isso que elas querem ver.

E qual é a importância das letras?

Humberto Eu dou o mesmo valor ao jeito que toco baixo. Só que ninguém fala disso. E é até mais interessante *(risos)*. Acho que rola muita besteira tocando no rádio. As nossas podem ser ruins, mas são pensadas. Isso faz com que as pessoas se posicionem. Adoro as críticas falando mal de nós porque foram feitas por alguém que se debruçou, ouviu o disco. Queremos ser ouvidos, não importa se vão gostar ou não. Nunca tive na minha cabeça isso de ser um letrista com uma banda atrás.

Augusto Acho as letras do "Alemão" ótimas porque conseguem verbalizar uma existência que estamos vivendo. Não a letra enquanto poesia, mas como uma coisa vulgar, comum.

Carlos Na verdade nunca pensamos se são boas ou ruins. O que importa é que sejam feitas por alguém da banda. Nunca tocamos covers.

Antes da banda, você costumava escrever, Humberto?

Humberto Quando era adolescente... as amarguras... Escrevia porque não tinha o que fazer sábado à noite. O mundo à minha volta ia à discoteca, mas essa não era a minha viagem. Hoje prefiro pensar que escrevo porque tenho uma banda. Acho que não teria saco para escrever se a banda acabasse.

Alguns versos, como "Nem sempre faço o que é melhor pra mim/Mas nunca faço o que eu não tô a fim", lembram ditados populares. Isso é proposital?

Carlos Somos absolutamente fascinados por isso, frases de efeito ou sei lá como chamam. De repente, duas coisas estandardizadas como o símbolo hippie e uma engrenagem, quando se juntam vão formar uma outra coisa. Essa é a viagem da banda.

Humberto O que me fissura nos ditados é que são superpresentes. Fico atento para pegar essas pérolas, essas frases de caminhão. A gente subverte uma palavra no fim e já cria um sentido ambíguo. O *nonsense* e o abstrato são geniais, o supra-sumo da cultura ocidental. Mas hoje em dia tenho horror da sua vulgarização. Acham que todo *nonsense* faz sentido, careteiram. O que a gente tenta é sair desse atoleiro de *nonsense*. É buscar o significado e enlouquecer, desmistificar a razão. Pegar um ditado teoricamente careta e subvertê-lo.

Além disso, as letras trazem citações literárias que não estão ao alcance do público em geral. O que pensam a respeito disso?

Humberto Acho discutível. Às vezes, a citação não precisa ser entendida. No mundo de hoje não tem diferença entre o Albert Camus e o Mike Tyson. São dois produtos de consumo. Eu saboreio Camus como saboreio Mike Tyson. A maioria do povo brasileiro entende mais de existencialismo do que de boxe. Cito Camus porque está mais próximo de mim. Acho que as pessoas entendem o que é "dândi", pelo menos tanto quanto eu. A "obra aberta" possibilita que uma música seja entendida em todos os níveis. Os Titãs conseguem isso. Caetano, o mais genial de todos, não consegue. Talvez nem a gente consiga. A nível de "intelectuália", citar Camus é kitsch e démodé. Para agradar a crítica, eu citaria Levi-Strauss na baía de Guanabara.

Carlos Fascista não é fazer citações pretensamente intelectuais, mas deixar de fazer por julgar que as pessoas não vão entender. Isso é intelectual e elitista.

Vocês conseguem identificar o público da banda?

Humberto Eu consigo. Tocamos para pessoas em dúvida, adolescentes. Em NY, ninguém tem dúvida; em SP, poucas pessoas; no Rio têm mais, e em Porto Alegre muito mais. Pessoas que têm medo da dúvida não nos interessam. O Caetano canta para um público de cinqüenta anos de idade. Eu quero pessoas que não sabem o que vão fazer depois do show, comprar um disco ou entrar para o exército. Pessoas que montam um fã-clube na segunda e desmontam na quinta-feira.

Humberto (no alto) e Augusto (acima): a garra de um trabalho forjado na estrada

"Ninguém mais ouve música com ouvido limpo. Uma banda é a camiseta do *roadie*, a vida das pessoas"

Lance Sala Azul

O trio, na época do lançamento de *A Revolta dos Dândis* (1987)

Como anda a relação de vocês com os fãs-clubes?

Humberto Eu tinha o maior preconceito, era uma coisa "intelectuália" minha. Achava que os artistas manipulavam os fãs. Até descobrir que é o fã-clube que te manipula. Para eles, não interessa se é Engenheiros do Hawaii ou Pink Floyd. A banda é um pretexto para se agrupar em torno de algo. É como a ostra, que precisa de um grão de areia para fazer a pérola. Aí comecei a achar demais e me arrepender de ter reprimido tantos fãs-clubes que montei na minha cabeça.

Carlos E eles estão mais interessados na banda do que nas pessoas propriamente. Os caras se ligam no símbolo da engrenagem, nas letras. Nosso fã-clube não é daquele tipo que arranca pedaço de cabelo, roupa...

E a juventude atual? Tem outro papel, além de figurar numa propaganda de refrigerante?

Humberto Hoje a juventude é superesperta. Trouxa é quem tenta encaixá-la nos parâmetros da juventude passada. Os anos 60 ficaram conhecidos como os da juventude de idéias políticas. Na década de 70, o lance era ser velho. Travolta usava terninho.

Carlos E a roupa que o Mick Jagger usava...

Humberto Era de velha! Depois veio aquela onda de cabelo cortado, milico, Rambo. Agora os cabelos estão voltando a crescer... *(risos)*. Está na hora de sair para a rua contra as usinas, atuar mesmo. Juventude não é uma época legal para ser hedonista... Eu fui chamado até de fascista por causa daquele verso. Mas é como dizer que a guria que tu gosta é nojenta. Tu quer é chamar a atenção dela. Nós tocamos com luminosos da Levi's no show.

Carlos É aquela jogada de ir contra o chavão. O que sobrou da rebeldia dos punks? Só a calça rasgada que hoje é vendida em butique. Mas, em qualquer lugar, juventude continua sendo a parte mais legal da sociedade. É onde repousa o futuro.

De um ano para cá, os Engenheiros se juntaram aos Paralamas, Titãs e Legião no chamado primeiro escalão do rock nacional...

Humberto (interrompendo) Onde é o chazinho? Na casa do Arnaldo ou do Renato? *(risos)* Essa divisão é subjetiva. Tem uma parte da crítica que coloca assim. Para nós não muda muito.

Mas não é uma classificação da crítica. São faixas de mercado, os mais vendidos...

Carlos Hoje em dia, temos uma produção grande. No Brasil, o status determina muito essa divisão.

Humberto A banda entrou nesse clube fechado não pela vendagem, mas pela credibilidade. Acho genial ter ranking, eleição no fim do ano. Ao mesmo tempo que é abobrinha, é rock'n'roll. Era o que eu lia: se Steve Howe era amigo de Dave Gilmour. Mas até hoje tem gente que não nos entende. Já essas bandas — Titãs, Legião, Paralamas — todo mundo sabe qual é a deles.

Vocês acompanham o que está acontecendo no meio musical?

Humberto Minha relação com a música são os discos que tenho. Leio na *Musician* e na *Guitar Player* sobre os discos lançados. Rádio, só AM.

Carlos Na BIZZ, só leio as matérias nacionais. Escuto muito rádio quando estou viajando. As coisas que tocam estão muito levianas. Entrar na mídia não é difícil, se manter nela é que é.

Humberto (risos) Tem muita banda sabendo exatamente o que vai tocar nas rádios. Eu acho que se o cara tem paciência para fazer "barata Kafka", é um mérito dele. Se tem saco para tocar uma versão de David Bowie que não diga nada e isso a seis meses de uma eleição presidencial, é mérito dele. Pode ser caretice panfletária minha. Acontece que hoje as bandas são uns gigolôs de rádio. Põem um hit lá e ficam ganhando uma grana. Não é assim, tem que ter vida própria, vida para os independentes, senão não vai ter rock brasileiro nunca.

Carlos Teve muita banda nessa de rock nacional que gravou disco antes de fazer show.

Humberto Eu ouvi uma banda que achei demais, Nau, mas me disseram que já acabou. Agora é hora de radicalizar. Tinha que vir uns guris tocando guitarra para c*.

Carlos Tem uns caras em Minas, o Sepultura.

Humberto Em SP, vi um show na TV dos Mulheres Negras com um monte de gente "loucona". E o carinha lá dava o endereço do jornalzinho em que ele escreve. Isso é o máximo. Deixa as rádios para os caras que fazem versão do David Bowie.

O que vocês acham de serem considerados arrogantes?

Carlos É justificável. Tem uma certa ingenuidade. Somos uns babacas, chegamos aqui cagando regra, falando mal de todo mundo e daí vem essa imagem. Mas gaúcho é assim mesmo, é um folclore em que a gente se amarra, essa coisa kitsch. Seguindo esse raciocínio, Brizola é arrogante...

Humberto É que a gente diz muita besteira. Mas acho que mais importante do que ficar falando bem ou mal de fulano é falar da estrutura, avisar as pessoas que tem essas jogadas, que são as rádios que apitam esse jogo. Outra coisa: acontece muito das bandas ou canários adotarem a postura da crítica em relação ao seu trabalho. A gente, por arrogância ou burrice, não faz isso. Uma crítica de dez linhas não vai mudar o que eu fiz em dez anos.

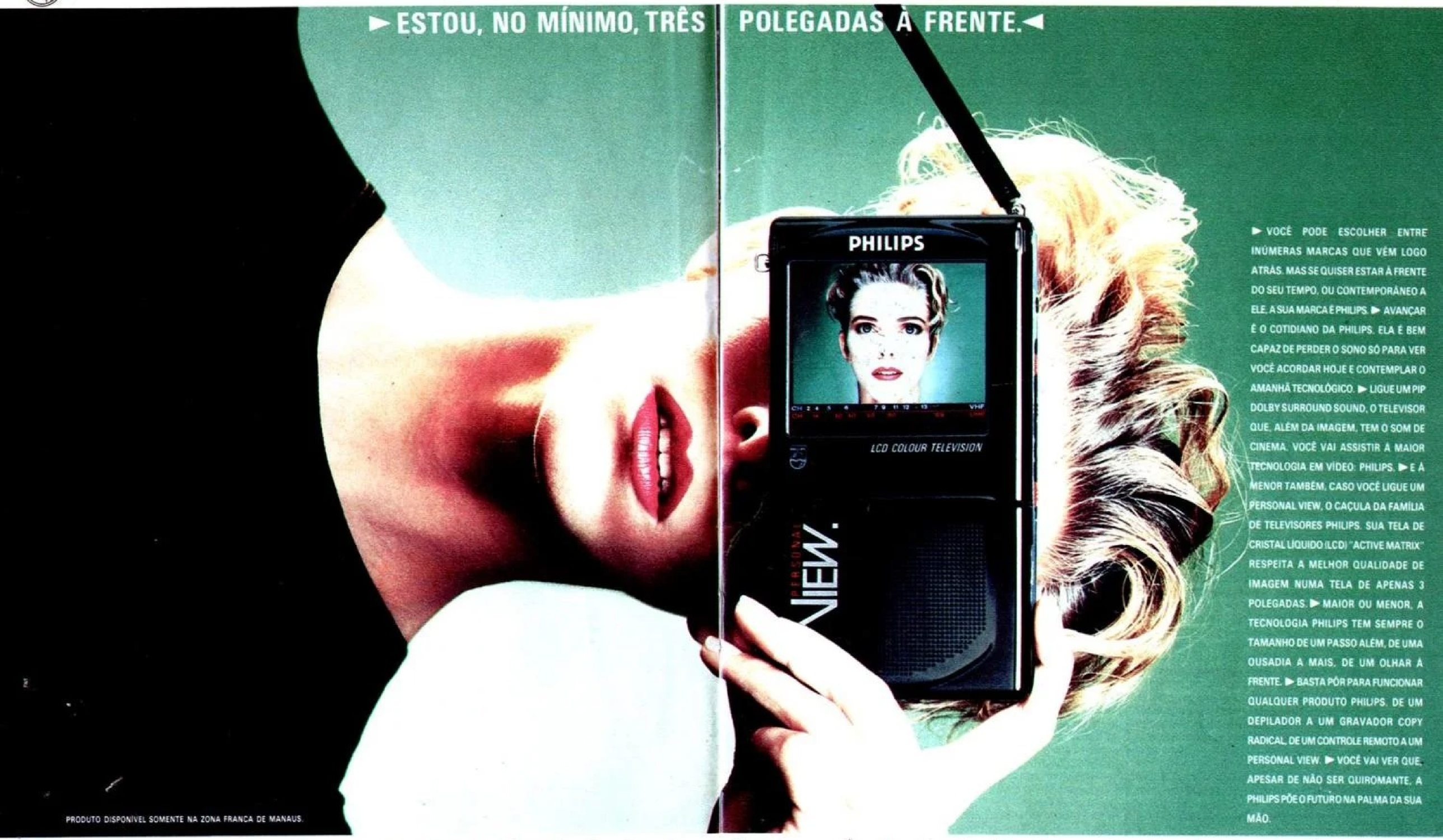
LIVRARIA CULTURA

MICKEY ROURKE
HOMEBOY
CHRISTOPHER WALKEN DEBRA FEUER
ERIC CLAPTON
Os melhores trabalhos solos
dos líderes das maiores bandas de todos os tempos
Eric Clapton
O Deus da guitarra está de volta numa trilha sonora imperdível com momentos magistrais do blues elétrico e acústico. Um disco pra se ouvir de cabo a rabo.
Pete Townshend
The Iron Man
Mais um trabalho conceitual do homem que deu ao mundo "Tommy" e "Quadrophenia". Um disco com participações muito especiais de John Lee Hooker, Nina Simone, e é claro do The Who.
THE IRON MAN
The Musical by Pete Townshend
Peter Gabriel
Passion
Trilha sonora de "A Última Tentação de Cristo". Uma experiência em termos de música, uma viagem com Peter Gabriel e seus convidados para uma terra estranha, um tempo distante.
Mais um lançamento em LP, Cassete e
Virgin
EMI

PHILIPS

PHILIPS

►ESTOU, NO MÍNIMO, TRÊS POLEGADAS À FRENTE.◄



► VOCÊ PODE ESCOLHER ENTRE INÚMERAS MARCAS QUE VÊM LOGO ATRÁS. MAS SE QUISER ESTAR À FRENTE DO SEU TEMPO, OU CONTEMPORÂNEO A ELE, A SUA MARCA É PHILIPS. ► AVANÇAR É O COTIDIANO DA PHILIPS. ELA É BEM CAPAZ DE PERDER O SONO SÓ PARA VER VOCÊ ACORDAR HOJE E CONTEMPLAR O AMANHÃ TECNOLÓGICO. ► LIGUE UM PIP DOLBY SURROUND SOUND, O TELEVISOR QUE, ALÉM DA IMAGEM, TEM O SOM DE CINEMA. VOCÊ VAI ASSISTIR À MAIOR TECNOLOGIA EM VÍDEO: PHILIPS. ► E À MENOR TAMBÉM, CASO VOCÊ LIGUE UM PERSONAL VIEW, O CAÇULA DA FAMÍLIA DE TELEVISORES PHILIPS. SUA TELA DE CRISTAL LÍQUIDO (LCD) "ACTIVE MATRIX" RESPEITA A MELHOR QUALIDADE DE IMAGEM NUMA TELA DE APENAS 3 POLEGADAS. ► MAIOR OU MENOR, A TECNOLOGIA PHILIPS TEM SEMPRE O TAMANHO DE UM PASSO ALÉM, DE UMA OUSADIA A MAIS, DE UM OLHAR À FRENTE. ► BASTA PÔR PARA FUNCIONAR QUALQUER PRODUTO PHILIPS. DE UM DEPILADOR A UM GRAVADOR COPY RADICAL, DE UM CONTROLE REMOTO A UM PERSONAL VIEW. ► VOCÊ VAI VER QUE, APESAR DE NÃO SER QUIROMANTE, A PHILIPS PÕE O FUTURO NA PALMA DA SUA MÃO.

PRODUTO DISPONÍVEL SOMENTE NA ZONA FRANCA DE MANAUS.

► P H I L I P S . P R O D U T O S D E Ú L T I M A G E R A Ç Ã O . ◄

ROCK É ROCK MESMO

IAN ASTBURY e BILLY DUFFY – vocal e guitarra do Cult – conversam com *Perry Stern* e definem seu trajeto, de "góticos" a "heavy, ma non troppo"

É aqui que tudo termina" é o primeiro verso que Ian Astbury canta em *Sonic Temple*. Mas, na verdade, é apenas o começo.

"É como lançar um desafio", explica ele, cuidadosamente. "O que o verso diz é: 'Tudo que aconteceu antes com o Cult não é tão concentrado ou poderoso quanto o que faremos neste disco' " E, faixa por faixa, Astbury e Billy Duffy provam que estavam certos.

Sonic Temple é um marco na história da banda, que já conta com seis anos de carreira. Presente no nascimento da fase gótica do pós-punk inglês, passando mais tarde a ponta de lança do revival neopsicodélico de meados da década, o Cult encontra agora uma maneira de seguir em frente, olhando para o passado. Ironicamente, sua jornada não o deixou à frente de algum solitário movimento de vanguarda, mas assentado firmemente no gênero musical mais popular do momento — o velho e bom rock'n'roll pesado, com base no blues.

"Quando você alcança um certo estágio, a única maneira de seguir em frente é voltar para trás musicalmente", explica Duffy. "Quem não faz isso acaba se perdendo." Quanto mais as coisas mudam, mais elas permanecem as mesmas.

É uma noite chuvosa de novembro em Los Angeles e o AC/DC acaba de lançar o último tiro com seu pesado canhão instalado no palco do Forum. Enquanto os metaleiros sacodem seus sinos ensurdecedores durante a apresentação de "Hell's Bells", Billy Duffy sorve os últimos goles de refrigerante no bar do Forum Club, e atende languidamente ao séquito que o assedia.

Enquanto o bar é tomado por fãs esperançosos e estrelas do rock local ("Lá está Axl" grita uma garota, de tal modo que Rose não conseguiria ignorar), Duffy cumprimenta uma seqüência aparentemente interminável de garotas, uma mais bonita do que a outra. Mostrando-se alegre para a maioria delas, pegando o telefone de algumas, Duffy parece mais satisfeito, porém, quando se despede. "Eu telefono", diz enquanto elas desaparecem na multidão.

Quando Astbury chega, todo de couro preto, de braço dado com sua deslumbrante namorada de longos cabelos negros, são os fãs masculinos que se ajoelham à sua frente. Depois de receber vários cumprimentos enérgicos de garotos que mal tiveram contato com o inglês britânico, o casal retira-se para um corredor externo. Lá, ficam à espera de uma decisão de Duffy e seus amigos para retornarem aos seus lares expatriados em West Hollywood.

Essa é, hoje, a dinâmica social do Cult. No palco, Ian é indiscutivelmente o centro das atenções, um sacerdote agitado, com uma incontrolável energia. Fora do palco, ele é calmo — não introvertido ou tímido, mas reservado, educado e distante. Satisfeito com o (discutível) papel secundário de guitarrista, Billy é, longe do palco, um amável e articulado contador de histórias, naturalmente amigável com os homens e determinado com as mulheres. Mas não foi sempre assim.

Em uma noite quente de verão, há pouco mais de um ano, Astbury encontrava-se em uma cela de concreto em Vancouver. Naquela noite, o vocalista mantivera-se, mesmo no palco, reservado e distante. No final de um show particularmente conturbado, Astbury perdera o controle: assombrado com a violência desnecessária usada pelos seguranças para afastar alguns fãs mais excitados, o vocalista lançou-se contra eles. Acabou atrás das grades, com três acusações de agressão.

"O vinho começou a fazer efeito, provavelmente" — relembra Duffy, com um humor que só a passagem do tempo permite —, "e Ian se transformou no Super-Homem, no Defensor da Nossa Juventude".

Era o fim da exaustiva turnê de lançamento de

Fotos: EMI Odeon

"O mais difícil era esperar até a hora do show... Às vezes, eu passava dos limites" (Ian)

Electric, o segundo álbum da banda como The Cult. Astbury e Duffy estavam bebendo nessa época. Bebendo muito.

"Aquela turnê foi maluca", recorda Ian. "Cento e cinqüenta shows nos Estados Unidos, Canadá, Europa e Austrália. Caímos numa armadilha. Vivíamos para o palco. O mais difícil era esperar até a hora do show — eu precisava ficar 'ligado' 24 horas por dia. Às vezes, passava dos limites." O que mantinha Astbury "ligado" era o álcool.

O incidente de Vancouver foi "uma manifestação descontrolada da minha tendência à auto-destruição. Eu estava brincando com uma bomba, e ela explodiu na minha cara".

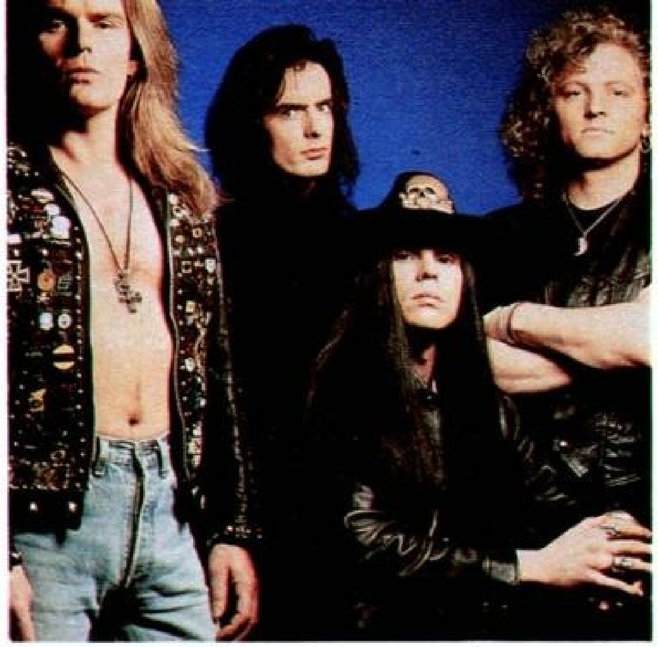
Fechado numa cela de concreto gelada, ao lado de outros dez presos, Astbury suportou por doze horas a hostilidade dos seus colegas de prisão e o sarcasmo dos guardas. "Foi só a partir daí", ele relembra com remorso, "que eu comecei a imaginar que poderia haver um jeito melhor de canalizar minhas energias". Pouco tempo depois, as acusações seriam retiradas.

Nenhuma banda norte-americana pode avaliar com precisão a luta travada pelo Cult para conseguir fazer rock'n'roll. Apesar da insistência da onipotente imprensa inglesa em enquadrá-los no gênero mais quente de cada estação, o Cult sempre se mostrou determinado a driblar as tendências da moda.

Astbury, Duffy e Jamie Stewart (baixo e guitarra rítmica) funcionam como núcleo da banda desde 83. Astbury, criado em Liverpool, atuou como vocalista da banda gótica Southern Death Cult — sua primeira incursão musical —, durante dois anos. O grupo tinha um grande número de seguidores, atraídos pela estranha imagem calcada nos índios americanos, introduzida por Astbury — há muito fascinado pela cultura indígena — e pelo estilo lúgubre e tenebroso da banda.

Um mês depois do lançamento do primeiro *single*, "Fat Man" (que liderou as paradas independentes inglesas por quase dois meses), o Southern Death Cult se desintegrou. (Seria lançado posteriormente um LP, com sobras de estúdio e gravações ao vivo, que leva apenas o nome da banda.) Astbury tomou o nome, tirou o adjetivo e começou a montar o Death Cult.

A vida musical de Duffy, porém, foi bem mais movimentada. Profundamente influenciado pela explosão dos Sex Pistols em 76, o guitarrista de Manchester começou sua carreira no inexpressivo Ed Banger & The Nosebleeds. Quando Banger e o guitarrista Vini Reilly (que criaria o Durutti Column) puseram fim à



banda em 77, Duffy e Steven Patrick Morrissey ocuparam os lugares vagos.

Depois dos Nosebleeds, Duffy passaria por uma série de bandas de vida curta — uma delas a muito elogiada Theatre of Hate. Sua próxima parada seria o Death Cult, para o qual haviam sido recrutados ainda o baixista e o baterista do desconhecido grupo Ritual — Jamie Stewart e Ray Mondo.

No dia 13 de janeiro de 1984, depois de oito meses e dois *singles*, a banda apareceu num programa de TV britânico, já como Cult. "Spiritwalker", o primeiro *single* da nova fase, alcançou o primeiro lugar nas paradas independentes inglesas.

Nessa época, o Cult ainda lutava para deixar o gueto gótico. Para apagar os aspectos mais sombrios de seu passado, dotaram seu primeiro LP, *Dreamtime*, de uma visão musical mais elaborada, lustrosa e colorida. Era um passo em direção a um estilo mais progressivo e barroco que refletisse o *acid rock*, com raízes no blues praticado por Hendrix e Joplin nos anos 60. Nascia o neopsicodelismo do Cult. Em maio de 1985, a banda consolidava sua reputação com um *single* impecavelmente elaborado, "She Sells Sanctuary".

Acima, a formação atual, com o baterista Matt Sorum (extrema direita

Seria mais uma armadilha. Com o lançamento de *Love*, em meados de 85 (com Mark Brzezecki como baterista), acabariam tachados de neopsicodélicos", da mesma forma que antes eram chamados de "góticos". Uma aparição na TV, ao lado do Dream Academy — outra banda que retomava os anos 60 —, endossou essa imagem também nos Estados Unidos.

Ainda assim, o Cult queria apenas fazer rock. Insatisfeito com os resultados das gravações para o terceiro álbum, o grupo saiu à procura do produtor mais requisitado do momento, o menino-prodígio Rick Rubin, do selo Def Jam. A idéia era retrabalhar o material, transformando-o no sonho dourado de qualquer roqueiro. "Nada de solos de guitarra com firulas", foi o lema de Rubin durante o projeto. Com *Electric*, o Cult finalmente se livrou dos últimos vestígios de sua origem britânica e entrou no redemoinho do rock americano.

Da mesma forma que promoveu a fusão do rap urbano negro com o rock americano branco — através da colaboração entre Run DMC e Aerosmith em "Walk This Way" —, Rubin costurou o som alternativo do Cult com os até então desprestigiados fios do rock. (O único grupo britânico de rock a fazer sucesso na época era o Def Leppard, ainda muito distante do multimilionário LP *Hysteria*.) Com o metal se infiltrando nas casas noturnas — via scratching e sampling nos discos de rap — e a contribuição decisiva do Cult, ruíam as barreiras que não permitiam a entrada do rock mais pesado e não pop no *mainstream*.

Gravar *Electric* foi uma grande diversão adolescente", declara Duffy. As sessões de gravação no Electric Ladyland — o estúdio de Jimi Hendrix em Nova York — eram constantemente interrompidas por visitantes do Anthrax e Beastie Boys, além de um atencioso Robert Plant.

"No começo eu realmente não me dei conta de quem era ele", diz Astbury, relembrando a entrada de Plant no local de ensaio. "Ele percebeu que nossa música estava num estágio de formação, e as nossas influências estavam começando a aparecer. O que ele disse foi que demoraria um pouco para nos encontrarmos realmente. Acho que conseguimos isso com *Sonic Temple*."

"Acho que o gosto dos fãs evolui junto com a banda", sugere Duffy. "Não acredito que tenhamos tantos fãs góticos ou alternativos quanto antes. Eles cresceram um pouco e começaram a se interessar por uma forma mais verdadeira de música. Quando eu digo 'mais verdadeira', quero dizer rock como filho bastardo do blues — o que, para esses fãs, é música de raiz. Minhas raízes são Led Zeppelin, não Muddy Waters — ele pode ter influenciado Jimmy Page, que é muito mais velho do que eu. Eu cresci ouvindo Slade, Thin Lizzy e Black Sabbath. Provavelmente todos esses caras cresceram ouvindo os originais, eu não sei."

Se *Electric* enfrentou algum problema, foi o seu lançamento prematuro. Depois de excursionar abrindo para Billy Idol durante três meses, o Cult voltou para a estrada, tendo como show de abertura uma promissora banda de Los Angeles chamada Guns N'Roses. Enquanto os fãs antigos do Cult começavam a aceitar a idéia de que já não era tão feio tocar rock puro e simples, os fãs americanos ainda não haviam sintonizado a nova fase da banda. Ao final da turnê, a comercialização do rock pesado, até como música dançante, acabaria sendo muito mais lucrativa para o grupo de Axl Rose do que para as estrelas da turnê.

"Para ser sincero, sinto um pouco de inveja, é claro". Duffy não esconde seus sentimentos com relação à ascensão fenomenal do Guns N'Roses. "Quem não sentiria? Foi muito mais difícil para nós, sendo ingleses, vindos de um contexto onde esse tipo de rock era considerado imbecil e quem ouvia rock era retardado mental. Deixar tudo isso para trás e conseguir aceitação nos Estados Unidos, um país basicamente construído sobre o rock, foi incrivelmente difícil".

"O sucesso deles não nos surpreendeu, mas sua magnitude sim. São uma banda muito boa, mas não os acho tão criativos assim. Nada do que eles fazem me surpreende. Todo mundo faz sucesso com baladas: o próprio Guns N'Roses com "Sweet Child O' Mine", o Aerosmith com "Angel", o Bon Jovi com "Wanted Dead or Alive". Essas são as canções que projetaram esses grupos para um público muito maior. Existem no máximo dois milhões de fãs de rock pesado nos Estados Unidos. Para ultrapassar esse número, você precisa de uma balada que atraia as pessoas 'normais'".

"Como somos um grupo um pouco eclético, corremos alguns riscos. Existem muitas bandas nos Estados Unidos assustadoramente uniformes. Só tenho medo de que sejamos um pouco ecléticos demais para o público em geral, porque não nos submetemos às regras. Não vamos representar o teatro do heavy metal."

O que faz com que *Sonic Temple* seja um marco na evolução do Cult é a introdução de uma noção de maturidade e estabilidade no som da banda. Eles não se contentam mais com as grandiosas reverências aos deuses do rock (Led Zeppelin, Cream, Hendrix etc) realizadas em *Electric* — e, de forma mais amena, em *Love*. Aqui, eles demarcam claramente seu próprio espaço no firmamento do rock.

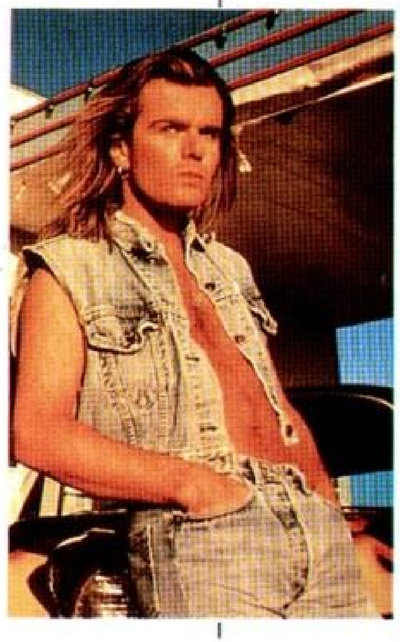
Um dos responsáveis pela atual credibilidade da banda, Billy Duffy, tem uma explicação para o estilo pessoal e climático da sua guitarra. "A diferença é que muitos guitarristas passam o tempo num quarto praticando um único tipo de som, treinando a técnica e testando sua velocidade. Eu passo o meu tempo combinando diferentes sons que possam, juntos, produzir atmosferas interessantes".

"Rock básico não deveria ser confundido com rock simples", conclui. "O que acontece com o tipo de música que tocamos é que, quando mal feita, fica desesperadamente ruim."

Por outro lado, o esforço realizado por Astbury para canalizar melhor suas energias revelou um vocalista mais competente e um letrista mais maduro do que nunca. "Quando você fala sobre blues as pessoas esperam ouvir a forma tradicional", comenta Duffy. "Mas blues, para mim, é como soul. Música real feita por pessoas reais, não uma música imaginária. Acho que as letras de Ian são escritas sob essa perspectiva. São as suas observações pessoais."

Astbury concorda. "Outras pessoas podem cantar sobre amor, ódio, guerra, morte, ou outro tema qualquer, mas sempre de uma maneira óbvia. Eu tento entrar dentro de personagens. Como em 'Soldier Blue', por exemplo. A música não fornece nenhuma conclusão, do tipo, 'a guerra é boa', ou 'a guerra é ruim'. Ela diz apenas, 'as coisas são como são'".

"Para ser sincero, sinto um pouco de inveja" (Duffy sobre o Guns N' Roses)



"Gosto de pensar nas minhas letras como 'fotografias sonoras'. Tento captar o gosto, o cheiro, a intensidade da experiência. Eu tento reunir imagens provocativas para que os ouvintes possam sentir essa experiência. Na canção 'New York City' (que tem Iggy Pop nos vocais), o que eu quero é explicar o meu primeiro contato com Nova York, fisicamente."

A maturidade expressa de forma tão eloqüente no álbum terá, obrigatoriamente, que ser traduzida para uma nova postura do grupo em relação às turnês. Tanto Duffy como Astbury acreditam que o estilo de vida e a programação de shows adotados em 1987 quase liquidaram a banda. Uma das coisas mais difíceis de contornar foi a frustração de abrir um show para outra pessoa — experiência que eles repetiram entre maio e agosto desse ano, em sua turnê americana ao lado do Metallica.

"Excursionar com Billy Idol por três meses, com direito a tocar apenas 45 minutos, foi muito frustrante", reflete Astbury. "Quando estávamos esquentando, tínhamos de cair fora. Essa frustração se manifestou em mais maratonas alcoólicas. Mais tarde, quando excursionamos com o Guns N'Roses, já estávamos dominados por esse estado de espírito."

O fato de voltarem à condição de show de abertura, nesta turnê do Metallica, deixou o grupo decepcionado. Mas, com uma boa dose de realismo, chegaram à conclusão de que seria boa idéia. Não apenas porque eles atingiriam enormes quantidades de fãs de hardcore — atraídos pela banda principal —, mas também porque poderiam retribuir, conferindo às estrelas da turnê credibilidade no cenário alternativo. Seria um casamento feliz.

"É mais do que um show de abertura", enfatiza Duffy. "O Cult foi apresentado como 'artista convidado', essa merda toda, mas, afinal, eles venderam mais discos do que nós. Temos que ser flexíveis."

A idéia inicial era contratar um baixista, para que Stewart pudesse assumir a guitarra rítmica. Infelizmente, a substituição não será possível até o final do ano, quando o Cult cai na estrada outra vez. A flexibilidade de Stewart é uma das razões que o tornaram uma força tão poderosa, apesar do seu silêncio, dentro do Cult.

"O Cult é praticamente uma parceria entre Ian e eu", explica Duffy. "A composição é dividida meio a meio, assim como a maioria das responsabilidades da banda. Jamie tenta ser o juiz, o bom-senso da banda. Ele é um baixista muito, muito bom. Mas, no cotidiano da banda, ele tem outra habilidade muito especial, a de assumir uma posição imparcial, a voz da razão. Ele prefere ficar na sombra, não ter que enfrentar as pressões do negócio. Ele gosta de poder desaparecer e cuidar da sua casa. Somos realmente um grupo. Somos nós três, desde 1983, com um membro rotativo na bateria."

Com um novo baterista (o californiano Matt Sorum), uma postura nova, um disco forte e a calma certeza de terem finalmente criado a versão britânica de um gênero musical decididamente americano, o Cult pode, em 89, alcançar o potencial apenas sugerido nos seus seis anos de carreira. O primeiro verso que Ian Astbury canta em *Sonic Temple* é "É aqui que tudo termina". Mas, na verdade, é apenas o começo.

Eu não procuro emoção: corro atrás.

Impulso, fé, medo, garra, raiva, lágrimas, euforia. Sensações que correm meu corpo, nas quadras, nas pistas, na vida. Com Adidas.

Maior firmeza nos pés. Material mais resistente. Desempenho superior em qualquer piso. Qualidades que reforçam um tênis. Na prática de todos os esportes. Nos agitos do dia-a-dia. AC 300.

active bodies by

adidas

NOS SUBTERRÂNEOS DO PRIMEIRO MUNDO

Uma viagem pelo circuito underground europeu com os RATOS DE PORÃO

Fotos Priscila Farias Azul

Chego em Berlim no dia 10 de junho, às sete horas da manhã. Gordo me espera no Music Lab, apenas meio acordado, e me conta um pouco do que aconteceu com os Ratos de Porão, desde que deixaram São Paulo numa tarde chuvosa no final de maio.

O RxDxPx nunca esteve tão longe de casa. Na verdade, com exceção de Spaghetti e Renato — que os acompanha como empresário e intérprete —, eles nunca tinham entrado em um avião. "O terror começou em Cumbica... Descemos no Rio de Janeiro com a maior adrenalina. Depois disso, dez horas espremidos no avião da KLM, brincando de casinha com aquelas comidinhas de brinquedo." Em Amsterdã, ficam hospedados em um *squat* (uma ex-escola ocupada por um grupo de punks anarquistas), um velho sonho de João. Eles permanecem por lá uma semana, flanando e vendo alguns shows.

Da Holanda, eles partem para Berlim, onde estão hospedados em um "apartamento" praticamente dentro do estúdio. "Aqui no Music Lab já gravaram bandas como Voivod, Inferno, Helloween, Boskops, Sodom, Tankard..." O estúdio está às vésperas de completar onze anos de existência. Harris Johns, o produtor de *Brasil*, o novo disco do RxDxPx, vem sendo apontado pela crítica internacional como um dos melhores produtores independentes de metal.

"O Harris é um cara muito legal. Paciente, muito profissional. Ele tem um ouvido mágico, pesca qualquer errinho. Acho que o disco está ficando muito bom. Estou dando conta dos vocais em português, mas acho que vai complicar com os vocais em inglês." A edição com letras em inglês foi uma exigência do selo Road Runner, que está produzindo o disco juntamente com a Eldorado e vai distribuí-lo na Europa e nos Estados Unidos.

"Quando começamos a fazer as músicas para este disco, não sabíamos que iríamos gravar na Europa nem que teríamos que fazer versões em inglês. O disco é a maior meteção de pau no Brasil. Quase todas as letras falam dos problemas do Brasil num tom 'tragicômico', tirando um sarro. Não sabemos se os públicos europeu e americano vão entender." O problema já começou na hora de traduzir as letras, cheias de gírias e expressões de difícil tradução. Por causa disso, a edição brasileira terá uma música a mais, "Plano Furado II", que se revelou completamente intraduzível. Algumas como "Será que a Minha Herança Ainda Vou Receber?" e "Vida Animal" foram compostas em Berlim e outras ("Gil Goma" e "Amazônia Nunca Mais") já estavam no repertório dos últimos shows antes da viagem à Europa.

Nessa mesma noite, fomos ao Empire Ecstasy ver um show com duas bandas de hardcore americanas — Lemon Heads e Bullet la Volta — e ficamos sabendo que a apresentação que os RxDxPx deveriam fazer lá foi cancelada. Um dos donos do clube, quando soube que se tratava de uma banda *crossover* (entre o metal e o hardcore), mandou suspender o show, pois "os headbangers poderiam destruir o local".

Dois flagrantes da miniturnê. Acima, Hengelo, Holanda. Abaixo, Florença, Itália

Alguns dias depois de minha chegada, Gordo começa a gravar os latidicos vocais em inglês. Um americano sorridente chamado Ros, justamente um especialista em assessorar bandas de língua não inglesa a traduzir e gravar versões em inglês, refez todas as traduções e, sempre que pode, vem acompanhar o trabalho. Harris Johns faz coisas incríveis como mixar pedaços de palavras como "coun" e "try" porque Gordo não consegue pronunciar "country" da maneira correta. Muito exigente. Harris faz com que Gordo repita, às vezes por dez minutos seguidos, uma frase ou uma palavra. O americano sorridente se diverte, dizendo que a pronúncia é ótima, "parece até com sotaque de Cleveland, Ohio".

No dia 17, o produtor já começa a mixar algumas músicas. O resultado agrada muito a todos. Gordo também acrescenta alguns efeitos especiais, como uma orquestra tocando "O Guarani" em "Amazônia Nunca Mais" e latidos de cachorro em "O Fim". Ele termina os vocais em inglês e jura que, assim que chegar ao Brasil, vai se inscrever em uma escola de inglês e, quem sabe, alemão. David Pollack, Chris "Archi" Pfister — vocal e guitarra do Happy Hour, ex-No Allegiance e ex-Inferno — e Franz — curitibano, ex-roadie do Exumer e atual baixista da banda — vêm ao estúdio para gravar os backing vocals. Corajosamente, David e Archi arriscam cantar em por-

tuguês e dá certo.

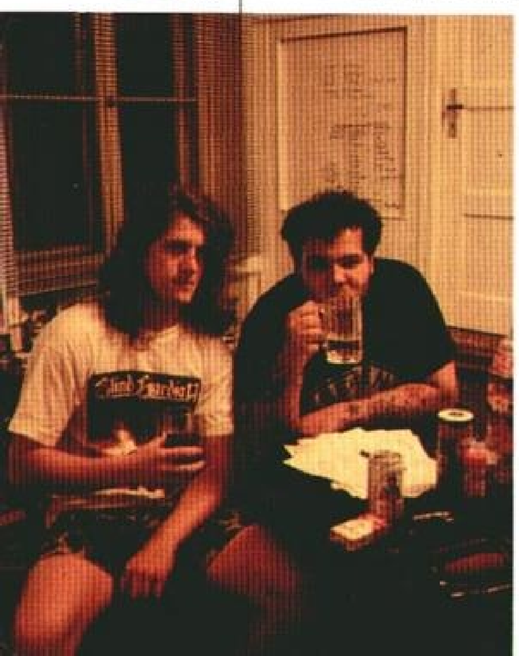
Com três músicas já mixadas à disposição, os Ratos concedem entrevistas para programas de rádio e revistas de Berlim. As primeiras reações a esta pequena amostra são favoráveis e a comparação com o Sepultura, mais conhecido pela mídia "metálica" européia, é constante. Angela, relações públicas do Music Lab, conta que alguns anos atrás estava na moda na Alemanha ouvir bandas de rock de países "esquisitos", como o Brasil ou a Finlândia. Agora, com o lançamento do *Beneath the Remains*, do Sepultura, e do LP dos Ratos, ambos com distribuição no mercado oficial de rock, volta-se a falar de rock pesado *made in Brazil*.

Para comemorar o fim das gravações, vamos ao bar punk que ficamos acostumados a freqüentar e tomamos várias cervejas. A noite termina com uma confusa partida de futebol com alguns punks locais sob o olhar complacente de um velhinho na janela do prédio em frente ao bar.

Dois dias depois, com shows confirmados em Roma, Udine e Florença, embarcamos para a Itália. Depois de quase 36 horas de viagem, chegamos a Forte Prenestino — um centro social ocupado —, em Roma. Compreensivelmente cansado da viagem, o RxDxPx toca uma seleção curta de músicas rápidas, incluindo uma gutural cover de "I Wanna Go Down to the Basement", dos Ramones, que passará a fazer parte de todas as *gigs* européias. O público, numeroso e variado (de freaks a skins, passando por punks, headbangers e brasileiros curiosos), gosta e pede bis.

Em Udine, o público não é tão quente nem numeroso quanto o de Roma, mas o show é bem recebido. Lá acontece o histórico encontro de Gordo com o vocalista do EU's Arse, uma velha banda punk italiana, que não imaginava ter sido conhecida no Brasil. Em Pisa, os Ratos aproveitam para dar uma entrevista a um jornalista da *Metal Force* italiana, que se mostra muito interessado pelo conteúdo das letras e pela integridade "hardcore" da banda. O melhor show da turnê seria o do C.S.A. (Centro Sociale Autogestito), em Florença. Platéia cheia, ótimo o pique da banda. O RxDxPx toca por mais de uma hora.

No estúdio Music Lab, em Berlim, Gordo lado a lado com Franz do Exumer



Já que foi cancelado o show de Frankfurt, aproveitamos para ir a uma festa em uma chácara perto de Florença. É uma cooperativa criada para oferecer trabalho a prisioneiros políticos em regime de semiliberdade, em especial para integrantes das Brigate Rosse (as famosíssimas Brigadas Vermelhas) e Prima Linea, os dois principais grupos de terrorismo e guerrilha urbana de extrema esquerda. Gordo se diverte com o fato de estar em meio a tantos "incendiários". Respira-se ares de 68.

A última apresentação do RxDxPx foi incluída de improviso em uma série de eventos organizados pelo Macchia Nera (outro centro social ocupado) em protesto contra a prefeitura de Pisa, que os processou por "ocupação com fins lucrativos". Por causa da falta de divulgação, o público é pequeno, porém interessado.

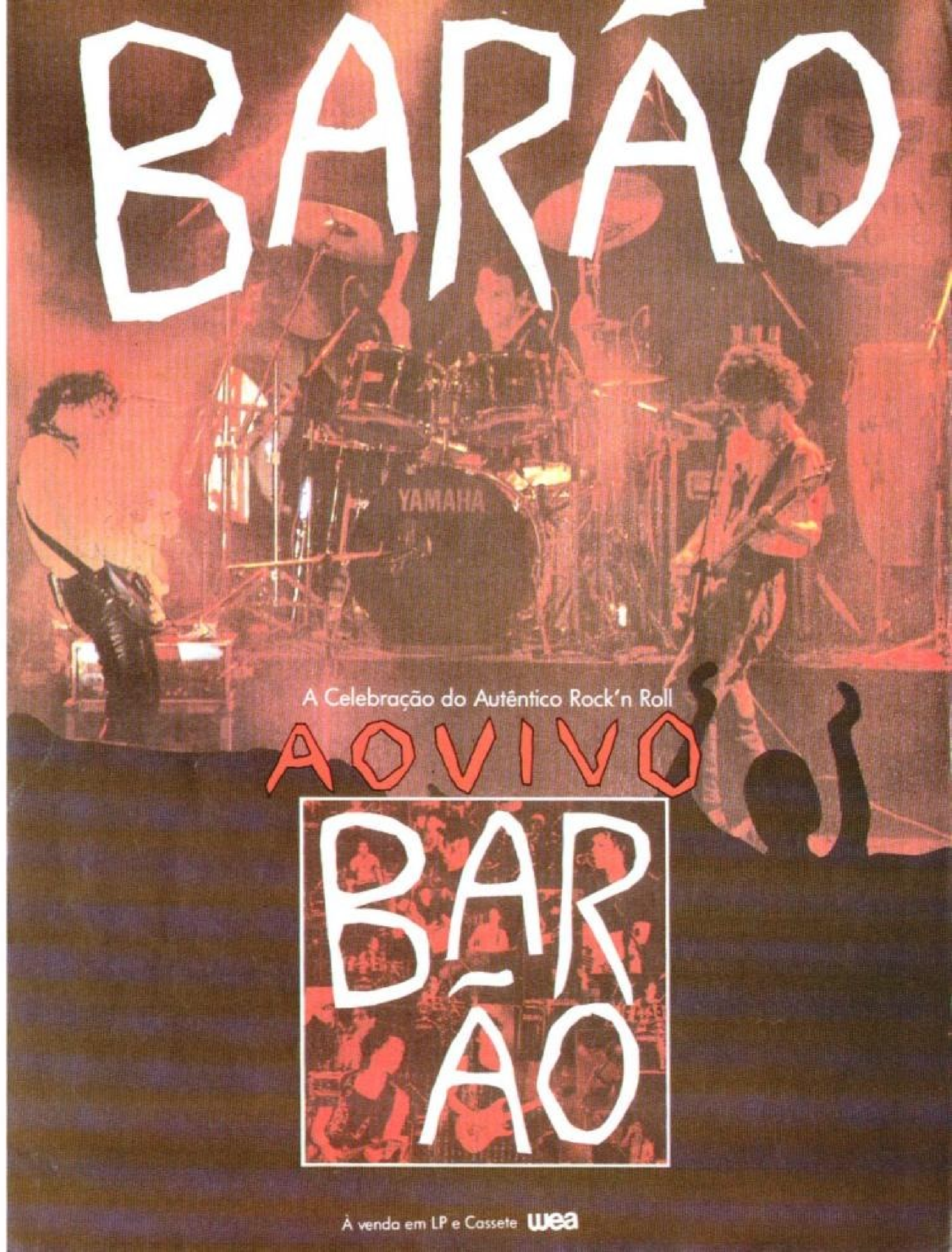
No dia seguinte vamos para a Holanda, mais precisamente para Hengelo, uma cidadezinha perto da fronteira meridional com a Alemanha. Hengelo é do tamanho de um bairro de São Paulo e o Innocent já fica lotado com duzentas pessoas, mas, apesar (ou por causa?) disso, o público é animadíssimo. A maioria conhece "Parasita" e "Brasil Fascista" e gosta muito das músicas novas. A banda que abre o show se chama Cry of Terror, é holandesa e faz um *crossover* bastante próximo ao desta última fase dos Ratos. O vocalista parece possuído: com seus cabelos *dread*, o último *must* entre os hardcores europeus, ameaça a platéia com um bastão, destrói frutas e legumes.

De volta a Amsterdã, nos espera uma ameaça de boicote ao Van Hall, um *squat* onde o RxDxPx deveria se apresentar junto com duas outras bandas, uma húngara e outra espanhola. Um dos moradores do *squat* foi acusado de estupro, que, segundo os regulamentos internos deste tipo de comunidade, é um crime gravíssimo, sobretudo por sua carga machista. As feministas, que coincidentemente estavam se reunindo no Meeting Internacional das Mulheres a poucos quilômetros da cidade, saíram em defesa da vítima e pediram para as bandas não tocarem no Van Hall. O caso chegou até a imprensa oficial, mas, no fim, um artigo dos moradores do *squat*, esclarecendo o caso e assumindo os erros, suspendeu o boicote. O último show dos Ratos na Europa está salvo. Eles tocam o mesmo repertório, com músicas novas e antigas e, de bônus, as covers de "Botas, Fuzis e Capacetes", do Olho Seco, e "I Wanna Go Down to the Basement". A moçada se incendeia, pede bis e cerca a banda de elogios e perguntas.

A festa de despedida é organizada numa ilha na periferia de Amsterdã, onde há um ex-ferro-velho tomado pelos punks alguns anos atrás. "Você viu *Mad Max II*?", comenta Gordo. "É mais ou menos assim." Um dólmen (N. da R. — *monumento construído com duas pedras verticais e uma chata*) feito de carros velhos domina a paisagem. Aqui e ali, esculturas de destroços mecânicos. Furgões, carros e ônibus destruídos foram transformados em casas, um bar e um palco para shows. Lá se apresenta Barulheiras Parkinson, a banda mais barulhenta de que se tem notícia, com Gordo no baixo e vocais, Jão na bateria e Jabá na guitarra.

Praticamente sem dormir, na manhã seguinte eles estão no aeroporto para voltar ao Brasil. Gordo diz que gostaria de ter ficado por lá, se tivesse mais dinheiro.

Sem dúvida, essa foi uma das viagens mais atrapalhadas que já fiz.



A HORA DO PESADELO

De origem americana, abocanharam primeiro as paradas independentes inglesas. Esquivos, eles alimentam o mistério que cerca a banda: quem são e o que pretendem os PIXIES?

"Nós queremos ser como os Beatles! Ou os Rolling Stones. Não queremos ser ajustados à realidade, queremos ser maiores do que a vida." Essa declaração ao semanário inglês *Sounds* do vocalista/guitarrista Black Francis soa pretensiosa, mas não impossível. Entre a loucura e o pavor, o palpável e o infinito, a simplicidade em seu estado arrebatador e a excentricidade em detalhes usuais, surgem os Pixies, uma das mais intrigantes bandas do pop atual.

ANTECEDENTES, ABREVIATURAS, DEFINIÇÕES

Vieram de Boston, que nos *60* foi o berço dos Remains e Bostonians, nos *70* do J. Geils Band e nos 80 brilha com Del Fuegos, Throwing Muses, Christmas, Big Dipper e Zulus. Entretanto sua obra difere não apenas dos conterrâneos como de todo o tecido pop contemporâneo. No dicionário, Pixie quer dizer "um malicioso elfo pequeno". O nome foi dado pelo guitarrista Joey Santiago que, não tendo o inglês como língua materna, sempre teve o costume de caçar palavras no dicionário. Numa de suas pescas decidiu-se por Pixies In Panoply, mas Charles resolveu abreviar o nome. Hoje, três anos depois, são descritos das formas mais variadas e improváveis. David Fricke da *Rolling Stone* descreveu-os como "a melhor dádiva ao thrash pop desde a última delas, a grande Mission Of Bhurma" (obscura cult-band americana). David Stubbs confessou que "se realmente quisesse saber de onde vem a música deles, deveria indagar aos deuses". Chris Roberts, do *Melody Maker*, analisou-os como "o pior pesadelo de Marshall McLuhan e maior que Belzebu". Francis, o autor de quase todas as canções resume: "Somos ruidosos e suaves, para cima e para baixo, nós temos um monte de espaços em nossa música. Não é uma música sofisticada".

A TRAJETÓRIA DOS ELFOS

Charles Michael Kitridge Thompson (o Black Francis) é o líder. Tem 24 anos, nasceu em Boston e cresceu em Los Angeles. Ex-estudante de arqueologia, sempre foi um desajustado do tipo que "quando todos escutavam Black Flag, ouvia John Mayall". Ele é o mais falante e gostaria de "ter sido os Stones nos 60". Gosta de Smiths e desejaria trabalhar com Morrissey. Adora Velvet Underground, dadaísmo, surrealismo, crianças, bichos e Kinks. Escreve suas músicas no banheiro. Seus heróis são David Lynch ("minha maior influência"), Buñuel, Iggy Pop, Samuel Beckett ("admiro sua distância em relação ao mundo"), Man Ray, Lou Reed, Fassbinder, Captain Beefheart e John Lydon ("prefiro o PIL aos Pistols"). Inspirou-se em James Brown para dançar e em Bob Dylan para compor.

David Lovering, o baterista, tem 27 anos e vem de Boston. Gostaria de ter se formado engenheiro eletrônico ou virado skatista profissional. É o aventureiro, o decadentista e sente-se como "se tivesse nascido no século 19". Vê o presente "como coisas já vividas". Foi ele que cedeu a garagem para os primeiros ensaios.

Kim Deal nasceu em Dayton, Ohio. É a baixista e eventual vocalista. Com 27 anos, é toda angustiada. Entrou na banda atendendo um anúncio que dizia: "procura-se baixista que seja uma mescla de Peter, Paul & Mary e Husker Du". Gostaria de ter sido "uma *blonde go go girl* dos filmes de Frankie Avalon". Largou seu marido (antes assinava Mrs. John Murphy), e "por vezes, sente-se só". Ama Neil Young e T. Rex. Se espanta com o sucesso do grupo e afirma: "Antes éramos um estúpido grupo de Boston e hoje somos os melhores de Boston e isso é estúpido".

Joey Santiago tem 23 anos. Ex-estudante de economia, nasceu em Manila, Filipinas. É amigo íntimo de Francis e co-idealizador do grupo. Misterioso, fala pouco e não revela nada.

A PIXIEMANIA

Partindo do princípio de que santo de casa não faz milagre, a banda se picou para Londres, onde assinou com a 4AD. O mini-LP *Come On Pilgrim* decolou em primeiro lugar nas paradas independentes. Desbancaram consagrados *indies* como Smiths e New Order. Viraram o xodó da imprensa e nunca receberam uma crítica desfavorável. O LP *Surfer Rosa* chegou ao décimo posto da parada oficial. Tiveram cinqüenta shows em junho absolutamente esgotados em toda a Europa. *Surfer Rosa* foi considerado o melhor LP do ano tanto pelo *Sounds* como pelo *Melody Maker*. Foram aclamados músicos do ano pela revista *Spin* e melhor banda pelos leitores da *NME*. Botaram *Doolittle*, seu segundo LP, também no primeiro lugar das paradas independente por meses consecutivos. A novata banda paulista Dumbos foi a primeira a tocá-los no Brasil (uma versão de "Where's My Mind").

SEGREDOS, LOUCURAS, ALUVIÕES

Tudo neles é misterioso. É simples, mas ao mesmo tempo transmitem algo impalpável e alucinado. É impossível catalogá-los nas corriqueiras avenidas do pop. Sua obra é um acúmulo de segredos indizíveis. Um elo entre o desespero e as mutilações da carne transformado em música. Uma barra pesada nos portais da perfeição.

WEA

Francis pira, desafia e diz que sua música vem de "um mundo nada espiritual e sim físico", porque se baseia na tese de que "o sexo e todas as coisas são físicas. A morte e todas as outras coisas causam pânico". Ele elucida a vida enquanto febre. Sua metafísica é cultuada como "algo intocável e sagrado". O resto é um aluvião devastador que ama as plantas e a terra.

PIXIES MUSIC

Uma das mais curiosas definições de sua música foi dada pelo crítico/ensaísta Jack Barron: "Algum lugar entre o Violent Femmes e pesadelos que fazem David Byrne sacudir as mãos com uma despedida à normalidade que nunca olha para trás". Outra certeira foi de Dana Mayer na revista *Request:* "Uma música *hard-gore* com uma grande aura de filmes de horror". Definições exóticas que espelham o senso bizarro que povoa sua música. Sua sonoridade é, no fundo, algo entre o brutal e o etéreo que reformou e revitalizou a noção de *guitar-rock*, alargando fronteiras e despencando numa *twilight zone*, plena de sedução surreal. Uma luz entre o hipnótico e o orgasmático, a bárbarie e o vácuo. Francis simplifica: "Nossas canções são engraçadas. Tanto podem intoxicar como pulverizar".

Musicalmente funcionam como uma *60's garage-band* revestida por pitadas de psicodelismo e folk. Não há virtuosismos, nem aderências ao convencional. Como em todas essas bandas, a essência é aquilo que em 76 atendeu pelo nome de punk, ou seja, *punch* e visceralidade à queima roupa. As guitarras são cortantes e barulhentas e adotam riffs e duelos descendentes de grupos como Television e MC5. O baixo segue a pesada condução do rock'n'roll. Pratica a linha "burra", dispensando notas e firulas. A bateria tem um certo gosto pelo *thrash* e o primarismo rocker. Os vocais de Francis, às vezes possuídos por tons declamatórios, são rasgados e explosivos, ao passo que os de Deal exprimem uma delicadeza semi-infantil. Os duetos por vezes encarnam atmosferas de Jefferson Airplane.

Sendo o punk uma renovação das garage-bands, eles recriaram esta trajetória (63/76) através de doses de Stooges, Velvet Underground, Bob Dylan e Rolling Stones e somaram influências hispânicas (Francis viveu um tempo em Porto Rico), *cow-punk* e trejeitos de Modern Lovers, Gang Of Four, PIL, Fall, Gun Club e Husker Du.

PIXIES LYRICS

"Eu nunca digo que quero escrever uma canção sobre alguma coisa e provavelmente nunca escreverei uma canção sobre uma separação ou uma canção de amor. Eu espero que nossas letras sejam realistas, mas de uma forma surreal". Assim Francis definiu seu contexto literário. Ao contrário da maioria das bandas, suas emoções não são expressas pela linguagem das *love songs*, mas através da destruição do colapso e da quebra. O incesto, a religião, a morte, a rejeição, o sexo, a mutilação, a dor e o fascínio pelo corpo são os temas de sua poesia.

A maior influência de Francis é a *Bíblia* ("um livro muito *freak*" diz, "principalmente o Velho Testamento, que tem muito sexo e violência"), porém não trata seus temas de forma espiritualista. É um materialista nato e não tem medo de deambular nos porões proibidos da carne. Adora falar de leite materno, sêmen, saliva, sangue, suor e menstruação como se estivesse falando do amor, do mar ou da saudade. Seu naturalismo é espantoso. Quando se aproxima de questões sentimentais, esbarra no sadismo e no masoquismo. Veja estes exemplos: "Ensangüente suas mãos num pé de cacto/limpe-as no seu vestido e mande-o para mim" ("Circus"), "Você é tão bonita quando é infiel para mim" ("Bone Machine") e "Dormindo na sua barriga/você quebra meus braços/você arranca meus olhos" ("Gouge Away"). Outro detalhe é que certas letras são inspiradas em filmes, caso de "Gigantic" *(Crimes do Coração)* e "Debaser" *(O Cão Andaluz)*.

PIXIES VINYL

O *début* foi o mini-LP *Come On Pilgrim* (outubro de 87) que, na verdade, era uma demo-tape. A gravadora 4AD se encantou com a crueza do som e resolveu considerá-lo pronto. O título foi afanado do *folk singer* Larry Norman que, em seus shows ao vivo, dizia: Come on, pilgrim, you know he loves you, ("Venha, peregrino, você sabe que ele te ama"). A capa, um homem nu de costas peludas, demonstra a paixão do grupo pelos aspectos mais grotescos do corpo.

Surfer Rosa (março de 88) que, segundo Francis, devia se chamar *Whore* ("Puta") foi produzido pelo guitarrista Steve Albini (ex-Big Black, ex-Rapeman) que, misteriosamente, em algumas entrevistas, negou tê-lo produzido. Foi gravado em duas semanas e as vozes foram colocadas numa só noite. "Há um monte de imperfeições no disco, mas achamos melhor que ficasse assim", revela Francis. A capa, uma mulheraça peituda, é realmente uma surfista e Francis exigiu que ela posasse nua. Keith Cameron, do *Sounds*, o considerou o disco da década.

Gigantic (agosto de 88), descrito pelo Melody Maker como um "vulcão pop" é um EP de quatro faixas que, além do título, traz *River Euphrates* e duas ao vivo, *Vamos* e *Heaven*. Na seqüência, o compacto "Monkey Gone To Heaven" (março de 89) que, em sua versão de 12 polegadas, traz três faixas inéditas ("Manta Ray", "Weird at My School" e "Dancing the Manta Ray").

O segundo LP, *Doolittle* (junho de 89), consagrou-os definitivamente. Sua distribuição nos EUA ficou a cargo da poderosa Elektra. As primeiras trinta mil cópias trazem um livreto desenhado por Vaughan Oliver e fotografado por Simon Larbalestier. A produção é de Gil Norton e a faixa "Monkey" conta com a participação de um quarteto de cordas. O título tanto pode ser atribuído ao louco general americano da Segunda Guerra Mundial como a uma fusão do verbo *to do* (fazer) com *little* (pouco). Outra referência possível: o personagem Dr. Dolittle, de Hugh Lofting, um veterinário que prefere a companhia dos animais à dos seres humanos. O disco foi aclamado em unanimidade pela imprensa inglesa como uma obra-prima. O último trabalho dos elfos é o compacto "Here Comes Your Man" (junho 89) que, no formato de doze polegadas, traz duas inéditas ("Into The White" e "Bailey's Walk") e uma versão lenta para "Wave Of Mutilation".

Após múltiplas batalhas contratuais, a WEA brasileira conseguiu lançar em junho *Surfer Rosa* que, lamentavelmente, continua sendo o único disco deles disponível.

FERNANDO RAPOSO

"Provavelmente nunca escreverei uma canção de amor" (Black Francis)

BLUES JAZZ HARD POP ROCK FUNK HIP HOP
EM SINTONIA COM OS ANOS 90
ARTE GUSTAVO CAIO
THAIDE E DJ HUM
ANNIE PEREC
MESTIÇA TRINDADE
AFRIKA GUMBE
FOLK AFRO HEAVY CLÁSSICO MPB NEWAGE
estúdio eldorado
R.MAJOR QUEDINHO,111,12.º
TEL.: 259-2022 E 259-2283

O ELEITO

A vida de BOB MARLEY, sumo sacerdote do reggae. Uma história marcada pela fé e pela luta, no improvável trajeto entre uma favela jamaicana e a fama mundial

A história de Bob Marley poderia ter começado e terminado na vila de Nine Miles, município de St. Ann, no lado norte da ilha da Jamaica. Mas, em apenas 36 anos de vida, ele foi o responsável pela popularização do reggae em nível mundial, se transformando em um pastor de muitas ovelhas, negras e brancas, ao redor de todo o planeta. As melodias mântricas, as palavras de mil sentidos, as tranças, as ervas, as bíblias, tudo isso, hoje, está incorporado à cultura de milhares de pessoas.

Omeriah Malcolm, avô do menino Robert Nesta Marley, assistiu a seu nascimento em 6 de fevereiro de 1945, sob o signo de aquário, e parecia saber de tudo desde o começo, como conta Timothy White em sua completíssima biografia de Marley, *Catch a Fire*. De acordo com Omeriah, o menino possuía uma ascendência quase sagrada. Profundo conhecedor de história antiga africana, um homem bastante respeitado na comunidade por sua habilidade como curandeiro e feiticeiro (*myalman*, aquele que tem o poder de afastar o mal causado pelo *duppy*, o espírito dos mortos), o avô de Nesta acreditava que correntes muito fortes e coincidentes confluíam para o garoto. O pai (que abandonou a mãe, Cedella, um dia após o casamento), o tenente Norval Sinclair Marley, era um inglês branco, símbolo do poderio europeu moderno. Os ancestrais de sua avó materna vinham de importantes tribos egípcias, enquanto Omeriah trazia no sangue a nobreza dos negros *cromanties* da Costa do Ouro, África.

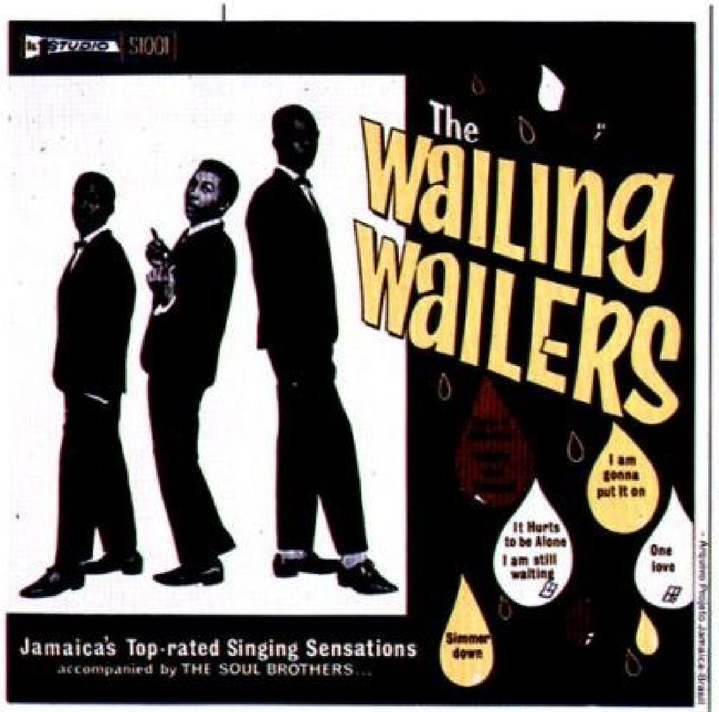
Nesta era uma criança magra, tímida e doce, com um brilho especial nos olhos — Cedella dizia que ele tinha uma "chama de pregador". Aos cinco anos, enquanto brincava nas ruas de terra de Nine Miles, o menino costumava ler a mão das moças da vila, fazendo revelações quase sempre acertadas. Atento à tradição dos provérbios, uma característica bem jamaicana, ele mostrou, desde cedo, que tinha muita facilidade e fluência com as palavras. De caráter introspectivo, o pequeno Nesta era capaz de ficar horas sem fazer nada, apenas pensando.

Quando Bob tinha oito anos, Cedella resolveu mudar-se para Kingston. Ela tinha um novo companheiro, Toddy Livingstone, pai de Bunny — amigo de Bob desde pequeno na vila de Nine Miles —, com quem depois teria um filho. A pequena e improvisada família foi morar em um "government yard" — um labirinto de paredes e portas que, em bom português, é o mesmo que um cortiço — em Trench Town, uma das favelas mais impressionantes da Jamaica. Ali morava a maioria dos negros pobres, entalados pelas condições miseráveis e pela repressão policial. Cedella se esforçava para proporcionar a Bob a melhor educação que seus poucos recursos como empregada doméstica lhe permitiam. Ao invés de freqüentar a escola pública do gueto, Nesta foi matriculado em uma instituição particular modesta em outro bairro. Ele era um bom aluno em geral, mas sua matéria predileta era história.

Nas horas livres, quando não estavam jogando futebol, o jovem Marley e seu amigo Bunny improvisavam guitarras de lata para ficar acompanhando as últimas novidades do rhythm'n'blues em "um radinho Sylvania transistorizado: The Tams, The Moonglows, Fats Domino... Nos anos 50, graças aos meios de comunicação, a Jamaica despertava de um longo isolamento. A febre da juventude eram os *jump-ups* — bailes feitos em locais improvisados, às vezes ao ar livre, com equipamento mínimo (P.A., toca-discos e amplificador), nos quais cada equipe se esforçava ao máximo para trazer as últimas novidades da música americana. Alguns dos líderes das equipes de som, como Clement Dodd, iriam mais tarde expandir seus negócios e criariam os primeiros estúdios de gravação na Jamaica.

O período escolar para um garoto pobre do gueto acabava aos quatorze anos. Nesta começou um aprendizado como soldador para agradar a mãe, que temia que ele se tornasse um *rude boy* — em outras palavras, um delinqüente. Seu desejo secreto, entretanto, era a música: aos dezesseis anos, foi se oferecer a um produtor. Era Clement Dodd, ou sir Coxsone, que havia feito sua fama como DJ e se afirmava como produtor do novo ritmo jamaicano, o ska. Sir Coxsone não estava, mas um sujeito meio chinês meio jamaicano poderia atendê-lo. Leslie Kong dirigia um misto de restaurante/sorveteria/loja de discos e havia decidido ampliar seus negócios investindo em músicos jovens, depois que conseguiu sucesso bancando um garoto chamado Jimmy Cliff. A música que Marley trazia na ponta da língua era "Judge Not". Kong levou o garoto ao estúdio de Ken Khouri e gravou o compacto com os músicos de plantão. Pelo menos uma *juke box* de Kingston tocou "Judge Not" de Bob *Morley* — por um erro de Kong, o nome saiu errado na capa — insistentemente. É que o próprio Bob gastou muitas moedas na máquina de um bar para captar a reação das pessoas que passavam...

Um compacto gravado era uma glória apenas simbólica para alguém, como Marley, que acreditava ser a música um caminho que lhe aparecia desenhado nos sonhos. Um acidente veio em sua ajuda: enquanto trabalhava com um maçarico, uma fagulha entrou em seu



Livingstone, Marley e Tosh (da esquerda) na capa de uma coletânea de seus primeiros sucessos

olho. Alguns dias bastaram para ele se restabelecer, mas a carreira de soldador estava definitivamente encerrada. A partir daí, Bob comunicou a sua mãe que iria se dedicar à música em tempo integral. Ele já vinha compondo e ensaiando, sempre com Bunny, e recentemente um garoto de nome Winston Hubert McIntosh, o Peter Tosh, havia se juntado à dupla.

A Jamaica do início dos anos 60 fervia com o ska, uma corrente musical que modificava as tradições folclóricas do *mento*, a música tradicional da ilha, rumo às misturas de batidas do rhythm'n'blues e linhas melódicas sofisticadas do jazz. Nomes como Higgs & Wilson, Byron Lee, Kentrick Patrick e os Skatalites já conseguiam furar o bloqueio dos discos importados. Uma trupe de produtores, como Sir Coxsone, Duke Reid e Prince Buster, atacava os padrões conservadores, colocando nas paradas aquela música feita por negros do gueto, em sua maior parte envolvidos até o queixo com a perseguida confraria dos rasta.

Bob, Bunny e Peter Tosh começaram a freqüentar a "clínica de música" de Joe Higgs. Ele era o compositor da dupla Higgs & Wilson, que fazia sucesso com seus skas. Higgs ensinava a jovens aspirantes a cantores e músicos teoria musical e técnicas de canto. Foi com a ajuda de Higgs que os Wailing Wailers — o nome que Bob havia escolhido para o grupo — chegaram aos ouvidos de Clement Dodd. Ainda que pouco impressionado com a performance dos meninos, ele ofereceu um contrato para os Wailing Wailers, jogando os compactos no mercado quente da ilha. Logo uma delas dava certo: "Simmer Down" chegou ao primeiro lugar nas paradas jamaicanas de 1964. A canção se tranformou numa espécie de hino dos *rude boys* da favela: pela primeira vez, alguém falava a mesma linguagem do gueto.

Dodd estava resolvido a investir no grupo. Eles passaram a ganhar um salário semanal e um adiantamento para pagar o figurino de palco: ternos de lamê dourado e um par de sapatos pretos de bico fino. O produtor também colocou-os num concurso de revelações. Neste primeiro, uma banda chamada The Uniques conseguiu o primeiro lugar apenas por uma sutil diferença de pontos diante dos Wailing Wailers. Bob Marley não se conformou com o resultado e quebrou o pau no palco. A confusão só terminou quando a polícia chegou, enquanto Bob berrava: "Wailers de best fokin' harmony group of Kingston!" ("Wailers, o melhor grupo vocal de Kingston!"). Para Clement Dodd essa foi a deixa: aquele garoto tinha algo de especial.

O ano de 1964 foi pleno de acontecimentos para Bob. O Wailing Wailers começava a se firmar como um freqüentador assíduo das paradas jamaicanas — "Deanna", "Mr. Talkative", "Lonesome Feelings", "Wings of a Dove" e "I Don't Need Your Love" foram alguns dos compactos que contribuíram para a efervescência do ska. Omeriah Malcolm morreu, passando para o neto a liderança do clã. Por fim, ele conheceu Alpharita Constantia Anderson, uma jovem enfermeira que morava no caminho entre o estúdio de Coxsone e a casa de Marley. Rita também fazia parte de um grupo vocal, The Soulettes. No começo, era Peter Tosh quem se interessava pela garota.

Desde que sua mãe havia se mudado para os Estados Unidos, Bob instalara-se num quartinho da gravadora de Dodd, em troca de trabalhar para ele como chefe de ensaios. Uma de suas tarefas foi, justamente, ensaiar as Soulettes. Ultra-severo como profissional, Bob desnorteava Rita mandando bilhetes de amor. Eles acabariam se casando em fevereiro de 1966, exatamente um dia antes de Bob viajar para a Filadélfia. Cedella ainda não acreditava que a carreira de músico fosse segura.

Marley ficou oito meses trabalhando em empregos diversos e compondo algumas de suas mais inspiradas canções: "Misty Morning", "Sun Is Shining" e "It's Allright", entre outras. Foi lá também que ele ouviu pela primeira vez *Revolver* dos Beatles e ficou particularmente hipnotizado por "Eleanor Rigby", retornando sem parar à faixa.

De volta à Jamaica, ele encontrou a situação bastante mudada. A indústria fonográfica se modernizava, importando equipamento de dois canais. A cena musical também evoluía. Com a desintegração dos Skatalites — Don Drummond, líder do grupo e grande trombonista, havia sido preso em 1965 por ter matado a facadas sua companheira —, a onda de ska havia arrefecido e a música jamaicana se modificava rumo a um som mais lento, que assimilava contribuições da bossa nova e do soul, batizado de rock steady. A fé rastafari impregnava a vida dos jovens do gueto, que agora cantavam pela restauração de um reino negro e livre, tal como havia profetizado Marcus Garvey no início do século.

Quando os Wailing Wailers — que, agora, era o grupo mais popular da Jamaica — se descobriram explorados por Clement Dodd e Leslie Kong, entrou em cena a química sonora de Lee "Scratch" Perry. Famoso como dono do fantástico Downbeat Sound System, Perry despontava como o alquimista do ritmo, alguém que conseguia antecipar o que os outros só conseguiam em tese. Em seus estúdios de chão batido, nasceu a dupla Aston e Carlton Barrett, os irmãos que inventaram, com baixo e bateria, a síntese do que viria a ser o reggae na virada dos anos 70.

Lee Perry juntou os Wailing Wailers com os irmãos Barrett e gravou alguns clássicos do "reggae'n'roll": "Soul Almighty", "Duppy Conqueror", "Soul Rebel", "My Cup"... A esta altura, Bob já cultivava alguns dreadlocks e, precedido por Rita, que havia se convertido ao rastafarianismo depois da visita de Hailé Selassié à Jamaica, começava a se aprofundar na religião. Sua voz encontrava um timbre exato, misto de lamúria tribal com tom profético e carregado de emoções. Este era o caldo perfeito para as palavras mais incisivas e para os discursos libertários que a fé inspirava. O ritmo destas músicas, já bem distantes do frenético "shacka-shacka" do ska, mostravam baixo e bateria em primeiro plano, abriam mão do excesso de metais e impunham um novo estilo nos vocais e backings.

Foi Lee Perry quem primeiro começou a chamar o grupo de Bob Marley & The Wailers — o que iria desagradar particularmente a Peter Tosh. Em 1969, saía o primeiro LP, *Soul Rebel*, distribuído em toda a ilha e também na Inglaterra, através do selo Torjan de Chris Blackwell — um jamaicano branco bem-nascido, que havia fundado a gravadora Island em 1962.

Um certo Brent Clark, promotor musical de bom trânsito em Londres, conseguiu armar um encontro entre Bob Marley e Blackwell. Sensível e com bom faro para os negócios, ele adiantou oito mil libras a Marley para que o grupo gravasse um disco de qualidade, que marcasse definitivamente a entrada do reggae na Inglaterra. Bob volta à Jamaica, entra em estúdio com os Wailers, faz inúmeras bases e volta à Inglaterra com a fita de *Catch a Fire* debaixo do braço, no inverno de 1972. Produzido pelo próprio *big boss* da Island e Marley, o LP recebeu participações especiais — como a de Wayne Perkins, guitarrista do célebre estúdio Muscle Shoals e Robbie Shakespeare — e ficou pronto para chegar às lojas e emissoras de rádio naquele mesmo ano.

Catch a Fire trazia músicas estonteantes e reveladoras: "Concrete Jungle", "Stir It Up", "Kinky Reggae" e "Slave Driver". Mais ainda, naquelas nove faixas estava a protocélula de uma revolução na música pop contemporânea, e Bob Marley despontava como o mais carismático sacerdote da música negra do Terceiro Mundo.

OTÁVIO RODRIGUES

CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO

UMA SEITA CONTRA A BABILÔNIA

O imperador etíope Hailé Selassié

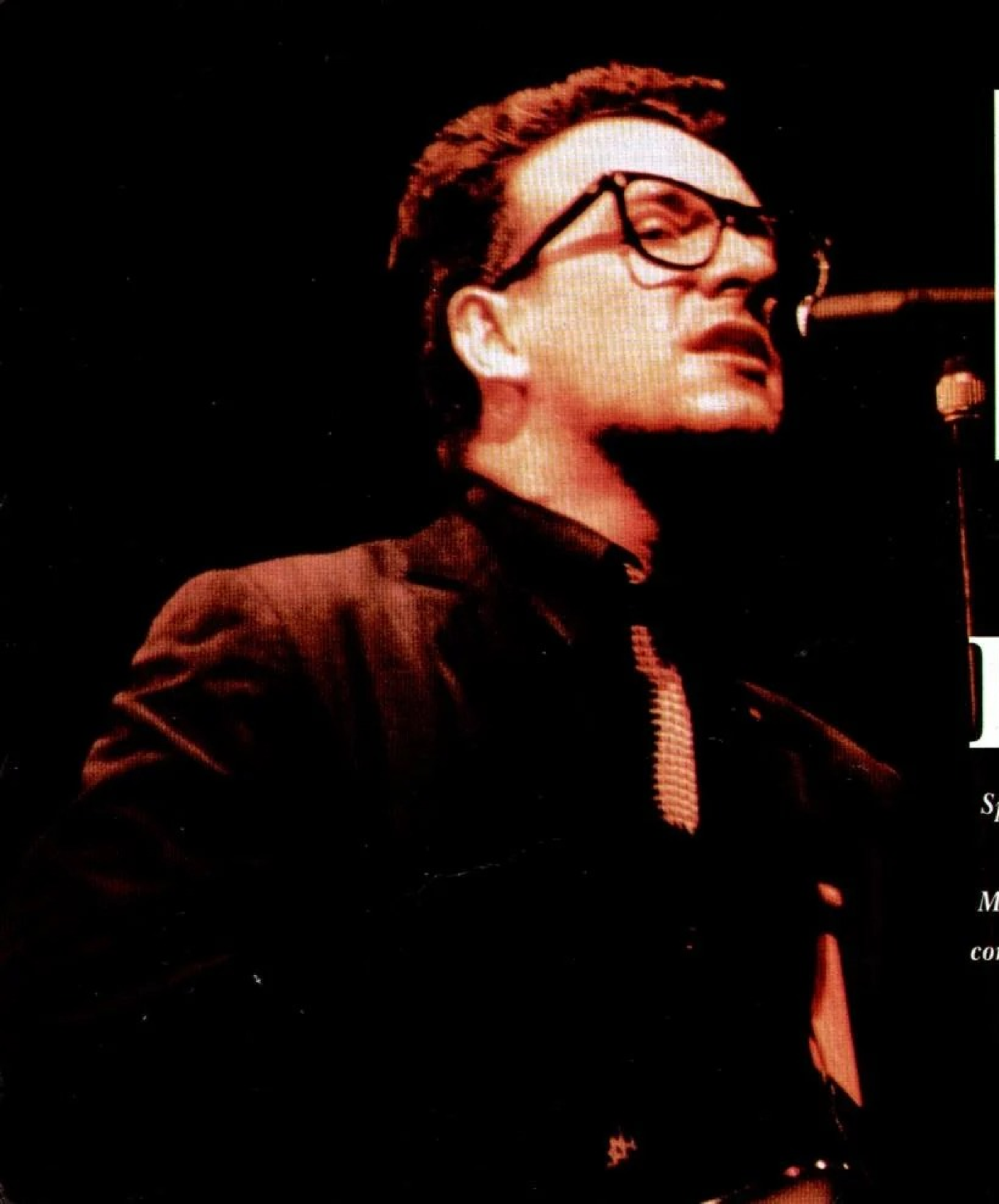
Para os rastafaris, sua história começa em Adão e Eva. Mas dá para aproximar o *zoom* até a Jamaica do século XVIII, quando George Liele, um ex-escravo afro-americano funda a Igreja Batista nesta ilha. Atraídos pelo discurso acessível de Liele e seus sacerdotes, os sofridos negros jamaicanos começaram a descobrir uma série de similaridades entre a história dos judeus e a sua própria: a condição de expatriados, as desigualdades sociais, a discriminação, a esperança do retorno à pátria, a necessidade de um salvador. Foi também Liele que introduziu os conceitos de "etiopianismo", que apontam a Etiópia, na África, como o berço da civilização cristã, fato que nunca foi provado. A abolição da escravatura, em 1833, permitiu, vinte e dois anos mais tarde, uma explosão das formas próprias de espiritualidade e religiosidade dos negros, que foi chamada de Grande Revivalismo.

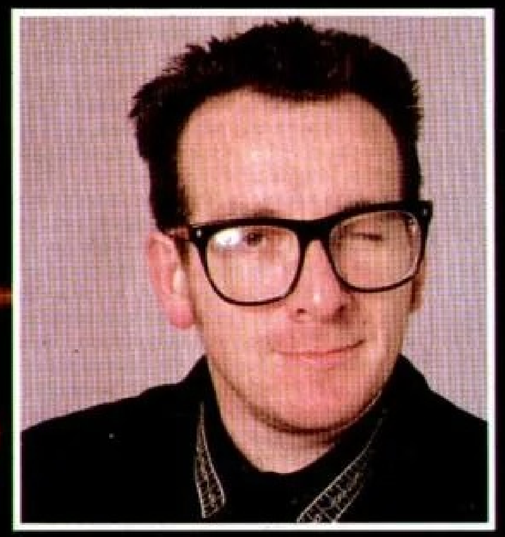
No início do século XX começaram a aparecer na ilha os primeiros líderes políticos. Seus discursos misturavam reivindicações nacionalistas e anti-discriminatórias com elementos de religiosidade. O mais destacado foi Marcus Mosiah Garvey. Ele rodou a América do Sul, o Caribe e acabou indo morar nos Estados Unidos, onde fundou um jornal dedicado às causas negras. Garvey pregava a volta à África, chegando até a comprar navios para promover o retorno de seus seguidores à pátria cultural.

Embora contestada por alguns estudiosos do rastafarianismo, os discípulos de Garvey lhe atribuem a autoria da profecia que entronizou Hailé Selassié como o messias. Ela dizia: "Olhem para a África. Quando um rei negro for coroado, a redenção estará próxima". Em 1930, Ras Tafari Makonnen é coroado Imperador da Etiópia, adotando o nome de Hailé Selassié e os títulos de Rei dos Reis, Senhor dos Senhores, Leão Conquistador da Tribo de Judá, Eleito de Deus e Luz do Mundo. Os "garveyites" encontraram no livro do Apocalipse, 19, 16, a confirmação da predição: "Sobre o manto e sobre a coxa está escrito seu nome — Rei dos Reis, Senhor dos Senhores". A adoração de Hailé Selassié se expandiu de tal forma que, em 1966, quando ele fez uma visita à Jamaica, encontrou cem mil negros, vindos a pé de todos os pontos da ilha, para recebê-lo.

O nome da fé jamaicana se originou no título de Selassié. Os rastas se espalharam por todo o país, pregando os ensinamentos da Bíblia. Seus hábitos, derivados de uma "livre" interpretação dos textos bíblicos, incluem não comer carnes e alguns frutos do mar, não ingerir tabaco ou álcool, não cortar os cabelos (os *dreadlocks* são as tranças que resultam de anos desta prática), o uso ritual da *ganja* (maconha) para a meditação.

Os rastas consevam princípios cristãos, mas são anti-Igreja Católica e consideram o papa a personificação de Satanás. A exploração e a loucura nas super-potências são o retrato fiel da "Babylon", que se manifesta no cotidiano através das mãos duras da polícia e dos opressores. A música jamaicana, primeiro o ska e depois o reggae, tem uma relação íntima com o rastafarianismo e, com Bob Marley, se transformou no veículo ideal para a propagação da mensagem.





1001 FACES

Spike, o Amado Entertainer. Eis a última máscara de Declan McManus, o homem que o mundo conheceu como ELVIS COSTELLO

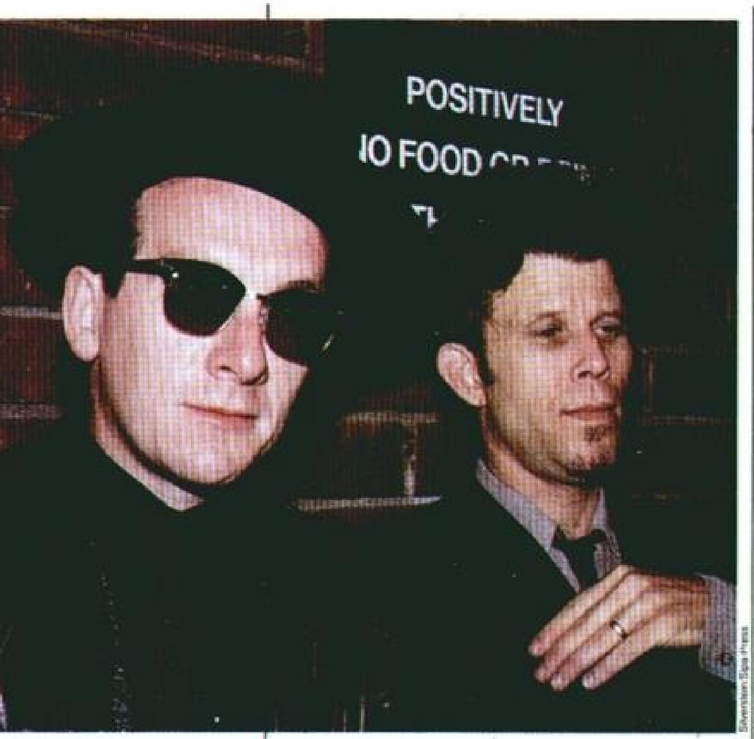
Elvis não morreu. Tanto que volta de forma triunfal com *Spike*, seu décimo quarto álbum em doze anos de carreira — o primeiro em mais de dois anos de ausência no vinil — e que, aclamado pela crítica dos dois lados do Atlântico, ainda traz a participação de um elenco *all-star* que inclui Paul McCartney, The Dirty Dozen Brass Band, Roger McGuinn e Chrissie Hynde, entre outros.

Spike também marca a estréia de Costello pela Warner, depois de ter lançado praticamente toda sua discografia anterior pela Columbia. O fato parece ter proporcionado uma nova relação com uma grande gravadora, dando-lhe condições de realizar o álbum mais ambicioso de seu currículo. Isso é resolutamente negado por ele próprio, tendo dito que pensara em batizar o disco de *More Important Work*, exatamente para que não o classificassem como o "seu trabalho mais importante". Segundo Costello, o nome *Spike* pode ser encarado como uma metáfora do *show business*, onde "o artista é pendurado na parede da gravadora como um troféu" — vide a capa do LP, que traz Elvis como "The Beloved Entertainer" ("O Amado Entertainer") pintado de palhaço dentro da moldura do logotipo da Warner. Também embute em si uma homenagem ao cantor de jazz Spike Jones, da banda americana The City Slickers, de projeção nos anos 40 e na qual Costello, além de admirar, também encontrou correlações com o som que pretendia obter em seu disco (como o uso de instrumentos exóticos para obter ruídos inusitados). Mas *Spike* bem que poderia ser mais uma das muitas facetas deste compositor/cantor/guitarrista, surgido no alvorecer da new wave e tantas vezes taxado como uma versão atualizada de Buddy Holly ou Bob Dylan. Tanto que é quase impossível encontrar uma listagem de melhores álbuns da década de 80, na qual não figure ao menos um (geralmente mais) de Elvis. Uma influência que, apesar de várias vezes aparentar ser superestimada, de maneira alguma pode ser menosprezada.

Costello é digno deste mérito, pois, além da maneira eclética com a qual envereda pelos mais diversos estilos musicais, também criou um estilo muito pessoal de compor canções pop extremamente simples, porém envolventes, além de complementá-las com letras incisivas e inteligentes. Uma combinação que, em pleno declínio e pasteurização da new wave e ascensão dos grupos e selos independentes, conseguiu manter-se interessante e, não poucas vezes, como um dos centros de atenções do panorama pop. Tudo isso sem levar em conta o nome que Elvis estava usando na ocasião...

Nascido Declan Patrick Aloysius McManus na mesma Liverpool dos Beatles, em 25 de agosto de 1955, nosso personagem teve contato com a música desde muito cedo no ambiente familiar. Seu pai era trompetista de um grupo de *bebop* e depois tornou-se cantor de uma *dance band*, enquanto sua mãe negociava com discos. Ainda adolescente, Declan começou a compor ao violão, atividade que continuou a desenvolver mesmo quando, aos 16 anos, mudou-se para Londres para trabalhar em um banco. Algum tempo depois, Declan conseguiria um emprego na

Double Nasche Spix Press



Silverstein Spa Press

Elvis com Tom Waits. Dois estranhos no ninho pop

fábrica de Elizabeth Arden, no setor de programação de computadores, enquanto, paralelamente, crescia seu envolvimento no meio musical, onde já havia gravado algumas demos e fazia apresentações solo ocasionais pelos *pubs* especializados em country. Foi neste circuito que, em 1975, conheceu o grupo de Brinsley Schwarz, de sucesso local, e decidiu abandonar seu emprego para tornar-se *roadie* deles. Logo Declan era amigo íntimo do baixista da banda, Nick Lowe, também produtor do cast do selo Stiff. Foi através dele que o trabalho musical de nosso personagem chegou aos ouvidos de um dos proprietários da gravadora, Jake Riviera, que, totalmente convencido de suas potencialidades, resolveu tornar-se seu empresário.

Mas as coisas não iam nada bem para Declan naquela altura do campeonato (1976), pois estava casado, com um filho pequeno e quase nenhum dinheiro no bolso. No entanto, sob os auspícios de Riviera e a produção de Lowe, Declan conseguiu gravar um punhado de suas canções, com o apoio musical da obscura banda americana de country rock Clover (pela qual havia passado o então desconhecido Huey Lewis). Foi Riviera, também, que, numa madrugada de porre junto a Declan, resolveu rebatizá-lo como Elvis Costello. A partir daí, as coisas iriam começar a melhorar, num ritmo muito mais acelerado do que o próprio Declan/Elvis poderia supor.

No início de 1977, já ostentando seu novo nome artístico, Elvis preparou um truque de efeito e, portando seu violão, foi para a calçada em frente ao prédio da CBS — onde se realizava uma convenção dos executivos da gravadora — e começou a entoar suas canções. A jogada não foi em vão, pois, por isso e pelos contatos de Riviera, Elvis logo assinou com o selo Columbia e, em abril, já era lançado seu primeiro single — "Less Than Zero" —, rapidamente sucedido pelo seu álbum de estréia, *My Aim Is True*, composto do material gravado por Riviera e Lowe. O disco causou excelente impressão, principalmente pela bílis destilada por Elvis em seus versos raivosos, e afirmou sua reputação de *angry young man* em pleno turbilhão punk da Londres de 1977.

No ano seguinte, o nosso personagem reuniria a banda de apoio que o acompanharia no LP *This Year's Model* e na maioria dos discos posteriores: The Attractions, formada pelo tecladista Steve Nieve, o baixista Bruce Thomas e o baterista Pete Thomas. Com isso, seu som tornou-se mais seco e agressivo, ao mesmo tempo em que ganhava pique com a interação do grupo. Ao lado desta mudança musical, o gênio intempestivo de Elvis começaria a se manifestar de modo explosivo, não só no palco (através de ofensas dirigidas à platéia ou shows ultra-rápidos), como também fora dele (com constantes bebedeiras, brigas e recusas em falar com a imprensa). Isso tudo iria ficar mais acentuado em 1979, após o lançamento do segundo LP de Elvis com os Attractions: *Armed Forces* (cujo título original seria *Emotional Fascism*).

Novamente produzido por Lowe, o álbum trazia arranjos mais elaborados, enquanto Elvis embalava em pretensa suavidade o teor cáustico de suas letras, conseguindo assim um admirável equilíbrio para suas composições. Por outro lado, seu comportamento extramusical continuava a trazer problemas cada vez maiores. E talvez o pior deles (ou o mais noticiado) tenha sido o ocorrido durante a tumultuada excursão americana feita para promover *Armed Forces*, no início de 79. Em Columbus, Ohio, Elvis saiu no tapa com Stephen Stills e Bonnie Bramlett em um bar de hotel, depois de ter se referido a Ray Charles usando a expressão "blind, ignorant nigger" (algo como "crioulo cego ignorante"). O desagradável evento, além de gerar um sem-número de protestos de ligas anti-racismo, também armou uma verdadeira campanha contra ele na imprensa americana, que acabou obrigando-o a retratar-se perante o público, dizendo estar bêbado. Para aproveitar este período de baixa popularidade, ou até para se redimir de sua "bola fora", Elvis acaba tendo sua primeira experiência como produtor no álbum de estréia do grupo *two tone* The Specials.

O ano de 1980 seria muito profícuo para Elvis Costello and the Attractions. A começar pelo lançamento de *Get Happy!!*, um LP em que o grupo daria uma guinada radical em seu som, muito apropriada para adentrar os anos 80: tratava-se de um disco com vinte (!) microfaixas, entre as quais se mesclavam composições próprias e versões de clássicos do rhythm'n'blues e do pop das décadas de 50 e 60 (Sam and Dave, Booker T & the M.G.'s, The Merseybeats), embasadas pela mais absoluta simplicidade. Logo após surgiriam as coletâneas de material extra-álbuns, *Taking Liberties* (americana) e *Ten Bloody Marys & Ten How's Your Fathers* (inglesa, lançada originariamente em cassete e só quatro anos depois em vinil), enquanto que os Attractions gravariam seu primeiro (e único) álbum sem a presença de Elvis: *Mad About the Wrong Boy*.

Os LPs *Trust* e *Almost Blue* — ambos de 1981 — mostrariam duas faces bem diferentes de Elvis: o primeiro primava pela introspecção, apesar de não perder o *beat* pop — marca registrada dos Attractions —, enquanto o outro, gravado em Nashville, era composto de covers de canções country famosas. No meio tempo, Elvis ainda co-produziria o álbum *East Side Story*, do Squeeze (um dos mentores do grupo, Glenn Tillbrook, também havia participado das gravações de *Trust*). No disco seguinte, *Imperial Bedroom* (1982), outro membro do Squeeze, Chris Difford, compareceria na co-autoria de uma canção ("From a Whisper to a Scream"), mas as semelhanças com seus lançamentos do ano anterior paravam por aí: o álbum era repleto de tons orquestrais, numa sofisticação instrumental até então inédita nos trabalhos de Elvis e os Attractions. Esta vertente apareceria de maneira ainda mais direcionada e concisa no LP *Punch the Clock* (1983), talvez devido ao trabalho detalhista dos produtores Clive Langer e Alan Winstanley (produtores do Madness), ou mesmo a legendária presença de Chet Baker.

Nesta linha ascendente de criatividade, era justo esperar uma obra-prima do álbum seguinte de Elvis, mas *Goodbye Cruel World* (1984) só fez os queixos caírem de decepção. Novamente produzido por Langer e Winstanley, desta vez os produtores erraram a mão nos arranjos, um fato que foi agravado também por Elvis não se encontrar em seus melhores momentos criativos. Era hora de dar um outro rumo a sua carreira, e ele decide separar-se temporariamente dos Attractions. O tecladista Nieve daria curso a sua bissexta carreira solo (iniciada em 1983, com o LP *Keyboard Jungle*), enquanto o Thomas do baixo e o Thomas da bateria (que por sinal não são parentes) continuariam em seu forçado ostracismo. Quanto a Elvis, a primeira providência que tomou foi aceitar produzir o álbum *Rum, Sodomy and the Lash*, do grupo irlandês The Pogues. Decisão muito acertada por sinal, pois quis o destino que ele acabasse se apaixonando pela baixista Cait O'Riordan, com quem vive até hoje.

O novo romance parecia haver reavivado a chama criativa de Elvis, que começou 1986 trocando novamente de nome e voltando a chamar-se Declan McManus. Sob o epíteto de The Costello Show, ele lançou *King of America*, um álbum onde enveredava com inspiração por vários estilos (country, blues, rhythm'n'blues), magnificamente respaldado por velhos *session men* americanos — incluindo alguns que haviam trabalhado com Elvis, não o Costello, mas o próprio — e com produção do experiente T-Bone Burnett. No fim do mesmo ano, nosso personagem — o *band leader* Elvis Costello/o compositor Declan McManus/o vocalista e guitarrista Napoleon Dynamite — junta-se aos Attractions mais uma vez para gravar o LP *Blood and Chocolate*, que, se não apresentava a intensidade criativa de *King of America*, ainda mostrava um grupo coeso e com alguns momentos de brilho, mesmo depois de dois anos de inatividade, além de apresentar alguns vocais de Cait, que abandonara os Pogues com o intuito de se tornar atriz (Elvis, neste mesmo ano, atuara no filme *No Surrender*, do diretor inglês Peter Smith).

Em 1987, foi lançada a "coletânea" *Out of Our Idiot*, creditada a "várias artistas". Por trás de cada um deles se encontrava a mão do velho Declan. Sob nomes como Napoleon Dynamite & The Royal Guard, The Coward Brothers, The Emotional Toothpaste, The Impostor e The McManus Gang — este apresentando músicas feitas para a trilha de *Straight to Hell*, de Alex Cox —, entre outros, os "vários artistas" remetiam aqui a apenas um, qualquer que fosse o nome que estivesse usando. Após este projeto, Declan deslocou-se para a Irlanda acompanhando Cait, que iria estrelar o filme *The Courier*, do qual ele acabou até participando da trilha. Durante esta temporada, começou a elaborar o material de *Spike*, que foi crescendo de proporções, dadas as condições favoráveis que lhe foram oferecidas. E, dentre elas, talvez a mais importante tenha sido a de trabalhar em conjunto com seu conterrâneo Paul McCartney, que parece ter gostado da idéia, pois retribuiu a parada incluindo quatro parcerias com Declan (além de participações nos teclados e harmonias vocais) em seu último LP, *Flowers in the Dirt*. Duas gerações em parceria.

É a consagração do trabalho eclético de Declan/Elvis, que conseguiu manter o seu carisma em compor/cantar dentro da extrema diversidade dos estilos pelos quais se aventurou. Um jogo de cintura que fez com que suas canções tivessem recebido versões de nomes tão díspares quanto Linda Rondstadt ("Alison", "Party Girl", "Girls Talk"), Johnny Cash ("The Big Light"), George Jones ("Stranger in the House"), Dave Edmunds ("Girls Talk"), Robert Wyatt ("Shipbuilding"), Chet Baker ("Almost Blue") e Roy Orbison ("The Comedians"), entre outros. Depois dos louros colhidos com *Spike*, qual será a direção que Elvis, Declan, Napoleon ou qualquer outro nome que o nosso personagem estiver usando tomará? Resta imaginar o seu próximo passo. Ou sua próxima face.

"Nunca fiz autopsicanálise. São apenas canções"

Lenyadin Spa Press

QUEM RI POR ÚLTIMO...

JOÃO PENCA & SEUS MIQUINHOS AMESTRADOS voltam à tona e puxam pela memória

Fotos: Ricardo Siqueira (Abril)

No início de julho deste ano, uma fita com a música "SOS Miquinhos" — um medley com versões safadas dos Beatles e de Roberto e Erasmo Carlos, entre outros — foi executada por uma rádio FM carioca e, no mesmo dia, alcançou o primeiro lugar entre as mais pedidas. O fato, raríssimo, promoveu o reaparecimento de João Penca & Seus Miquinhos Amestrados, reduzidos hoje ao trio Bob Galo, Avelar e Abreu.

Para a grande maioria, eles ficaram conhecidos por suas colaborações junto a Eduardo Dusek e Léo Jaime, um ex-miquinho, ou ainda com Ney Matogrosso, através do hit "Telma, Eu Não Sou Gay" — versão para "Tell Me Once Again", de um grupo brasileiro chamado Light Reflections!

Mas essa posição de coadjuvantes não faz justiça ao trabalho desenvolvido pelo grupo. Há mais de quinze anos, recriam com humor peculiar o rock'n'roll do final dos anos 50 e do princípio dos 60, mantendo a tradição dos grupos vocais desde o doo-wop, dos Platters aos Beach Boys. Tais influências, explicitamente assumidas, são encontradas sob forma de versões para clássicos como "Heartbreak Hotel", "Johnny B. Goode" e "Monster Mash" ou mesmo músicas próprias, como "Lágrimas de Crocodilo" e "Universotário", alguns de seus sucessos radiofônicos.

Essa história começou em 1970 com Bob Galo e seu irmão Cláudio Killer. Nessa época, junto com os amigos Leandro e Guilherme Hully Gully — todos na faixa dos 12 anos —, se reuniam no edifício onde moravam, no Leblon. Além de jogar bola, escreviam histórias em quadrinhos, ouviam os discos do Leandro — coisas como Chubby Checker e Bill Haley — e começaram a levar um som. "Era um passatempo, mas sagrado", comenta Galo. "Tocávamos na garagem, dentro dos carros, nas escadas e corredores. Era reclamação todo dia."

Não demorou muito para se apresentarem em público. Em 1972, estrearam no Colégio S. André sob o nome de Zoo. Um ano depois, em outro colégio, o Santo Agostinho, conheceram Avelar Love, que, aos 13 anos, já possuía sua inconfundível voz grave. Por ter morado nos EUA, entendia as letras e podia também cantar em inglês. Imediatamente foi convidado pela banda — a essa altura, ainda sem um nome definitivo. O próprio Avelar explica: "As bandas usavam nomes pseudo-intelectuais, final do flower power. Mas nós éramos avessos a isso, com nosso comportamento e modo de vestir bem no estilo anos 50. Queríamos ser os Beach Boys brasileiros ou Sha-Na-Na *(grupo vocal americano que, já no final dos 60, promovia um* revival *dos anos 50)*. Então, durante os ensaios, surgiam nomes como Jacko Mingus Five, Sancho Pança e Seus Pancholitos... Até que um dia, alguém disse João Penca e Seus Miquinhos Amestrados. Achamos ótimo porque, além de lembrar aqueles nomes com o dono da banda e seus acompanhantes, ao mesmo tempo é superbrasileiro".

Tudo o que queriam era "um palco para bagunçar". "Uma vez", conta Galo, "ganhamos uma taça no festival de um colégio. No caminho de casa, simplesmente a jogamos no canal. Aquilo não tinha nenhum valor para nós." Avelar acha que nem mesmo o sentido das músicas importava. "Fazíamos covers, versões e algumas criações próprias como 'Para Que Serve o Dinheiro' ou 'Mais Vale a Calma e a Destreza do Que a Fuga Desesperada', título tirado da moral da história de um disquinho infantil."

Selvagem Big Abreu — por coincidência ex-vizinho de Avelar quando moleque — tornou-se um Miquinho no final de 1974. Abreu costumava ficar no fundo da sala de aula, cantando com Bob Galo músicas da Jovem Guarda. Além dessas afinidades musicais, sua família tinha uma casa na praia com um piano na sala, logo transformada em local de ensaio. "Eu achava muito estranho", explica Abreu. "Ensaiávamos todo dia. Chegamos até a gravar umas fitas num gravadorzinho, mas não fazíamos shows." Segundo Avelar, "tentávamos ser meio jazz, uma horrível banda de jazz, com arranjos de metais complicados e letras enormes".

Uma oportuna apresentação no fã-clube de Elvis Presley interrompeu este período de hibernação no fim de 1977. "Foi bem no ano em que Elvis morreu", lembra Avelar. "A intenção era pegar uma carona com o fã-clube. Tocamos de 'Love Me Tender' até 'A Louca do Humaitá', uma versão nossa."

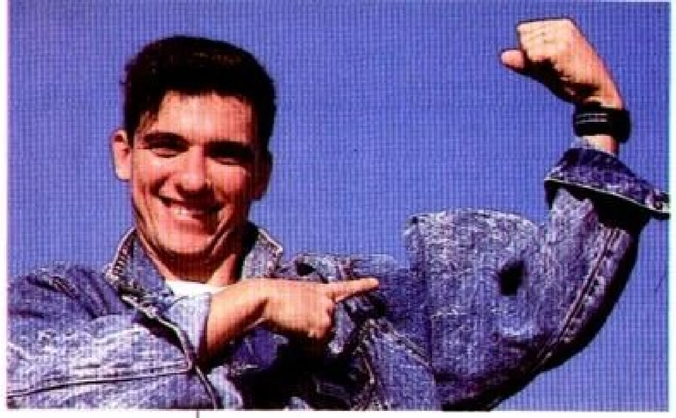
No ano seguinte, após o vestibular, passaram a frequentar o circuito universitário de shows, sem perder, contudo, o espírito ginasiano. "Inscrevemos 'Monstro Macho' num festival e acabamos levando o terceiro lugar. Antes que cassassem, fomos logo tirar o prêmio, um microfone, numa loja. Só depois descobriram que a música era uma versão *(to 'Monster Mash', de L. Capizzi e B. Pickett)*", confessa Abreu.

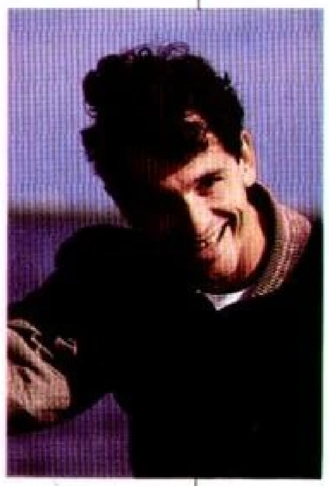
Os Miquinhos só começaram mesmo a se profissionalizar em 1980, quando conheceram Léo Guanabara, nome usado então por Léo Jaime. "Ele tinha várias músicas, entre elas 'Rock da Cachorra' e já batalhava pelos bares. Só frequentamos esse circuito quando ele começou a cantar com a gente", recorda Abreu. "Outra grande força que recebemos foi do Eduardo Dusek. No final de 81, falamos com o Júlio Barroso para abrir o show da Gang 90 no Morro da Urca. Na hora H, ele não quis. Resolvemos, então, penetrar, tocar na marra. O Dusek assistiu e, como devia estar louco, cismou que era a Gang. Tempos depois, esbarramos com ele num restaurante. Após horas de conversa, lembrou daquele show e, assim, marcamos uma reunião."

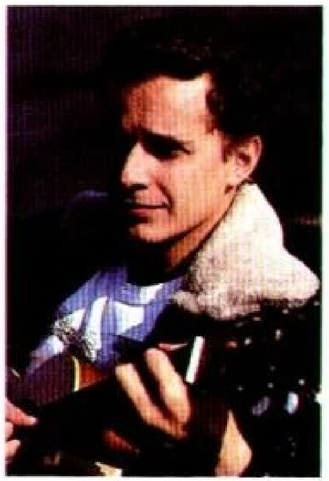
O primeiro projeto a surgir desse encontro foi um LP. A princípio, os Miquinhos o dividiriam com Dusek, mas acabaram gravando *Cantando no Banheiro* como acompanhantes — a gravadora não queria assinar nada com eles. No festival *MPB Shell* de 1982, surpreenderam o público e a própria produção ao trocar a música originalmente inscrita por "Barrados no Baile". "O Dusek foi uma boa escola, um grande mestre de palco. Fizemos vários shows juntos, mas, como não queríamos ficar amarrados ao trabalho dele, continuamos a tocar sozinhos", ressalta Avelar. Nesse meio tempo, a CBS mostrou-se interessada em contratar apenas quatro dos oito miquinhos. Prevaleceu

Leblon, Rio de Janeiro, 1970. Rock'n'roll e molecagem em fase embrionária: Bob Galo (com o violão), Guilherme Hully Gully (na guitarra) e Leandro (sentado)

Arquivo pessoal Abreu







Os três micos: no topo, Abreu. Acima, à esq., Bob Galo. À direita, Avelar

a amizade e recusaram a proposta, com exceção de Léo Jaime, que seguiu sua carreira solo nesta gravadora.

Em 1983, surgiria finalmente uma oportunidade. Apresentados pelo próprio Léo ao produtor Ronaldo Bastos, da Ariola, gravaram o LP *Os Maiores Sucessos de João Penca & Seus Miquinhos Amestrados*. Mas, se "Telma, Eu Não Sou Gay" trouxe algum sucesso, não foi para o grupo. Avelar esclarece: "Queríamos alguém notório para cantar essa música. Pensamos no Aguinaldo Timóteo, mas ele já estava na política. Então convidamos o Ney Matogrosso. Quando a música estourou, nosso disco ainda não estava nas lojas. A gravadora queria colocar a faixa no disco do Ney e tirar do nosso. Acabou ficando nos dois, só que o nosso nem foi trabalhado". Em represália, carimbaram uma sala inteira da Ariola com o nome da banda.

Ainda no final do ano, tiveram que superar um trauma mais sério: a morte repentina de Cláudio Killer, vitimado por um escapamento de gás no banheiro.

Os Miquinhos só voltariam a gravar em 1984, participando de *Rock in Brasil*, pau-de-sebo da RCA, que daria origem a um compacto com "Pop Star" e, no ano seguinte, ao LP *Okey, My Gay*. Paralelamente, os três continuavam trabalhando — Avelar e Galo como engenheiros e Abreu como arquiteto. Nem sempre conseguiam dominar o cansaço. Galo chegou a dormir numa reunião, após virar a noite filmando *As Sete Vampiras*, de Ivan Cardoso. Com "Lágrimas de Crocodilo" tocando nas rádios, passaram a ser mais solicitados para shows, mas a dedicação integral à música só viria depois do terceiro LP, *Além da Alienação* (1987).

Na verdade, mesmo com essa presença errática em vinil e nas rádios, o grupo nunca deixou os palcos. "Somos conhecidos pela estrada por apresentar um bom show. O público vê novidade no que estamos carecas de fazer naturalmente. Traduzimos a linguagem dos anos 50 para hoje", garante Abreu. O segredo, para Avelar, é estar sempre se divertindo no palco. "As pessoas que não conhecem, deveriam fazer um esforço e ir assistir ao nosso show. Passar nosso trabalho para o disco é muito difícil."

Os Miquinhos se confessam mais satisfeitos com o resultado de *Sucesso do Inconsciente*, quarto LP, praticamente produzido por eles mesmos. "Chegamos com o disco já estruturado, numa pré-produção em oito canais. Os arranjos foram feitos com o baixista Dodo Ferreira e o guitarrista Ricardo Palmeira, da nossa banda. Esse entrosamento com a banda é muito importante e foi crescendo através das viagens. Acreditamos que é o disco que mais caracteriza o grupo", afirma Abreu.

Antes de chegar às lojas, o LP já contava com o sucesso de "SOS Miquinhos" e uma certa polêmica. O grupo editorial EMI-Odeon interditou as versões de "I Should Have Known Better" e "All My Lovin'", dos Beatles. Uma segunda edição foi rapidamente gravada e "SOS Miquinhos" voltou a circular nas rádios. Até mesmo aquelas que consideravam a música pornográfica, cederam devido aos insistentes pedidos dos ouvintes. Avelar tem certeza de que todo mundo já conhecia essas letras. "Queríamos fazer uma música de sacanagem e aproveitamos para convidar pessoas de quem gostamos, como Léo Jaime, Lulu Santos, Erasmo Carlos, Roger, Evandro Mesquita e as meninas do Afrodite Se Quiser. Ela nem seria a música de trabalho. Tínhamos escolhido 'Larga o Meu Pé'."

"Estamos tão preocupados com a promiscuidade, que já reduzimos o número de parceiros", comentam a respeito dos letristas com quem têm trabalhado. Entre os citados estão Leandro, que havia deixado o grupo em 1984, Léo Jaime, Van Santos, Marcelo Elo e Tony Wilson, "um personagem misterioso". Dos três vocalistas, o único que ainda toca um instrumento é Abreu, agora mais à vontade com a guitarra. Galo abandonou há muito tempo o baixo e Avelar desistiu de vez do saxofone. No palco, a versatilidade fica por conta do improviso nas gags e coreografias.

Com o novo show, *Era um Garoto que como Eu Amava os Beatles e os Rolling Stones*, dirigido por Evandro Mesquita, pretendem agora viajar pelo Brasil todo, tocando para um público cada vez mais variado. "Ano passado", conta Avelar, "viajamos com o Projeto Pixinguinha pelo Nordeste e lotamos os teatros. Teve uma senhora que veio até nós só para dizer que tinha adorado o show, porque trazia recordações da sua época. Até eu me emocionei." Abreu completa: "Isso quer dizer que nem sempre somos engraçadinhos. É só reparar nas letras. O que fazemos é supersincero. Tem muita gente entrando nessa de rock engraçadinho para ganhar dinheiro, mas não fazem tantos shows como nós. Quem conhece mesmo o nosso trabalho percebe o quanto acreditamos nisso".

LORENA CALABRIA

SM-58
Você tem a chance de uma grande performance.
Nós temos a obrigação.
UP NAVE
Le son ®
PROFESSIONAL MICROPHONES
LE SON e SM 58 são marcas registradas de Le son - Laboratório de Engenharia Sônica S/A.

"A fábrica de idiotas não pára de funcionar", diz um dos versos de "Idiotas". A música, tocada como um hardcore, mas feita sob um afoxé invertido, figurou nas rádios alternativas como cartão de visitas da banda carioca **Urge.** Em 85, Pedro Luiz resolveu pôr em prática suas idéias musicais e chamou alguns amigos. Era caso de urgência e o nome viria a calhar. Passaram a se apresentar no circuito Rio-São Paulo, com um estilo "agoniado", como define Pedro. "É como revestir de rock tudo o que nos agrada. Da métrica do samba ao suingue do funk." Dois exemplos dessa simbiose musical são "Gatilho", um rock com sonoridade eletrônica tirada de instrumentos acústicos, e "Famintos", nem tão funk nem tão samba.

Formado por **Pedro** (vocal, guitarra e letras), **Margô** (vocal e guitarra), **Fabrício** (baixo), **Sérgio Naidin** (bateria) e **Duda Vilaça** (teclado e baixo), o Urge gravou um mix com duas músicas, em julho deste ano, co-produção da Escola de Música Cenário, que será divulgado através dos shows. No repertório, em constante ebulição, músicas antigas reprocessadas ("Idiotas" e "Matei o Chefe", versão de "I Shot the Sheriff") têm lugar junto às mais recentes. Mesmo trilhando caminhos independentes, já gravaram dois clips e um documentário.

Ricardo Siqueira/Azul

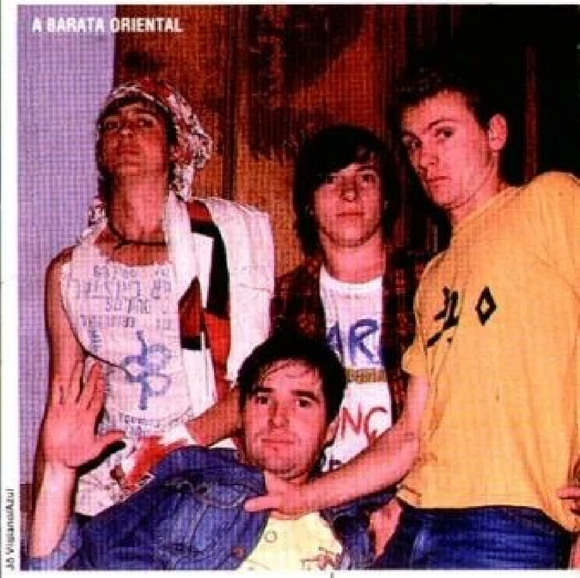
JB Viganó/Azul

Enquanto ***Ratão*** *(vocal), depois de uma extenuante noitada de trabalho como* barman *do Ocidente, tenta alinhavar versos permeados por uma indelével conotação brega,* ***Gustavo*** *(guitarra) garante que prefere captar inspirações psicodebilóides para integrar as canções que compõe. O* ***Justa Causa*** *existe desde 86, mas Gustavo quer deixar bem evidente uma separação de fases. A mais recente começou no verão passado, quando Gugu assumiu o baixo, trazendo para a banda "o suingue que faltava", como atesta Ratão, que também sonha cantar como Ian Gillan.*

Eles aparecem com duas faixas na coletânea Rio Grande do Rock, *editada pela finada SBK, e têm agora pelo menos três gravadoras no seu encalço — Eldorado, BMG e EMI. O interesse não é à toa. Os garotos fazem um rock visceral, com uma das melhores performances disponíveis nos pobres palcos do Sul. Nas ondas hertzianas comparecem com uma versão inacreditavelmente pesada para "Não Vou Ficar", de Tim Maia, rasgando os ouvidos viciados na batidinha acid-FM que assola o país.*

Mattoli & Ivanovic podem ser desconhecidos, mas seus integrantes — **Marco Mattoli** (guitarra/voz) e **Andreì Ivanovic** (baixo) — eram freqüentadores do underground paulista antes mesmo dele ser descoberto pela mídia. Por isso mesmo optaram por trabalhar em dupla, ao invés de montar uma banda: "Banda, se não tem recurso e tempo de estrada, fica pobre em elementos sonoros", atesta Marco. Para suprir a carga humana, utilizam, sem modismos, a tecnologia disponível neste fim de século, transportando suas paixões pelas raízes da MPB — dos clássicos, passando pela bossa nova e a canção — para uma linguagem mais atual. O resultado, além da releitura bem vinda, ganha claros contornos através desta proposta dada por Marco: "Nosso instrumento ultrapassa a guitarra e o baixo que tocamos. É uma coisa maior. Pretende ser o alto-falante. Afinal, todo mundo tem pelo menos um som estéreo em casa. E fazemos música para essas caixas acústicas: para que ela chegue até as pessoas". Nos shows, levam convidados por afinidade, como **Beto Firmino** (teclados e voz) e **Marquinhos** e **Erivelton** (percussão). **Ciro Pessoa** e **Marta Oliveira** contribuem nas letras e composições. O colorido dos espetáculos (como esse da foto) leva a marca do ateliê de Artes Plásticas S.H.A.R.A.N.D.U. E as pretensões da dupla ficam manifestas nesta afirmação: "Queremos exportar nosso som. O mercado internacional não tem nada parecido. Sou cidadão do mundo e quero fazer música para o mundo".

Jorge Hosammer/Azul



JB Viganó/Azul

Eram menos de mil pessoas no Araújo Viana, um auditório aberto com capacidade para cinco mil. O palco provisório — o original está interditado, pois a concha acústica ameaça ruir — serviu de passagem para bandas como ***A Barata Oriental***, ***Smog Fog***, ***Colarinhos Caóticos*** e ***Vzyadoq Moe***. *O motivo da reunião foi o* ***Projeto Araújo Viável***, *que procura recursos para a recuperação do espaço. Na primeira linha da platéia estavam alguns representantes do rock porto-alegrense, como* ***Wander Wildner*** *e* ***Edu K***. *Tocando entre bandas consideradas de não-rock ou anticonvencionais, os semigermânicos da Barata Oriental acabaram comprovando que o público ainda prefere o bom e velho rock'n'roll. Com seu primeiro LP prestes a entrar nas lojas, foram para o palco com todo o gás e ganharam o fim de tarde domingueiro. O projeto deve ter mais uma série de shows, todos no mesmo esquema de três ou quatro bandas por edição.*

A Rádio 89 FM está promovendo seu primeiro festival de bandas novas. A iniciativa é bem-vinda. Na primeira de uma série de quatro eliminatórias, pôde-se ter um cheiro da linha das bandas classificadas para as finais. Como não ficaram claros os critérios de seleção usados até aqui, deduz-se que as selecionadas se encaixam na programação da rádio, ultimamente mais pop que rock. Nem por isso a participação do público foi menos calorosa: Dama Xoc lotado, organização de primeira linha, o **89 Fest Rock** lembrou muito, nesta primeira eliminatória, o **Projeto Outras Caras** realizado há quatro meses pelo **Espaço Alquimia** de São Paulo. Tanto assim que uma das classificadas, a banda **Nem**, foi alvo de destaque no Outras Caras e, já naquela época, dava mostras de sua criatividade e segurança no palco. Georgia, que antes segurava uma guitarra, assumiu os vocais e manteve seu pique alegre e divertido, tornando-se uma das revelações deste festival, além de quebrar a hegemonia masculina nos vocais em formações como esta. A música "Bob Bobo, Jack Jeca, Mac Nada, Yeah!" revelou-se também a melhor composição da noite — uma sátira às lanchonetes fast food. A outra banda classificada foi **Cristal Liquido**, com "Pictures". Se apresentaram, ainda, **Jaqueline, Legalize, Dáfilin, A.D., Leitura Privada, As Mocréias Inconseqüentes** e **525**.

SÔNIA MARIA (SP)

Mila Maluhy/Azul

As fitas enviadas à redação caminham sempre numa dessas direções: ou os grupos optam pelo radical, seja punk, hardcore, heavy e suas variações; ou caem naquele rock feito sem muita convicção, excessivamente apegado a fórmulas; ou atacam o funk e suas mil variações em moda; ou, ainda, trilham o experimentalismo, um terreno que exige, se não muita estrada e seu aprendizado, um conhecimento menos superficial de música. Os que seguem tranqüilos são os menos pretensiosos, fazendo uso de duas coisas básicas para quem inicia — humildade e simplicidade. A última leva de fitas não fugiu a essas regras.

Epidemic, citado há duas edições como uma banda de thrash metal curitibana, está longe de sê-lo. A fita veio atestar um estilo oscilante entre o heavy tradicional e suas atuais releituras, necessitando de muito mais peso, sujeira e velocidade para ser classificado como tal. Já o **Holydeath**, também de Curitiba, faz jus à linha que abraçou: barulho feito sob medida para os amantes do estilo, seguindo, com firmeza, os caminhos mal traçados pelo Epidemic. O **City Limits**, de São Vicente (SP), pediu mais clareza na análise de sua fita. Vamos lá. Pertencentes à turma dos experimentalistas, voam por um clima soturno, fazendo uso dos graves (baixo) em contraste com os agudos (vocal); fitas pré-gravadas, invertidas ou não, em velocidade normal ou não; poucas notas e um toque de noise. O único problema é que todos esses elementos soam isolados, faltando uma costura que os transforme num tecido firme e suficientemente denso.

O **Guerrilheiro Anti-Nuclear** soa como xerox das bandas de rock brasileiras dos anos 70 — Tutti Frutti, Made in Brazil... — não dispensando frases como: "Acendeu a luz e o rock invadiu a cidade". O saudosismo seria até bem-vindo, caso fosse acrescentado um sangue novo à tentativa. **Amotinados do Teffé**, de Belo Horizonte, seguem estilo já visitado por bandas como Capital Inicial e RPM.

O **Napalm**, também de Belo Horizonte, parece fazer o que sabe — rock com pequenas influências européias, mas executado de forma simples, sem muito floreio e, quando comer mais chão, deve render algum caldo. **Anjos e Arranjos** vem do Rio e já abre com um funk. Falam de uma Copacabana soterrada pelos assaltos etc. etc. etc.

SÔNIA MARIA (SP)

AVISO AOS ASSINANTES

SE VOCÊ NECESSITA DE ALGUMA INFORMAÇÃO SOBRE SUA ASSINATURA, ESCREVA PARA EDITORA ABRIL -ASSINATURAS, RUA DO CURTUME, 769, LAPA, CEP 05065, SÃO PAULO, SP.

OU, SE PREFERIR, UTILIZE ESTES TELEFONES:

SÃO PAULO TEL. (011) 823-9222
DAS 8H ÀS 18H (ININTERRUPTO)
RIO DE JANEIRO TEL. (021) 295-5544
DAS 8H ÀS 18H (ININTERRUPTO)
RECIFE TEL. (081) 224-0655
DAS 8H30 ÀS 12H30 E DAS 14H ÀS 18H
SALVADOR TEL. (071) 247-1022
DAS 8H ÀS 12H E DAS 14H ÀS 18H
BELO HORIZONTE TEL. (031) 275-2255
DAS 8H30 ÀS 12H E DAS 13H30 ÀS 18H
PORTO ALEGRE TEL. (0512) 33-9034
DAS 8H30 ÀS 12H E DAS 14H ÀS 18H30
BRASÍLIA TEL. (061) 226-6963
DAS 8H30 ÀS 12H E DAS 13H30 ÀS 18H
CURITIBA TEL. (041) 263-3013
DAS 8H30 ÀS 12H E DAS 14H ÀS 18H30
FLORIANÓPOLIS TEL. (0482) 23-7598
DAS 9H ÀS 12H E DAS 14 ÀS 18H

SE VOCÊ MUDOU DE ENDEREÇO, PREENCHA O PEDIDO DE ALTERAÇÃO ABAIXO, COLOQUE-O NUM ENVELOPE E ENVIE-O PARA

EDITORA ABRIL
ASSINATURAS
RUA DO CURTUME, 769, CEP 05065,
LAPA, SÃO PAULO, SP.

PEDIDO DE ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO.

COLE AQUI SUA ETIQUETA DE ENDEREÇAMENTO ANTERIOR.

ATENÇÃO: OS EXEMPLARES COMEÇARÃO A CHEGAR EM SEU NOVO ENDEREÇO DE 4 A 6 SEMANAS APÓS RECEBERMOS O SEU PEDIDO.

NOVO ENDEREÇO _____ Nº _____
BAIRRO _____ CEP _____
CIDADE _____ ESTADO _____ TELEFONE _____

RECORTE AQUI

LAURIE ANDERSON

Beti Niemeyer/Azul

Ela saiu em 1967 de Illinois com um violino debaixo do braço (que começou a tocar aos cinco anos) para estudar História da Arte em Novo York. Depois de um período em que trabalhou como professora e crítica de arte, Laurie Anderson passou a usar música como suporte para suas experiências cênico-visuais. O primeiro disco que comprou foi uma sinfonia de **Tchaikovsky**, mas a lembrança mais antiga é de um disquinho infantil chamado *Letters from Daddy*, recheado de conselhos imbecis de bom comportamento para crianças, mas que acabou sendo uma "influência decisiva" para seu trabalho. "Como todo mundo", adorou os **Beatles** — "mas não os Rolling Stones" — e o "rei" **Elvis Presley**. Não é muito boa para nomes, mas cita **Astor Piazzolla** e diz que está ligada nos discos do baixista sul-africano **Bghiti Khuma**, que toca em seu último LP, *Strange Angels*. Ouve de tudo em casa: sons do Oriente e da África, clássicos e vanguarda.

CAETANO VELOSO "ÉPICO" (Caetano Veloso)
"Ótimo. Tem uma concepção cinematográfica: a forma como a música entra e os ruídos da cidade são introduzidos: tudo isso passa uma sensação muito forte, como se o microfone funcionasse como uma câmera. Não imagino quem seja, mas, se você me der o nome do disco, vou correndo comprar. É Caetano, então? Eu adoro, conheci seu trabalho uns dois anos atrás e, agora, Arto Lindsay me deu o disco que fez com ele. É muito bom e a forma como ele canta me agrada."

BLACK FUTURE "NO NIGHTS" (Marcio Bandeira Tantão César Nine)
"Para este tipo de trabalho, eu precisaria entender a letra, saber o que eles estão cantando. Não é exatamente o tipo de música que eu ouço, mas gostei deste *groove*, é uma levada gostosa... Vamos para as outras."

WALTER FRANCO "CACHORRO BABUCHO" (Walter Franco)
"Tem uma canção no meu show que, traduzida para o português, ficou com esta mesma sonoridade, com muitas palavras terminadas em 'shoo' e 'shii'. Gosto desta característica da língua portuguesa, que dá uma sonoridade percussiva às palavras. Ele explora bem isso, quem é?"

NANÁ VASCONCELOS "BUSH DANCE" (Nanã Vasconcelos)
"Acho qualquer coisa com cuíca e essa percussão ótima. É o tipo de coisa que tenho procurado para o meu trabalho. Eu não gosto da bateria tradicional. Realmente muito bom, quem é? Nanã? *(risos)*. Ele está participando do meu novo disco e sinto muita afinidade com o trabalho dele. Também adoro vê-lo tocando, o instrumento parece fazer parte do seu corpo."

CLEMENTINA DE JESUS "MARINHEIRO SÓ" (Folclore baiano)
"Adoro essa coisa com o *background*. Parece que uma cidade inteira está acompanhando, me passa um clima de comunhão muito forte. A voz que sola também me impressiona, tem muita vitalidade. A gente precisa deste tipo de coisa, essa música nos reabastece... Não imagino quem ou de onde seja, mas gostei muito."

TOM JOBIM "O HOMEM" (Tom Jobim)
"Isso parece coisa de cinema, deve ser alguma trilha sonora. Lembra muito Bernard Herrman, que fez quase todas as trilhas sonoras do Hitchcock e também a de *Taxi Driver*, do Scorsese. Não é ele? Quem é? Tom Jobim... Claro que eu conheço, quem não o conhece nos States? Mas eu nunca escutei muito, não é o tipo de música que eu procure."

DANCE MIX

A IDADE DO VINIL LASCADO

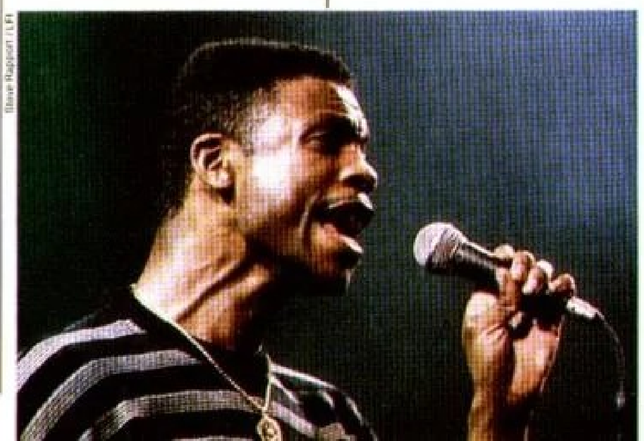
Não importa que parâmetros sejam traçados para definir o rock, tudo começou com uma *beat* profunda da mãe África, eletrificada e despachada em clubes noturnos freqüentados por *blacks* suados, dispostos a dançar até passar mal. Foram os hippies que começaram a difundir a divisão entre "cabeça" e "quadris" na música, minimizando o soul de artistas como Wilson Pickett ou Otis Redding. Coisas da História. Duas décadas se passaram e se tornou impossível falar da evolução musical sem cair na dança.

A *dance music* trouxe o *scratching*, fomentou o desenvolvimento do *sampler* e dos seqüenciadores, popularizou baterias eletrônicas, reduziu a parafernália teatral do rock progressivo a *microchips*, catapultou DJs à condição de músicos e produtores, e, principalmente, iniciou um grande processo de fusão musical em nível mundial — seu sincretismo levou à criação do rái, que, por sua vez, foi incorporado à house, e por aí afora. Mesmo mensageiros do apocalipse sônico como os integrantes do Jesus & Mary Chain caíram na tentação da dança ácida.

Parece que foi ontem que se começou a falar em house (nota: foi ontem), mas desde os primeiros anos da década, quando o DJ Frankie Knuckles passou a mixar o som de um trem expresso sobre ritmos intermináveis, levando a multidão do *club* Warehouse, de Chicago, a um clímax frenético, a house music não parou de acelerar. Hoje, há o Chicago house, acid house, hip house, deep house, garage, Detroit techno, mesmo ska house — também conhecido como ska cid. A Europa continental, por sua vez, tem respondido a essa ascensão irresistível com a new beat, versão desacelerada do rock eletrônico, popular especialmente na Bélgica, e com a world music trazida por imigrantes, principalmente à França. Mas há muito mais sendo executado nos clubes. Não há como sair à noite sem ouvir um novo ritmo. Afinal, o que um pobre rapaz pode fazer em cidades sonolentos?

CORAÇÃO DIGITAL

Era uma vez o soul — casamento do gospel com o rhythm'n'blues. Durante vinte anos reinou supremo, dominando pistas e corações. Então surgiu um ser do espaço — o computador. *Samplers*, *drum machines*, seqüenciadores... De repente, tudo se tornou digital, e a música do coração se tornou a música do micro. Mas, como música raramente é tão simples assim, uma nova síntese, combinando os melhores elementos de ambos os pólos, não tardou a surgir. Na Inglaterra, foi o street-soul (com um pouquinho de reggae), enquanto nos *States*, a mistura ganhou o nome de swingbeat.


Bruce Raggart (LFI)

Teddy Riley é o pai incontestável da swingbeat. "Eu queria trazer o hip hop para o rhythm'n'blues e deixar o resultado mais *street*", explica o produtor nova-iorquino que atingiu a fama com "I Want Her", gravado por Keith Sweat, a primeira gravação descaradamente swingbeat.

O estilo foi veiculado, inicialmente, por uma única companhia, a Sunset Sound of L.A. que acaba de fechar contrato com a CBS brasileira. A gravadora já está prometendo alguns discos deste catálogo, em especial o LP da dupla LA & Babyface, que começou a acontecer graças a seu trabalho com Bobby Brown, ex-New Edition, e o novo LP dos Jacksons — que também traz duas faixas produzidas por Teddy Riley, produtor ainda de Kool Moe Dee, Heavy D & The Boyz, Red Head e de um remix de "Keep on Moving", do festejado Soul II Soul.

Swingbeat retornou o soul para o centro das atenções, e, durante os próximos meses ao menos, será um tópico obrigatório nas reuniões de marketing das gravadoras. Aguardem remixes à swingbeat por todo mundo.

UM DJ AMERICANO EM SÃO PAULO

David Azarc, DJ do Palladium de Nova York, esteve recentemente em São Paulo, discotecando na danceteria Contramão e fazendo compras. "Minha meta era ouvir o que está rolando no Brasil, voltar com novas *beats* pra tocar e alguns trechos de músicas para usar como *samples* no futuro." David começou a tocar há dez anos. "Alguns amigos precisavam de um DJ para uma festa de um *magazine underground*. Eu nunca tinha discotecado antes. Poucos meses depois da festa, recebi um telefonema e acabei me tornando DJ do Mudd Club, em Nova York. Muito por acidente." Agora, ele começa a se dedicar à produção de discos. "Trata-se de um grupo vocal dos anos 60, Persuasions. Eles fizeram uma cover de uma música dos Rolling Stones e me pediram para realizar um *dance mix* da gravação. E já está chegando às lojas uma compilação ácida chamada *Consider Yourself Housed*, da qual eu participo." Suas preferências musicais são acid house e rap — "a maioria dos discos que eu trouxe comigo". O que leva à inevitável questão: Garage não é mais o estilo de Nova York? "É difícil dizer qual a categoria de som de Nova York.

Stiletto

Se o som for bom, o público dança. Há o que eles chamam agora de *underground music clubs*, onde muita garage tem sido tocada. Mas não é um estilo predominante na massa do público. Há uma fusão acontecendo no momento. Os anos 90 serão uma época em que a Europa e os EUA vão se abrir em uma escala ainda maior para a música de todo o mundo. Eu espero." Seu *Top 5*: Tone Loc, Soul II Soul, Todd Terry, New Order e Maurice.

OS ELEITOS

Os jovens DJs londrinos estão nas nuvens. Seus talentos, propagados pela ascensão do acid house, estão solicitadíssimos. Jonathan More e Matt Black, do Coldcut, foram convidados a produzir o novo LP do Fall. Tim Simenon, do Bomb the Bass, colocou suas mãos em três faixas do LP de estréia da sensação do ano, Neneh Cherry, e no trabalho solo de Cat, parceira de Prince. E Mark Moore, do S'Express, após algumas remixagens do single "Batdance", foi convidado por Prince para participar das gravações de seu novo LP. Mark, por sinal, também é responsável por três faixas do novo LP de Malcolm McLaren, incluindo o hit "Deep in Vogue".

RAPPERS CONTRA O RACISMO

O movimento antiapartheid continua chutando. Acaba de ser lançado o single "Beyond the 16th Parallel", que reúne a nata dos rappers britânicos sob a bandeira da Black Rhyme Organization To Help Equal Rights, B.R.O.T.H.E.R. Participam da gravação: London Rhyme Syndicate, Overlord X, London Posse e Cookie Crew.

AO VIVO

WEMBLEY ARENA, LONDRES

PET SHOP BOYS

Pet Shop Boys ao vivo? Assim que os shows foram anunciados, milhares de pessoas correram em busca de ingresso. Milhares porque os PSB são uma raridade: ao mesmo tempo que vendem discos às toneladas, são respeitados pela chatíssima imprensa britânica. Além disso, depois de vários hits em seu currículo, esta é a primeira vez que eles tocam "oficialmente" ao vivo.

Para a grande estréia no palco, convocaram o cineasta inglês Derek Jarman (*Caravaggio*) para dirigir o espetáculo. Tudo planejado nos mínimos detalhes: os filmes projetados nas telas gigantes atrás do palco, os figurinos, os dançarinos, as luzes. Até o show de abertura com música clássica, do Balenceau String Quartet, parecia fazer parte do "Grande Plano". O objetivo? Realizar o maior show da história.

As luzes se apagam. Quando voltam, ao som de "One More Chance", o palco está cheio: quatro backing vocals, seis dançarinos mais um tecladista e um baterista. Neil Tennant e Chris Lowe fazem uma entrada espetacular — Neil com uma capa de chuva prateada e Chris em couro negro, a jaqueta enfeitada com pedras vermelhas. Para "Opportunities" há poucas mudanças, mas a tela ganha vida e vemos breves cenas com um casal (ela com a beleza, ele com a inteligência!), em típico estilo Jarman. Enquanto Neil se troca atrás de um biombo, a banda ataca com "Left to My Own Devices". Os quatro cantores negros exibem vocais poderosos e, no final, somos agraciados com a chegada de Courtney Pine e seu saxofone. Com "Rent", Neil aparece vestindo um espalhafatoso casaco de pele branco e, na tela e no palco, casais rodopiam.

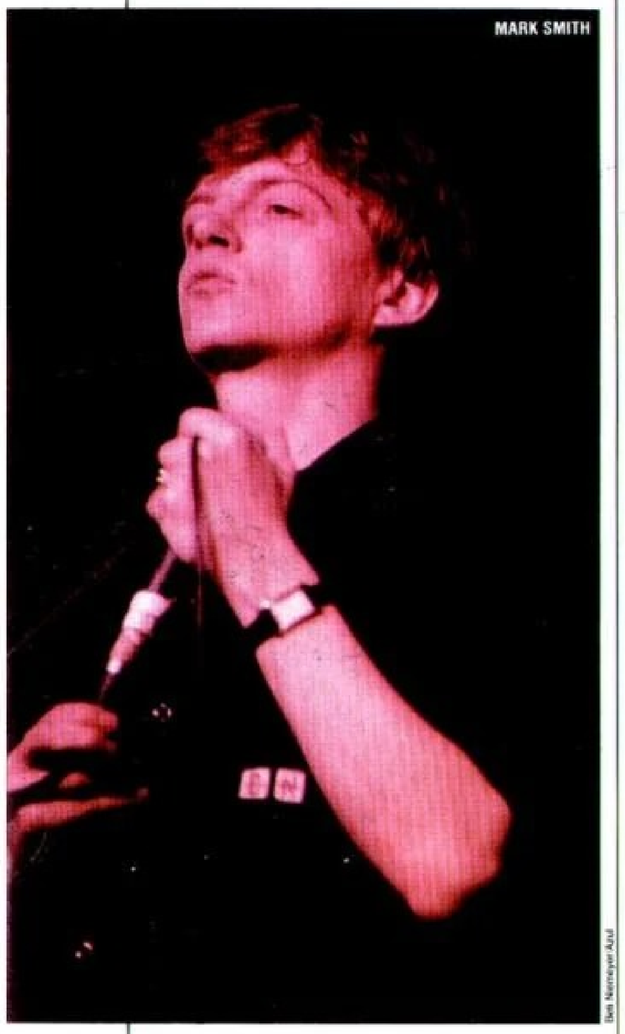
O clima de celebração continua com "Heart": na tela, vemos caras conhecidas e desconhecidas dançando numa discoteca, com a câmera rodando sem parar. Minha cabeça volta ao lugar com os primeiros acordes de "Paninnaro". Neil some discretamente e, também discretamente, Chris canta e, pasmem, dança! Depois de "Love Comes Quickly", uma das músicas mais sem graça dos PSB, as luzes diminuem. Neil se senta, num clima de bar, e canta "Later Tonight" e "Nothing Has Been Proved" — tema do filme *Scandal*, composto para Dusty Springfilde —, acompanhado por saxofone e teclados.

A esta altura, o público já está tão hipnotizado que ninguém dança, há coisas demais para olhar. É hora de descansar — cinco minutos de intervalo, com um show fabuloso de som e luzes. Não há uma só pessoa no Wembley Arena que não esteja de boca aberta. E nem dá tempo para fechá-la, pois quando os PSB voltam é para o grande clímax da noite. Na introdução de "It's a Sin", o palco vai se enchendo de criaturas do outro mundo, monstros, bonecos, reis e rainhas. Na tela, cenas ultra-kitsch de casais homossexuais. Na platéia, muitas famílias chocadas. Nada pode superar este momento. O resto do show é quase morno, com exceção de "Domino Dancing", que recebe uma versão mais lenta e mais poderosa que em vinil.

Apesar da voz anasalada e irritante de Neil Tennant, apesar da ironia e do distanciamento teatral da banda, o show funciona. Eles não querem que você se envolva e pule no palco, estão apenas pedindo que você assista e babe. Com sua mistura perfeita de deboche e atitude cool, a meta é atingida. Ah, sim, a música... Bem, isso é apenas um detalhe mínimo, não?

ANAMARIA S. DE LEMOS

THE FALL



CURITIBA

Poderia se imaginar algo mais implausível que o Fall vindo ao Brasil exclusivamente para duas apresentações, ainda mais em pleno palco do Canecão, cercado por suas mesas abomináveis e clima de show de choperia? Pois foi isso que propiciaram os organizadores do evento Tucano Artes ao tentar, em julho passado, reunir a "nata da vanguarda internacional" no Rio. Por alguma razão obscura, o Fall chegou a reboque na programação multimídia do projeto. Com seus quase vinte álbuns ao longo de doze anos de carreira independente, o grupo de Manchester criou uma seleta legião de admiradores de seu som propositadamente desleixado, mas de eficiência total para apoiar os textos falados/cantados por Mark E. Smith. Porém, muita gente ao redor do grupo (entre crítica, jornalistas, músicos, fãs e público em geral) parecia não conhecer a trajetória do Fall antes do estouro da versão de "Victoria", dos Kinks (do ano passado). E mesmo os membros do grupo não pareciam dispostos a dar maiores explicações.

Já na coletiva à imprensa, um Mark mortalmente entediado, junto ao baterista Simon Woolstencroft, anunciava que sua mulher, a esperada guitarrista Brix Smith (também co-autora da maioria das recentes composições da banda), não viera, pois saíra do Fall na semana anterior para se dedicar a seu outro grupo, o Adult Net. Também antecipou que o show de estréia contaria com apenas 25% de material antigo, sendo o resto coberto por músicas novas (dos LPs *Seminal Live* e o que estava sendo gravado — ainda sem título — pela Phonogram, o primeiro por uma grande companhia). E mais: que *não* tocariam "Victoria".

Bem, promessas existem para serem quebradas, e, na noite de estréia, Mark não fez por menos: dedicou mais da metade do show a músicas de seus três álbuns anteriores — *Bend Sinister*, *The Frenz Experiment* (ambos editados no Brasil) e a trilha de sua produção com o bailarino Michael Clarke, *I Am Kurious, Oranj*. Mesmo a ausência de Brix — substituída às pressas por Martin Bramah (guitarrista do primeiro LP da banda, dos idos de 1979) — não chegou a afetar o conjunto. As linhas simples de Bramah integraram-se bem às do guitarrista Craig Scalon (ambos canhotos) e junto à poderosa cozinha do baterista Simon e do baterista Stephen Hanley formavam o âmago do som do Fall, sobrando aos teclados da salerosa Marcia Schofield uma função nitidamente acessória. Quanto a Mark, de caderninho em punho ou deslocando-se a esmo pelo palco, sempre dava um jeito de interferir com as mãos entre sua boca e o microfone, tornando seus versos ainda mais ininteligíveis. Pronto, lá estava armada a "bagunça organizada" do Fall, que detonou com propriedade canções como "Hit the North Part 1", "Bremen Nacht" e "New Big Prinz". Após cinqüenta minutos de show (e uma potente versão de "U.S. 80's - 90's"), a banda se retirou rapidamente, para pouco depois voltar num bis que incluiu "Carry Bag Man", "Mr. Pharmacist" e... "Victoria", claro.

No dia seguinte, Mark, em uma entrevista-relâmpago (de pouco mais de dez minutos), afirmará que gostara apenas da meia-hora final do show da noite anterior e que o grupo estava animado para fazer um show "mais longo e com muitas novidades". Mais uma vez, Mark quebrou sua palavra, pois a segunda apresentação pouco diferiu da anterior — com exceção da ordem das músicas e do som melhor equalizado —, além de ter sido também mais curta. Um detalhe: adivinhe qual foi a música final? Porém, longe de terem sido "frios" ou "burocráticos", poderia se dizer que o Fall fez por aqui dois shows curtos e grossos, que conseguiram superar todas as adversidades internas e externas para se configurarem entre os melhores em nível internacional. Valeu, Mark. Vitória!

CELSO PUCCI

AO VIVO

LAURIE ANDERSON

AO VIVO

Provavelmente o leitor conhece um tipo de show no qual o artista, sozinho no palco, entre piadas e histórias pitorescas, canta, toca, dança e, às vezes, até faz mágica. É esse o formato adotado no palco por Laurie Anderson — as poucas diferenças ficam visíveis apenas no aparato tecnológico envolvido. Será ele que confere um caráter, digamos, artístico? Assim, um *showman* qualquer é considerado "cafona", "maçante" e "ordinário"; tratando-se da "musa da multimídia", passa a ser "sofisticado", "conceitual", inovador"...

Estigmatizada pela própria mídia, Laurie rejeita o rótulo "performance", mas ainda não inventaram outro melhor para traduzir seu "de tudo, um pouco". Desde 75, ela vem experimentando suportes eletrônicos para som e imagem de suas narrativas e canções. Mas, mesmo com uma pioneira como ela, o impacto já não é o mesmo. O uso de vídeo em shows tornou-se comum, até com imagens e edição ao vivo — vide o trabalho de outra das participantes do Tucano Artes, Kit Fitzgerald. E o violino pode soar de maneira não convencional sem precisar de um computador, como no caso do Kronos Quartet (que também se apresentou no evento).

No papel de *entertainer*, porém, a pequena Laurie é imbatível. Isto ficou evidente neste *Talk Normal Rio* — espetáculo-solo criado especialmente para a ocasião, quase todo de músicas inéditas, que deverão constar de seu próximo LP. Nos três dias, houve lotação esgotada e uma platéia em estado de deslumbramento. Para Laurie, o fundamental era comunicar-se, ser compreendida, e, nas duas horas de show, ela teve tempo de sobra. Talvez temendo uma traição por parte da memória — como no tempo em que lecionava História da Arte e, ao esquecer-se dos fatos, inventava-os — preparou um roteiro e leu tudo na hora. Quando não se expressava em português, arrancando gargalhadas, ganhava tradução em legendas no telão (muitas vezes incompletas ou antecipadas).

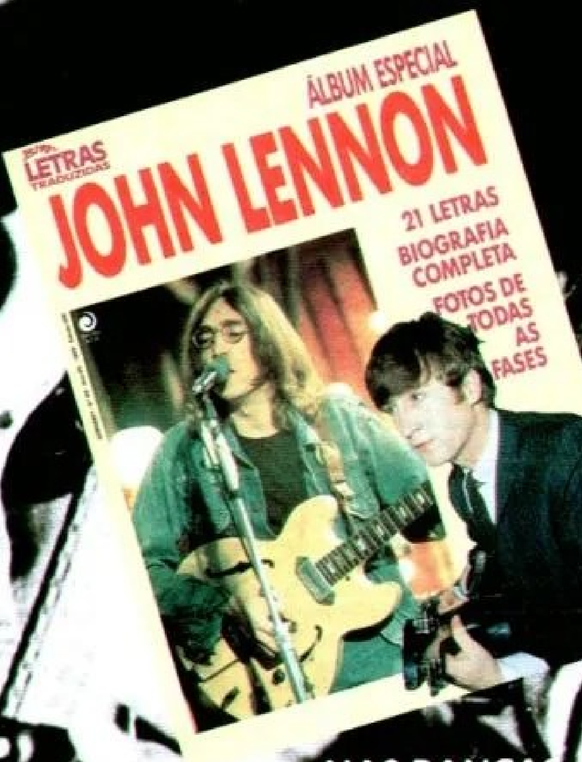
Para cantar/contar suas histórias, ela serviu-se de três microfones para dobrar e distorcer sua voz, mais teclados, violino, percussão eletrônica e três telões. Em alguns momentos, saía do palco, deixando apenas sua imagem no vídeo — contracenando com um clone (a própria Laurie, de bigodinho, reduzida a um metro de altura). Apresentou também o clip da versão para rádio de "Smoke Rings" (junto com "White Lilly", as únicas músicas conhecidas), em que um cozinheiro vai atirando para dentro de uma panela os mais disparatados ingredientes, enquanto simula cantar a música. Mais gargalhadas.

Já no começo, ela avisara que tinha vindo falar de "linguagem, *mass media* e paraíso". Distribuiu papel e lápis cravon para o público registrar o show e foi desfiando seu característico humor *nonsense* em historinhas sobre uma professora primária chamada "dona Lourdes", um animal rato/cervo ("como naqueles anúncios de emprego: garçoniete/atriz"), uma baleia que — dentro de uma piscina — pergunta a um homem se todos os oceanos têm paredes, e as dicas de John Kennedy que ajudaram a pequena Laurie a se eleger presidente do grêmio escolar!

AO VIVO

O GÊNIO, O MITO, A REVISTA!

Quem foi o guitarrista dos Beatles, o eggman, o pacifista, o gênio JOHN LENNON? A revista LETRAS TRADUZIDAS traz uma edição especialíssima contando tudo sobre a vida de um dos maiores poetas do Rock. Sua trajetória no mundo da música. Seus casamentos, drogas, psicodelismo e magia. Tudo ricamente ilustrado com fotos incríveis. E ainda 21 letras traduzidas para você curtir. Você não pode perder o álbum especial da revista LETRAS TRADUZIDAS. Corra! E garanta o seu.



NAS BANCAS

EDITORA AZUL

TIN MACHINE

Coloque-se por alguns instantes no lugar de David Bowie: 42 anos, vinte de carreira. Uma das figuras fundamentais da história da música pop que influenciou milhares de bandas e de movimentos musicais. Um compositor que trocava de estilo musical com a freqüência que trocava a cor de cabelo, sem nunca deixar de imprimir marcas pessoais em seu trabalho. Um cantor que assumia diferentes personagens personalidades com uma habilidade tão grande que lhe valeu o apelido de "Camaleão". Um homem que, depois de muito tempo, encontrou o que não procurava: sucesso comercial com o LP *Let's Dance* e a subseqüente e inevitável decaída depois disso. O que você faria? Qual a saída? Qual a direção a tomar?

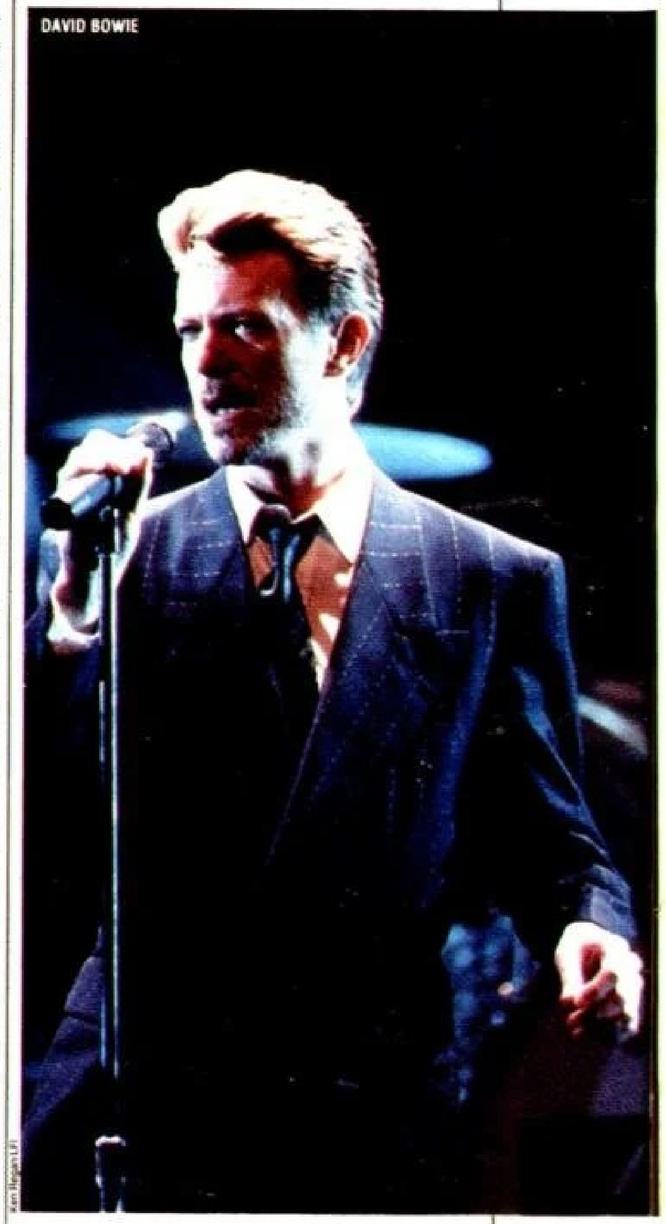
David Bowie, diante deste dilema, recorreu ao velho e bom rock'n'roll. Montou uma banda e chamou-a simplesmente de Tin Machine; vestiu-se a si mesmo e aos músicos de terno e gravata, gravou um disco e, deixando de lado a fracassada grandiosidade da *Glass Spider Tour*, resolveu tocar em pequenos teatros pela Europa. A curiosidade foi despertada, e milhares de fãs — afinal, este homem enchia estádios! — passaram a noite na frente de uma bilheteria para conseguir ver seu ídolo.

No Kilburn National lotado, o ambiente não é muito diferente do que seria no Wembley Stadium. Quando a banda finalmente aparece, o resultado é histeria pura e simples. Bowie, de terno escuro e camisa vermelha, acena para o público fiel e, segundos depois, "Bus Stop", a primeira música da noite, recebe uma versão *country & western*. Começo a me sentir desconfortável quando Bowie assume o papel de grande *entertainer* e insiste em fazer piadas entre um número e outro. Sua atitude "sim-este-sou-eu-sem-máscaras" não convence. Quando canta, sua voz passeia pelos velhos e conhecidos timbres e nuances, mas é com choque que percebo que algo está errado. Por que alguém que escreveu grandes letras, como "Time", agora canta frases como "sou um prisioneiro do amor" (em "Prisoner of Love")? Por que um compositor tão assustadoramente talentoso agora se contenta em escrever músicas mornas como "Pretty Thing", uma tentativa de hard rock, e "Baby Can Dance"? O ataque direto contra o racismo e as drogas de "Under the God" e "Crack City" tem a sutileza de uma manada de elefantes... E a banda... Como se não bastasse a fraquíssima presença de palco de Reeves Gabrels e Kevin Armstrong (guitarras), Hunt Sales (bateria) e Tony Sales (baixo), ainda temos que agüentar Hunt cantando uma música inteira. Bons músicos apenas não garantem boa música, Mr. Bowie.

A esta altura, fujo para o bar, onde celebridades como Wayne Hussey, Neal X e Feargal Sharkey enchem a cara. Daqui posso ouvir perfeitamente a música, mas não sou obrigada a ver o triste espetáculo de Bowie tentando convencer o público de que... De que mesmo? Talvez nem ele saiba, mas o esforço é evidente.

Neste final de década, quando a energia parece ser a palavra-chave, seja em forma de dance music, seja de thrash metal, a letargia do Tin Machine é um triste anacronismo. Em música, só há uma falha verdadeiramente imperdoável: ser entediante. Bowie conseguiu cometê-la. Minha sugestão: aposentadoria por tempo de serviço... ou invalidez musical.

DAVID BOWIE



Ken Regan/Lfi

LEO JAIME AVENIDA DAS DESILUSÕES

EM DISCO, FITA E COMPACTO DISCO
CBS

DESTRUCTION

PROJETO LESTE

Por que no Projeto Leste? Talvez para realizar uma produção a custos mais acessíveis? Seja qual for a razão, a Hurricane Management tem que pensar mais no seu público. A memorável vinda do Nuclear Assault ao Dama Xoc deveria ser tomada como exemplo. Fazer um show de thrash no lugar que tem uma das piores acústicas de São Paulo, não dá? Para começar, a pista é gigantesca e parece salão para baile de carnaval, disfarçada por uma entrada e bilheteria até que bonitinhas.

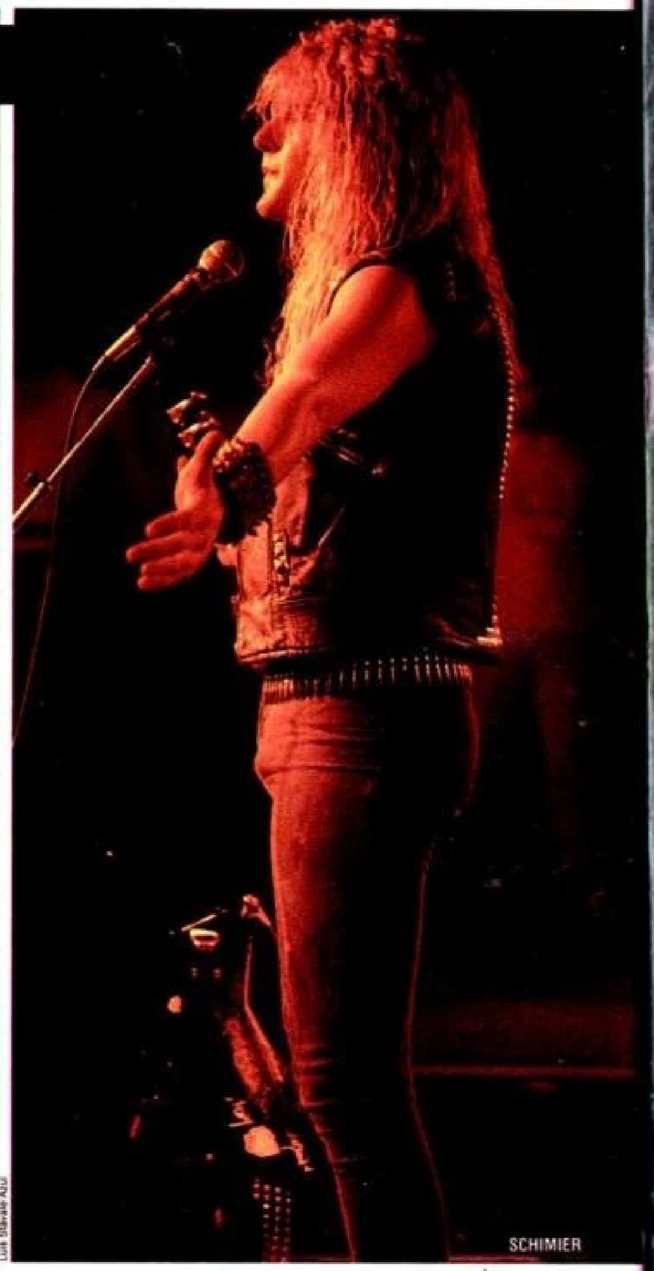
Mas o pessoal é fiel, aluga ônibus e o diabo a quatro para ir ver uma banda de fora. As filas de dobrar o quarteirão faziam todos esquecerem a inadequação do lugar onde estavam. Afinal, era o Destruction que ia tocar naquela noite, uma banda querida da moçada heavy já há muito tempo, com quatro de seus seis discos lançados aqui (*Sentence of Death, Infernal Overkill, Eternal Devastation* e *Mad Butcher*). Quando se pensa na Alemanha, é impossível esquecer este quarteto que começou a carreira ainda no *death metal*, carregado com cinturões de couro negro e balas de fuzil. Hoje, tocam um thrash bem trabalhado, abandonando aquela imagem de três anos atrás.

A fila ainda não havia terminado quando a primeira banda de abertura pintou no palco, por volta das nove horas. O Hammerhead, quinteto de São Bernardo do Campo (São Paulo), leva um som com um pique de Anthrax, com mais ênfase no peso do que na velocidade. O público ainda estava bem frio, o que levou a apresentação a ficar com aquele ar de aperitivo. A presença do vocalista Fernando é o elemento mais marcante da banda. Assim que o Korzus entrou, o pessoal da beira do palco já começou a subir e pular. O som não estava OK mas, mesmo assim, o palco era invadido a cada nova música. Pena eles ainda não terem perdido aquela síndrome de Slayer, da qual são enfermos crônicos já por quatro anos. Sílvio e Nicastro são bons *axemen* (leia-se guitarristas), dividindo solos agressivos a mil por hora. No final do set, o vocalista Pompeu jogou sua camiseta do Freddy Krueger, para delírio dos mais insanos que a disputaram feito carne entre famintos.

Uma certa esperança de que o som pudesse estar mais nítido paira no ar enfumaçado antes da entrada da banda principal. A iluminação está em sua potência máxima. Os guitarristas Mike e Harry entram empunhando suas Gibson Flying V's como se fazia nos anos 70. Assim que o vocalista/baixista Schimier começa a cantar, muitos caras já estão tentando subir. Estava instalado o clima "internacional" do show, mesmo com aquele som cheio de reverberação. Logo no início de "Mad Butcher", sua música mais conhecida, o palco foi invadido. O grupo deixou o palco e só voltou quando os seguranças devolveram à platéia os que a ela pertenciam. Schimier pediu que os fãs não subissem mais, pois ficava impossível tocar. Em seguida, Harry mostrou sua versatilidade em um solo com trechos de metal clássico e rápidos arpejos. Por mais de uma hora, eles desfilaram suas melhores músicas, com direito a cover de "In the Mood", aquela eterna canção de Joe Garland, conhecida pela interpretação da Glenn Miller Orchestra.

O público pediu e, por três vezes, o Destruction voltou. Eles souberam, desta vez, superar as condições adversas e fazer um bom show. Mas, da próxima — e, também, para as outras bandas que estão por vir —, que tal escolher melhor o lugar?

MARCOS CAMPOLIM



Luis Stavale Azul

SCHIMIER

AO VIVO

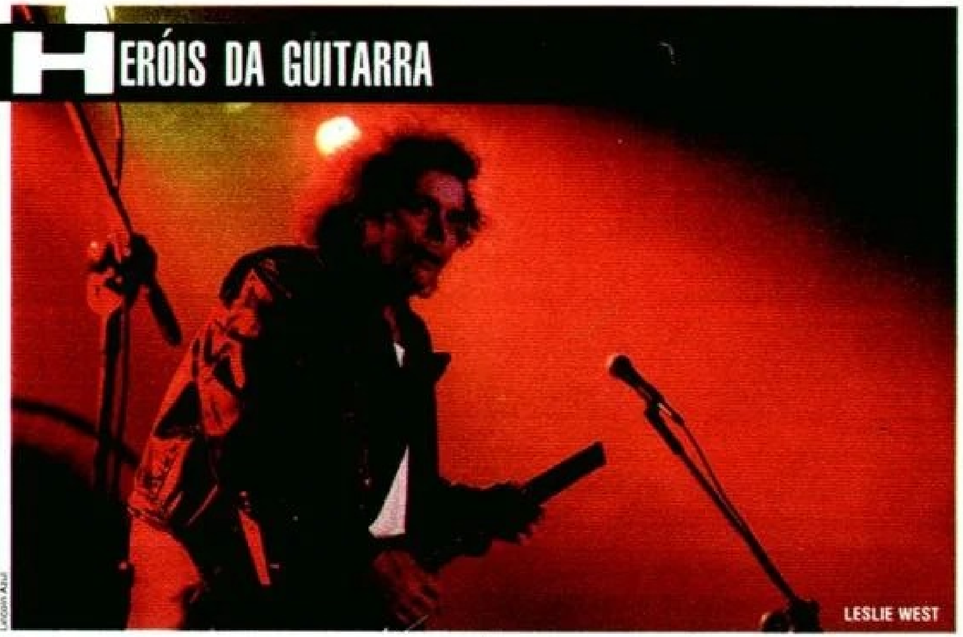
ALGO DE NOVO NO AR

No ar, vida inteligente disposta a entrar em contato com as melhores cabeças da metrópole.

FM 97. Uma rádio em sintonia permanente com o novo.

FM 97 97,7 MHz SÃO PAULO BEST ROCK

HERÓIS DA GUITARRA


LESLIE WEST

Lincoln Azul

A partir de um projeto da gravadora americana I.R.S. encabeçado por Miles Copeland (irmão de Stewart), que lançou no mercado uma série de discos dos "Heróis da Guitarra", o Projeto SP fez a alegria dos fissurados no instrumento com a corajosa iniciativa de trazer ao Brasil alguns dos expoentes da guitarra dos *early 70's*. A seleção não foi bem *top of the top*, se resumindo ao pai da new age, o holandês Jan Akkerman, ex-Focus, à *guitar band* favorita entre os surfistas, Wishbone Ash, e Leslie West, este um verdadeiro fera, quase uma lenda viva.

A noite começou com a técnica e o feeling de Akkerman, que entrou rachando com um bom jazz-funk de guitarra pesada, que enganou a torcida, pois, logo após, ela foi submetida a meia hora de música de restaurante, típica dos primeiros discos do Focus. Jan, apesar da chatice do seu som, mostrou ser um excelente guitarrista, que não deixa seu apuro técnico sobrepujar o feeling, essencial para que suas melodias melosas soem convincentes. Seu som cristalino foi muito prejudicado por um ruído intermitente que vinha de sua guitarra e não conseguiu ser evitado com toda a parafernália eletrônica. Além disso, ficava sufocado pelas camadas harmônicas dos teclados em timbres, para lá de batidos, a todo o volume. A platéia parece que gostou assim mesmo e aplaudiu o fim de sua apresentação de pé.

Com a entrada de Wishbone Ash em cena, parecia que as coisas iam melhorar, e o sono seria definitivamente espantado. Doce ilusão. Se o público acordou, foi para cair nas garras do pesadelo real do rock de arena que empesteou as FMs durante os anos 70. Apesar de não aparentarem estar tão velhos fisicamente, os caras do Wishbone Ash passaram um atestado de caretice irrefutável. Andy Powell e Ted Turner, a dupla de guitarristas, mostraram seus tradicionais solos de *twin guitars* — os dois tocam a mesma coisa, só que um distorce e o outro pega de leve —, que fizeram a fama do grupo. Ted Turner estava parecendo mais um dos Bee Gees com sua blusinha de seda branca, mas mostrou que ainda sabe fazer alguma coisa quando arrepiou nos slides com guitarra deitada e tudo. O baixista Martin Turner teve uma atuação tão apagada que, quando abandonou o instrumento durante uma música e saiu do palco, sabe-se lá por quê, sua ausência só foi notada quando retornava ao palco. A platéia novamente aplaudiu como se tivesse visto o melhor show do mundo.

Finalmente, chega ao palco a alegria da noite. Desfilando uma monumental barriga, Leslie West veio como quem entra numa festa. Não mostrou nem um quinto do que toca, mas divertiu a massa com um som quente de guitarra sem pedais, distorcida apenas pelo alto volume da mureta de amplificadores Marshalls. Começou com o código alienígena de *Contatos Imediatos*, passou por um trecho de *Viagem ao Centro da Terra*, de Rick Wakeman, ameaçou introduzir "I'm So Glad", do Cream, "Whole Lotta Love", do Zeppelin, e finalmente desfiou "Song for an Imaginary Western", do Mountain, sua banda de origem. Com o olhar alucinado de quem caiu na gandaia terceiro-mundista, West comandou com maestria a banda que acompanhou Akkerman, só que nem parecia a mesma.

Para fechar com chave de ouro o encontro, uma jam com todos os participantes detonando os clássicos do rock'n'roll. Foi aí que aconteceu o grande momento tragicômico da noite — Akkerman se retirou do palco, indignado com o desprezo com que foi tratado por seus colegas, que se divertiam para valer em seu território. Um fã/sósia do guitarrista, ao ver seu ídolo jogado para escanteio, caiu em prantos. Pois é, quem nasceu para fazer boi dormir nunca vai conseguir fazer o galo cantar.

CARLOS EDUARDO MIRANDA

INSTRUMENTOS & ACESSÓRIOS

DOLPHIN IND. E COM. DE INSTRUMENTOS MUSICAIS LTDA.
Rua Mario Regallo Pereira, 455
São Paulo - SP - 05550

PESSOAS TALENTOSAS SEMPRE EMOCIONAM.
VENHA NOS EMOCIONAR.

INSTRUMENTOS IMPORTADOS E NACIONAIS
INSTRUMENTOS SOB ENCOMENDA
ORIENTAÇÃO ESPECIALIZADA
MÁQUINAS E MESAS PARA GRAVAÇÃO

MUSICOS
Instrumentos de última geração
Rua Teodoro Sampaio, 825 CEP 05406
Tels: (011)282-6002 e 280-2555
Pinheiros - São Paulo - SP.

Giannini
Som Profissional, Mesas, Amplificadores, Caixas Acústicas, Teclados, Ritmo Eletrônico, Violões, Guitarras, Baixos e Encordoamentos.

Amplificador Profissional para Guitarras e Baixos. 150 Watts.
Rua Guaipá, 518 - CEP 05089 - Tel.: (011)261-4322
São Paulo - SP.

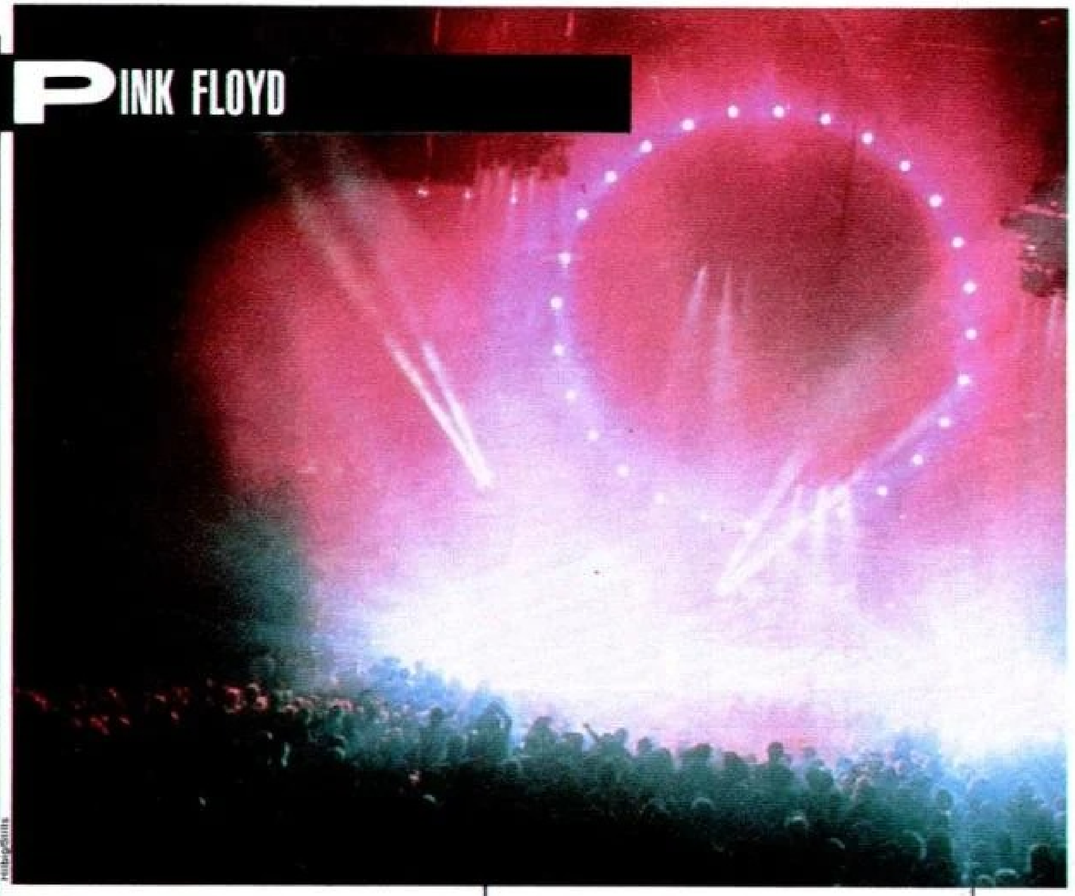
KORG FOSTEX TASCAM DIGITAL Ibanez Tagima YAMAHA
TAMA RANE METEORO Oliver Works Pearl

GANG
instrumentos musicais
RUA TEODORO SAMPAIO, 826
PINHEIROS - FONE(011)883-1673 e 881-7619
CEP 05406 - SÃO PAULO - SP

A revista Bizz atinge 658.000 leitores (Pesquisa Marplan).
Faixa etária de 15 a 19 anos - 63%
de 20 a 29 anos - 30%
Classe A B - 56%
Sexo Masculino - 51%
Sexo Feminino - 49%

Para anunciar seu produto ou serviço em INSTRUMENTOS E ACESSÓRIOS ligue para 826-6777 r. 126. Editora Azul.

PINK FLOYD



VELÓDROMO DE MARSELHA

A história do rock registra casos como os do Fleetwood Mac e Deep Purple, em que ex-membros saíram por aí fazendo shows usando o nome de seus grupos de origem. Muita gente acha que o Pink Floyd sem Syd Barret só era a mesma banda no nome e que a formação atual, sem Rogers Waters, já é um caso para se chamar o Procon. Mas, encarado objetivamente como espetáculo, o show do Pink Floyd no Velódromo de Marselha — o último da turnê para promover seu mais recente LP, *Delicate Sound of Thunder* — não fez feio, mostrando que, na pior das hipóteses, o PF de hoje é uma ótima banda de covers especializada em clássicos do Pink Floyd de 1971 a 1983.

O show poderia ter se chamado *The Light Side of the Moon*, pois começou às 22 horas, horário em que o sol se põe no verão do Hemisfério Norte. A natureza colaborou para um belo espetáculo: céu sem nenhuma nuvem e a lua cheia surgindo bem em cima do palco, enfatizando a beleza e eficiência da parte visual do show, que dispunha de raios laser, gelo seco, projeção de filmes, néon e, claro, do famoso porco voador.

Como de praxe nos concertos europeus, esta apresentação teve duas partes. Na primeira, o grupo mostrou algumas faixas do último disco de estúdio, *A Momentary Lapse of Reason*, o primeiro sem Waters, incluindo o sucesso "On the Turning Away", além de "Dogs" (do LP *Animals*), completada com um filme com cães e latidos. A sonorização também mereceu atenção e louvores, com caixas em vários pontos da platéia: quem disse que o som quadrifônico saiu de moda?

Após quinze minutos de intervalo, o Pink passou para a segunda parte, quando tocou os hits "One of These Days" (em que o porco apareceu), "Time" (os relógios ficaram ótimos em quadrifonia), "Wish You Were Here", "Us and Them". O melhor momento do show, quando vi emoção e bom humor, foi "Money", que teve até um trecho "reggae" e David Gilmour citando "A Marselhesa". Aliás, David continua sendo um dos grandes guitarristas do rock e o baixista atual, Richard Wright, coloca Waters para escanteio em termos de técnica. Sem pausa para respirar, o Pink emendou "Money" com "Another Brick in the Wall" (com mais quadrifonia para a voz das crianças pouco estudiosas). O grupo só terminou depois de três bis, o que esticou o show para três horas.

No final das contas, o show é exemplar, nota dez, competente e agradável, mas, tirando o segmento "Money"/"Another Brick...", é apenas mais um show exemplar, nota dez etc... Se, como disse um crítico, o Pink Floyd na época de *The Dark Side of the Moon* virou o Ray Conniff do rock progressivo, atrevo-me a pensar que o PF de hoje é o próprio Holiday on Ice do rock.

ANTON MICKAN JR.

A VIDA DO ARANHA em

Flash Back

NOVA REVISTA MENSAL

FORMATO GRANDE

Agora você vai poder curtir a retrospectiva sem cortes da vida do *Homem-Aranha*, nesta nova revista em quadrinhos que vai publicar especialmente as primeiras histórias que consagraram o herói aracnídeo no Brasil. Você vai vibrar com as aventuras da fase em que Peter Parker estava na faculdade e vai testemunhar seus confrontos com vilões fantásticos como o *Dr. Octopus*, *Lagarto*, *Abutre* e o terrível *Duende Verde!* *Uma verdadeira saga do passado do Homem-Aranha* começa agora. Vinte anos preciosos de histórias em quadrinhos estarão nesta nova série, digna de colecionadores. Você não pode perder!

Nas bancas, o n.º 1!

COUNTRY HONKY TONK BARROOM ROCK & ROLL

LOVE AND ROCKETS

Com vinte minutos de show e depois da quarta espiada fortuita em seu relógio, meu companheiro de platéia, um alto, calmíssimo e sensível jornalista norueguês, virou-se para mim com os olhos esgazeados e disparou: "Você pode me dizer o que eu estou fazendo aqui?"

A pergunta procedia em gênero, número e grau. No palco sombrio, pessimamente iluminado por canhões azuis e vermelhos, os três Love and Rockets — Daniel Ash, guitarra e vocal; Kenny Haskins, bateria; e David J, baixo e vocal —, impassíveis, entravam e saíam de uma barragem de microfonia e estrondos nos amplificadores, tal qual surfistas iniciantes em manhã de temporal. A platéia, uma primorosa seleção de estudantes da Universidade da Califórnia, bebia entusiasticamente, assobiava e dava trancos, uns nos outros, à guisa de diversão. O único elemento realmente fascinante de toda a noite — a extraordinária localização geográfica do anfiteatro natural, no meio de um bosque no alto de uma colina, com uma vista de 180º sobre o Pacífico — parecia esfacelar-se entre as engrenagens combinadas de incompetência e indiferença que rangiam à nossa volta.

Talvez, refleti, seja um problema de idade. É muito difícil para quem já viu e ouviu a primeira versão desta história — David Bowie de *Hunky Dory*, Marc Bolan e T. Rex — engolir a reciclagem como a "grande modernidade do momento". Ou talvez a questão seja simplesmente a inadequação de meios. Em disco — especialmente este último, que leva o nome da banda —, os remanescentes do Bauhaus são interessantes, com um confronto quase *cyberpunk* de intensidade e leveza, profundidade e superficialidade. Quiçá seja esse seu *medium* ideal: o ambiente controlado do estúdio. No máximo, quem sabe, um clubinho onde todo mundo possa ficar alucinado em conjunto e atravessar a ressaca eletrônica sem maiores problemas.

Numa situação tradicional de concerto, em que se senta e se espera ver, descobrir e compartilhar alguma coisa, vinte minutos são o bastante para levar qualquer criatura dotada de raciocínio — e de mais de 25 anos de idade — à conclusão desalentadora de meu amigo norueguês. Com vinte minutos, o impacto da primeira farofada eletrônica se dilui e se torna irritante porque não dá lugar a nada intrigante, estimulante. Fica claro que os três L&R preferiam não estar ali, que desprezam a situação show-para-vender-disco (mas devem gostar de vendê-los, como todo mundo) e que, fora do estúdio, não passam do nível da mais rala competência musical.

Quanto à platéia... Bem, era sábado à noite, em pleno verão e qualquer coisa que fizesse barulho seria bem-vinda. Acenei positivamente para meu companheiro de sofrimento e, sem esperar maiores surpresas posteriores, nos pusemos a caminho, colina abaixo, rumo a melhores usos de mais uma esplêndida noite do verão californiano.

TEATRO MUNICIPAL

NOUVELLE CUISINE

As escadarias que dão acesso ao Teatro Municipal estão repletas uma hora antes do início do espetáculo. Os ingressos, esgotados desde a noite anterior. Para um auditório onde cabem mil e seiscentas pessoas, esta lotação é surpreendente.

Sob a regência de Jamil Maluf, a orquestra inicia a primeira parte do programa com *Danças para Harpa e Orquestra*, de Claude Debussy, provavelmente o primeiro compositor a romper com as amarras impostas pelo conservadorismo da música clássica — como atesta sua declaração a Edgar Varèse: "Regras não fazem um trabalho de arte". Ainda sem a participação do quinteto de jazz, a solista convidada é a harpista Norma Rodrigues. Segue-se *El Amor Brujo*, clássico balé de Manoel De Falla que já mereceu uma adaptação cinematográfica dirigida por Carlos Saura, com coreografia de Antonio Gades. Para esta peça foram convidados a meio-soprano Silvia Tessuto e o pianista Luis Gustavo Petri. Embora aparentemente nada tenham em comum entre si ou com o jazz, estas peças não foram escolhidas a esmo. São dois exemplos latentes de rompimento com a tradição e da utilização de formações sinfônicas para a execução de peças que se encontram no tênue limite entre o popular e o erudito. No entanto, é na segunda parte do programa que se encontra o maior atrativo para grande parte da platéia.

Com extrema competência, entra em cena o Nouvelle Cuisine, com seu vocalista ainda oculto, aparecendo durante a execução de "The Blues Ain't", de Duke Ellington. O palco está organizado de forma que o aguardado *blues singer* ocupe três espaços distintos ao longo da apresentação. Após um dispensável discurso contra a tradição (a hipócrita vilã que delimita os terrenos do erudito e do popular), vem o melhor momento do concerto. As duas canções extraídas da ópera *Porgy and Bess*, de George e Ira Gershwin, são executadas com a formação sinfônica original somada aos instrumentos do Nouvelle. Em "My Man's Gone Now", Carlos Fernando exibe toda sua técnica, com falsetes longos e seguros, como se as notas escritas para soprano estivessem dentro de sua tessitura natural. Esta canção é emendada em "There's a Boat That's Leaving Soon for New York", que não traz a exuberância vocal de sua precedente, mas mantém o padrão de qualidade estabelecido desde "Autumn in New York", de Vernon Duke, e "The Spiritual", de John Lewis — peça escrita em 1965, ao contrário do restante do repertório, recortado da década de 30.

Após "My Man's...", o melhor ficaria para o final, com "All of You", de Cole Porter, uma melodia belíssima e perfeitamente arranjada para orquestra. O Municipal, em pé, aplaude o suficiente para ganhar um bis — o que é raro em concertos. A Sinfônica mostrou o quanto é realmente jovem e versátil. O Nouvelle, o quanto é bom.

Não gosta de cabeludos, não ouve rock, adora um bolerão e tem certeza que o filho vai vencer o Overground 89.

Esta é uma das milhares de mães que estão torcendo pelo filho no Overground 89. O projeto musical que está revelando novos talentos. Neste ano a Band FM e a Casa Bevilacqua receberam centenas de inscrições que mostram o novo som que vai rolar nos anos 90. Se você mandou a sua fita cassete, fique ligado na Band FM. Desta vez você tem tudo para levar este prêmio. Afinal, ninguém faz barulho mais lindo na garagem que o filhinho da mamãe.

OVERGROUND

96 BANDEIRANTES FM

Casa Bevilacqua

CAPRICHO

A REVISTA DA GATINHA

Qual é a sua? 4 maneiras para você mudar seu estilo

O que ele pensa de você? Teste

Fotos BÁRBARAS do Tom Cruise

Beijar é bom demais! Tudo sobre o beijo

JÁ NAS BANCAS!

EDITORA ABRIL

YELLOW MOON – NEVILLE BROTHERS (A&M/POLYGRAM)

EMI América

Certas cidades têm, em torno delas, a aura dúbia de santuários culturais: preciosos, mas imutáveis. Nova Orleans, eixo vital do Delta do Mississippi, que ouviu, acolheu e registrou as primeiras pulsações do blues, do jazz e onde uma legião de estilos clássicos da música popular americana — *creole, cajun, zydeco* — se cristalizaram, é uma destas cidades. O senso comum pensa e imagina Nova Orleans como uma Disnevlândia das raízes do rock: um fac-símile plastificado e acessível da pré-história do pop. Como a maior parte dos mitos do senso comum, este também é uma balela.

Nova Orleans está viva e bem, há décadas operando um cadinho poderoso de fusões e transformações, muito parecidas com as da criação pop brasileira, com fogo e substância para alimentar corações e mentes pelo mundo afora, agora e muito adiante. Que o veio principal da indústria e que a mídia que seleciona aquilo que "é ou não importante" não tomem conhecimento do que se passa ali é atestado, apenas, da estreiteza e provincianismo de ambos, e não da desimportância de Nova Orleans. Ela prossegue serena em seu caminho de delícias. E, não por acaso, este caminho se cruza e se confunde inúmeras vezes com o da profícua família Neville.

Eles são um núcleo de quatro irmãos (Cyril, Art, Charles e Aaron), cujo background é uma verdadeira enciclopédia do pop, mais alguns tios, amigos e, sobretudo, o sobrinho (filho de Aaron) Ivan. Sozinhos, como Neville Brothers, ou, nos anos 70, como The Wild Tchoupitoulas, ou ainda trabalhando como músicos em discos de outros, os quatro irmãos Neville são o próprio somatório de tudo aquilo que há de excelente na moderna música de sua cidade: ousadia, inventividade, prazer.

Este é o quarto LP dos irmãos em quase vinte anos de trabalho. E o primeiro em quatro anos, depois de um álbum equivocado para a Capitol: uma tentativa, segundo Charles, de "adaptar o som dos Neville aos padrões pop black vigentes" que, evidentemente, não deu certo. Isto porque não há o que adaptar e controlar nos Neville e, felizmente, em *Yellow Moon*, a produção inteligente de Daniel Lanois soltou de vez a rédea. Forrados com um som que é a pura antítese dos atuais "valores de produção", um som vivo, reverberado, os Neville estão à vontade para fazer seus brilhantes raciocínios musicais, que nem sempre são lógicos, mas são sempre exatos. E usar de uma faiscante fusão de reggae, soul, jazz e pop para contar as dores, atribulações e esperanças do povo negro exilado da África na América. O tema é batido? Os Neville o tornam novo, intrigante. Em "Sister Rosa", um sensual quase-calipso que desemboca num rap, a banda canta conta a saga de Rosa Parks, que se recusou a dar o seu assento para um branco num ônibus do sul segregado, em 1964. Em "My Blood", investiga-se a influência planetária da diáspora negra, numa letra ao mesmo tempo tensa e celebratória, que desliza sobre uma verdadeira feijoada rítmica. Em duas canções conhecidas — "A Change Is Gonna Come", de Sam Cooke, e na tradicional "Will the Circle Be Unbroken" —, a extraordinária voz de Aaron é deixada nua e livre para fazer a alegria de um povo sob sofrimento perpétuo: a mudança virá?, pergunta a própria textura do canto de Aaron, enquanto, na suprema lentidão funeral de "Circle...", supõe-se que não, que o cortejo de mortes prematuras e irracionais continuará. E sobretudo em "The Ballad of Hollis Brown", os Neville mostram o trunfo de seu talento: a apavorante história de miséria e demência é contada como um inimaginado blues com tambores, o blues primordial, africano, antes que o senhor branco banisse os couros e os substituísse por cordas.

Não se iluda, caro leitor: *Yellow Moon* é um dos melhores discos do ano e um farol de idéias e inspirações para estes tempos de transição. É um atestado de vida das trocas cruciais entre África e Américas, através do Caribe, do Delta. Não perca tempo — "nevillize-se", com certa urgência.

ANA MARIA BAHIANA

CLUB CLASSICS VOL. ONE – Soul II Soul (EMI-Odeon)

Coloque a agulha em "Keep On Moving", primeira faixa do LP de estréia do Soul II Soul, e sinta o *beat*, os vocais femininos e a orquestra de cordas, desaparecidas da boa música desde Curtis Mayfield — cortesia da Reggae Philarmonic Orchestra. Sinta a diferença. Ao invés de tentar imitar os mestres dos 60, o Soul II Soul de Jazzie B. gravou música moderna, que, por ironia, soa duas vezes mais soul do que qualquer gravação de Mica Paris ou Alexander O'Neal. O motivo é o *feeling*, e isto é coisa de alma. Este LP traz soul atualizado com o *must* das pistas: de *dubbed* reggae a harmonias zulu, passando pela *deep house* e o Def hip hop. Música moderna. Clássica. *M.P.*

101 – Depeche Mode (Mute/WEA)

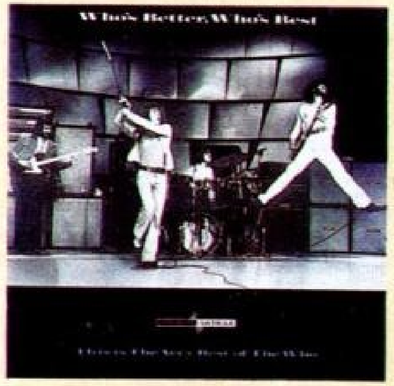
Ambivalência: havera termo mais apropriado do que este para distinguir a história do Depeche Mode? Da propalada ambigüidade sexual de seus integrantes à eterna dúvida entre abraçar o pop deslavado ou a experimentação eletrônica, o grupo chega à virada da década atormentado entre as opções da descartabilidade e da eternidade. Enquanto não se resolve, o resumo deste confuso trajeto musical fica registrado neste álbum-duplo gravado ao vivo nos EUA, cujo título refere-se ao centésimo-primeiro show feito pela banda durante sua turnê mundial de 1989. Nas quatro faces, o DM relê o passado remoto e recente com desenvoltura, ainda que as faixas se ressintam da frieza das interpretações. *A.G.C.D.*

BOSCO – João Bosco (CBS)

Se há alguém que sempre soube sair com criatividade das amarras das bases rítmicas do samba, incorporando outras influências negras (como o som caribenho, o funk e mesmo o jazz), de um modo contemporâneo, este alguém é o mineiro João Bosco. Gravado em apenas doze dias, *Bosco* traz o músico com a usual personalidade no violão e no constante esforço de burilar palavras comprometidas com bases percussivas e sonoras. O resultado é marcante. Diversificando também nas letras, o disco traz pérolas como "Tenho Dito" (com elementos da lambada guiana), "Terra Dourada" (um sensual jazz pop), "Sinceridade", "Funk de Guerra" e a regravação de "Corsário", precedida por versos de Maiakovski. *H.B.*

GIPSY KINGS (Epic/CBS)

Não se deixe espantar pela breguice da capa e prepare seus ouvidos para os delírios flamencos do GK. Com dez anos de estrada, este grupo de origem cigana e com área de atuação entre a Espanha e a França faz bonito em seu LP de estréia. Vocais em espanhol e um combo de violões ensandecidos, aliados a discretos *synths*, baixo, bateria e percussão, criam um brilho sonoro que nem mesmo uma infeliz versão de "My Way" para o espanhol consegue embaçar. *C.P.*



WHO'S BETTER, WHO'S BEST – The Who (Polydor/PolyGram)

De 1971 até hoje, foram lançadas dez compilações diferentes do Who e quase nunca a listagem diverge da que está neste *Who's Better...* Mesmo que seja quase impossível imaginar alguém interessado em rock que ainda não tenha em casa tudo o que for necessário para se instruir sobre o Who. Ou talvez exista mesmo este tipo de criatura, que teria descoberto o rock a partir do primeiro disco dos Sugarcubes. Só aí então faria sentido o lançamento dessa coletânea. Se você ouviu "My Generation" mais de uma vez, ou se não agüenta a própria menção do nome Tommy, pare de ler aqui mesmo e vá buscar sua turma. O que vem a seguir é para quem nunca sequer ouviu falar do Who. Who? Quem?

Como tantas outras bandas inglesas de seu tempo, o Who queria ser preto, fazia covers de rhythm'n'blues, copiava nota por nota os hits de James Brown e, às vezes, até os sucessos vigentes na parada daquela semana. Inicialmente abraçados à (ou empurrados na direção da) facção mod da garotada inglesa (um bando que se identificava por uma indumentária ultramoderninha e um insaciável apetite por R&B), o Who evoluiu de uma excelente banda de compactos ("My Generation", "Anyway, Anyhow, Anywhere", "Substitute", "I'm a Boy", "Pictures of Lily", "Happy Jack", "I Can See for Miles", todos incluídos nessa coletânea) para um grupo de álbuns conceituais, quando o guitarrista Pete Townshend — a principal força criativa do Who — iniciou uma série de óperas-rock (*Tommy*, *Quadrophenia*) e logo depois mergulhou numa profunda reflexão espiritual e artística que inspirou o melhor e mais conciso disco do Who: *Who's Next* (1971).

Nenhum álbum subseqüente comparou-se em força ou substância a *Who's Next*, e a morte do baterista Keith Moon (em 1978) só fez apressar o ocaso da banda que, com Kenny Jones em seu lugar, ainda gravou um punhado de álbuns sem conseqüência, ou sequer valor histórico. Este ano, o Who está comemorando 25 anos de carreira e o repertório dos shows que está fazendo, nesta que pode ser sua última excursão, é basicamente o deste álbum, o que deve significar que esta listagem é bem próxima daquilo que a banda vê como o melhor de sua carreira. *José Emílio Rondeau*

TEXAS STYLE – Big Joe Turner/SLAM STEWART (FEATURING MILT BUCKNEY AND JO JONES) (Black and Blue/Eldorado)

Dois LPs que dariam um ótimo álbum duplo, já que foram gravados no mesmo dia (26/04/1971) e estúdio, trazendo dois grandes mestres acompanhados dos mesmos músicos. Leroy "Slam" Stewart (1914) foi um dos pioneiros a liberar o contrabaixo da simples marcação de ritmo, solando e vocalizando suas frases simultaneamente. Neste LP ele grava alguns de seus sucessos e clássicos do jazz, junto ao baterista Jo Jones (1911/1985) e o pianista Milt Buckner (1915/1977). Este é o trio que acompanha Big Joe Turner (1911/1985), considerado por muitos o maior dos cantores de blues, no LP *Texas Style*. Dois discos que demonstram que jazz e blues são irmãos. *A.M.Jr.*

PERGUNTE A QUEM CONHECE – Thaíde e D.J. Hum (Eldorado)

Um LP muito aguardado, produzido por Nasi e André, do Ira!, com participações antológicas — um atlas do funk paulista. Infelizmente, o som abafado e o excesso de "expertezas" que amaldiçoam as gravações nacionais também estão presentes. O LP é eclético, vai do eletro-robótico dançante ao charm romântico. Destaque: "Falsidade", com guitarra sampleada de um eminente nome da MPB. Letras afiadas contra puristas. E garra de quem, uma vez, só teve hip hop como comida. Thaíde e D.J. Hum não são Eric B e Rakim. São bons artistas brasileiros. *M.P.*

1984-1989 – Lloyd Cole and the Commotions (Polydor/PolyGram)

Quando Cole abandonou o posto de *front man* dos Commotions para decolar em carreira-solo, era fatal que a implosão do grupo trouxesse uma coletânea/epitáfio como esta. Acontece que, no caso peculiar deste quinteto escocês, seu álbum de estréia (*Rattlesnakes*, de 1984) contou com uma inspiração que eles não conseguiram mais repetir em sua esparsa produção posterior. Assim

LA FAMIGLIA – Skowa e a Máfia (EMI-Odeon)

A história da Máfia passa por dentro da explosão da música negra norte-americana, nas décadas de 20 e 30, em clubes de brancos regados a uísque ilegal, ragtime e sapateado. A história de Skowa e a Máfia passa pela Gang 90 de Júlio Barroso, pelo Sossega Leão e pela estação São Bento do metrô, em São Paulo. Há pelo menos dois anos, cada desembarque desses inofensivos gângsteres vem, sucessivamente, impressionando e conquistando uma inacessível classe de fãs: a crítica.

Mas por que *La Famiglia* tornou-se um dos discos mais aguardados de 1989? Talvez algumas pistas se encontrem nestas linhas, mas a resposta está no vinil. Skowa incluiu neste LP quatro faixas que não são suas: "Tudo Chato, Tudo Errado", do titã Arnaldo Antunes, "África Brasil", de Jorge Ben, "Atropelamento e Fuga", de Akira S. e Alex Antunes, e "Deus Me Faça Funky", versão para um funk peso pesado dos Headhunters. Para esta última, Ed Motta foi convidado a dividir os vocais. O príncipe brasileiro do soul mostrou que domina esta praia, com uma interpretação que, talvez intencionalmente, por opção do próprio Skowa, esvaziou os backings de Tchê e Bukasa. Mas os convites não param por aí. Por quase todas as faixas desfilam convidados bastante especiais. O resultado é um som coeso, denso. Só que em alguns casos os arranjos não conseguiram romper com o previsível, não encontrando soluções criativas para cobrir as sólidas bases com metais, teclados e vozes à altura.

As composições assinadas pelo próprio Skowa têm uma marca muito própria — mesmo as parcerias —, principalmente no desenvolvimento melódico. Neste ponto, sim, a criatividade impera. As melodias evoluem para um clímax, com o apelo corporal dos refrões. "Balanço de Proa" é mais uma prova definitiva de que a música feita para dançar não precisa vir acompanhada de uma letra: fora o refrão, todos os versos são formados apenas por nomes de máquinas, compartimentos e instrumentos de um navio.

A pulsação da Máfia se dirige aos músculos. O convite à dança é irrecusável. O balanço de proa é intenso, mas não enjoa.

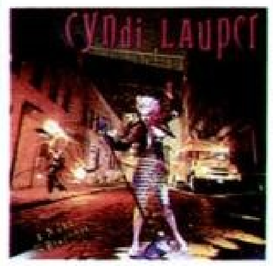
Celso Masson

INTO THE STRANGE – Mutilator (Cogumelo)

Depois da sensação causada pelo Sepultura, surge outro novo e promissor quarteto na cena mineira de metal: o Mutilator, que neste seu segundo LP comprova que veio para detonar. Som peso pesado, com guitarras muito bem trabalhadas, que dão nova dimensão ao pique demonstrado em sua estréia em vinil. Nas letras, escapam do satanismo sendo, esta compilação dos cinco anos de existência da banda, ainda soa inferior ao seu primeiro LP (que comparece com apenas quatro das quatorze faixas). *C.P.*

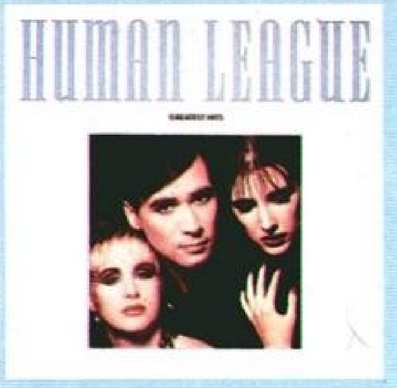
VIS-À-VIS (*)

Curioso. Embora as origens deste grupo encontrem-se na escola paulista de hard rock e heavy metal (Anarca, Caos, Centurias), seu LP de estréia envereda mesmo é pela trilha do tecnopop. Lembrando bastante o estilo do finado grupo inglês A Flock of Seagulls, o Vis-à-Vis não consegue ir muito longe, acabando por retratar-se na faixa "Foto": "Eu paro e penso, mas não sei/Se estou certo ou partirei/Quem sou eu?" *A.G.C.D.*



A NIGHT TO REMEMBER – Cyndi Lauper (Epic/CBS)

É realmente um desperdício alguém com a voz de Lauper ter se afogado nos horrendos, mas milionários pântanos da descartabilidade. Talento tinha de sobra quando fazia parte do delicioso Blue Ângel. Parte dele ainda permaneceu em seu primeiro LP. A partir de *Colors*, a consagração custou sua arte. Hoje, embora sua garganta continue impecável, arranjos e produção são ultrapasteurizados. Apenas em uma ou outra faixa ainda encarna algum brilho. O resto é um pastiche de formais baladas, *disco music* e tecno-popices. *F.N.*



GREATEST HITS – The Human League (Virgin/EMI-Odeon)

Existiram, na verdade, duas Ligas — que se desmembraram em oito diferentes formações (a genealogia é minuciosamente detalhada no encarte desta coletânea). A primeira vinha encabeçada por Ian Craig Marsh e Martin Ware, especialistas em eletrônica musical pré-digital e futurismo kitsch. Em 1978, a dupla recrutou Philip Oakey para os vocais e emplacou um hit independente, "Being Boiled" — segundo a lenda, um dos discos mais baratos de todos os tempos, com um custo total de seis libras. Foi o bastante para serem contratados pela Virgin e, até Marsh e Ware pularem fora para fundar o Heaven 17, em 1980, lançaram alguns compactos e dois LPs (o segundo, *Travelogue*, altamente recomendável) sem repetir a façanha. Por isso, quando o Heaven 17 começava a conquistar as paradas e a crítica, ninguém apostaria um palito de fósforo que Phil Oakey pudesse fazer alguma coisa com o nome Human League. Ainda mais quando suas primeiras convocações, Joanne Catherall e Susan Sulley, eram mais dançarinas do que cantoras. Aí, essa Liga bastarda — com uma mão preciosa do produtor Martin Rushent — aparece para arrebentar a banca com um LP absolutamente delicioso.

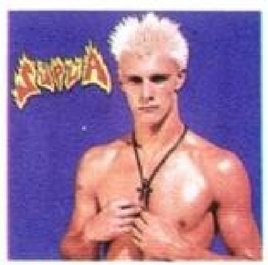
Fora a óbvia inclusão de "Don't You..", *Dare* cede a esta coletânea mais três faixas. Seu sucessor, *Hysteria* (1984), comparece com a acre-doce balada "Louise" e "The Lebanon". O terceiro LP da formação liderada por Oakey, *Crash* (1986) — um fiasco parcialmente redimido por mais um hit dourado, "Human" — contribuiu ainda com "Love Is All That Matters". Seria *Crash* o canto de cisne? Estes *Greatest Hits* mantêm o suspense no ar, mas trazem petiscos especiais para os fãs brasileiros que já têm os três LPs citados: além de "Being Boiled" (o único gostinho da Liga original) mais "Mirror Man" e "Fascination", editadas originalmente em compacto.

José Augusto Lemos

9 – Public Image Ltd. (Virgin/EMI-Odeon)

Se você é um daqueles antigos fãs do PIL que achou que o LP anterior — *Happy?*, de 1987 — já não era lá essas coisas (e ficou com uma ponta de decepção com a tour brasileira de Mr. Lydon e seus asseclas), imagine ouvir um álbum que parece um refugo de *Happy?*. Pois é esta a impressão que fica atravessada na garganta com 9. Desde a música de abertura (sintomaticamente chamada "Happy"), temos mais nove faixas nas quais o grupo soa apenas como uma paródia de si mesmo. Que os neófitos se divirtam, pois a mim, a "nova" imagem pública de "João Lindão" mais parece a de Sarney em fim de mandato.

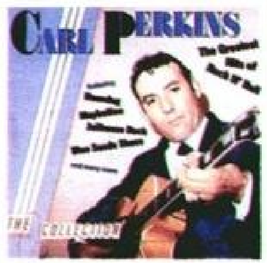
C.P.



SUPLA (RGE)

Supla, o pentelho "invocadinho" pobre menino rico, paulista, dos Jardins, *rides again*. Desta feita, para nos martirizar com seu primeiro álbum-solo, uma gororoba — produzida pelo ex-Tutti Frutti Luiz Carlini — que ele pretendeu legitimar às custas de poses, couro preto e um punhado de rebites e tachinhas. Música? É melhor esquecer. Letras? Apenas idiotices descomunais do tipo "I like sex, eu quero é suar. I like surfing, eu quero entubar".

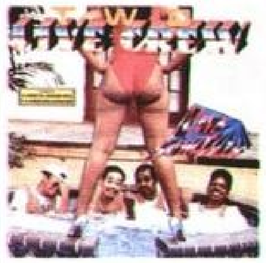
A.G.C.D.



THE GREATEST HITS OF ROCK'N'ROLL – Carl Perkins (Object Enterprises/Eldorado)

Há dois anos nosso mercado era ultra-defasado em termos de rock dos anos 50, mas, a partir dos lançamentos do selo independente Brasidisc, outras gravadoras passaram a investir no gênero, que já conta com um número relativamente significativo de lançamentos. Entretanto, em termos de anos 60 (*garage bands, surf music, Mersey sound*) não há praticamente nada. Neste contexto, um mestre como Perkins é bem-vindo, mas não tão imprescindível mediante a falta de outros nomes importantes dos anos 50 e de várias tendências dos *sixties*. Perkins não tem culpa desta situação, e na ótica internacional, esta coletânea de dezoito faixas (lançada em 1987) é boa e representa bem o *king of rockabilly* com seus maiores hits e expressivas covers. Mesmo não tendo vivido o sucesso de seus contemporâneos, o estilo de Perkins estará para sempre gravado na história do rock.

F.X.



MOVE SOMETHIN' – Two Live Crew (Epic/CBS)

Direto de Miami, o mais bandalho dos grupos de rap. Pornografia pura e simples é o que estes quatro sem-vergonha têm a oferecer aos falsos moralistas de plantão. Sobre bases instrumentais absurdamente simples, refrões como "suck my dick, lick my balls, kiss my ass" alcançaram as ondas das rádios brasileiras, coisa inconcebível se eles fossem um grupo nacional, cantando em português. Citando Kinks, sampleando Hendrix, James Brown e até o "Do Wah Diddy Diddy" de Manfred Mann, o TLC cometeu um dos mais malandros discos de rap deste fim de década.

C.E.M.

THE NEW ORDER – Testament (Megaforce/WEA)

Este é o segundo LP (de 1988) do grupo californiano que excursionou por aqui em julho último. Como ficou comprovado então, sua linha é de muito poder de fogo, com duas guitarras rápidas e precisas apoiadas em uma possante cozinha, que servem muito bem aos vocais rasgados de Chuck Billy. Como destaques, podem ser citadas as faixas "Trial by Fire" e "Disciples of Watch" (com suas introduções climáticas precedendo levadas vigorosas e agressivas), além dos temas instrumentais "Hypnosis" e "Musical Death" e até uma criação toda própria para "Nobody's Fault", do Aerosmith.

L.R.

EM TODA PARTE – Violeta de Outono (RCA/BMG-Ariola)

Em meio aos engodos de proveta que grassam na cena nacional, o Violeta de Outono sempre foi uma exceção das mais louváveis. Caracterizado anteriormente pelo despojamento sonoro e por um certo desprezo para com os recursos da tecnologia, o trio caminha agora rumo à eletrônica e — com o auxílio do produtor R.H. Jackson — edulcora sua peculiar lisergia através de elementos oriundos da música asiática (Bali, Indonésia) e africana. Assim, *Em Toda Parte* resulta numa interessantíssima mescla de pop, *power rock* e *world music*. Passado e futuro entrelaçados em mantras elétricos num milagre de harmonia.

A.G.C.D.

LOC'ED AFTER DARK – Tone Lôc (Delicious Vinyl/WEA)

A febre do hip house britânico não podia demorar a atacar os rappers americanos. Tone Lôc é um interessante caso de MC a serviço do império da *dance beat*. Este seu álbum de estréia foi se alojar no cobiçadíssimo "1 da parada de álbuns da *Billboard*, tornando-o o único artista negro de rap a executar essa façanha. Sua música utiliza alguns samples já massificados, exportados em gravações do Coldcut. O "louco" Tony Smith, entretanto, tem algo: *beats* pulsantes e voz grave, uma combinação que costuma fazer história no meio das madrugadas.

M.P.

THE MIRACLE – Queen (EMI-Odeon)

O décimo-sexto álbum dos dezoito anos de carreira do Queen — e o primeiro composto coletivamente — está virtualmente fadado ao sucesso, o que se deve muito mais à legião de fãs que as veteranas "rainhas" conquistaram *on the road*, do que ao mérito próprio do disco. Neste, há apenas os mesmos ingredientes que há um bom tempo vêm sendo excessivamente colocados em seu caldeirão sonoro, só que de maneira mais bem dosada do que em seus últimos álbuns, numa espécie de flerte com os seus primeiros trabalhos. Os fãs vão adorar.

H.B.

2É – Biquini Cavadão (Polydor/PolyGram)

Despido de qualquer arrogância, o Biquini Cavadão conseguiu impor e manter um traço de originalidade, calcado principalmente na impostação de seu crooner — uma marca registrada demais, que pode levar o ouvinte à exaustão. Mas a criatividade de alguns arranjos e a variedade de formações instrumentais (incluindo um solo de flügelhorn em "Meu Reino") conseguem quebrar a monotonia da voz. "Direto pro Inferno" e "Samba de Branco" mostram que o Biquini sabe o que quer. Ambas dificilmente tocarão no rádio — e são as melhores do disco.

C.M.

WORKIN' OVERTIME – Diana Ross (EMI-Odeon)

Indiscutivelmente, Diana Ross, cujo background vem desde as inesquecíveis Supremes nos anos 60, é uma figura respeitável. Entretanto, neste seu novo trabalho — embora contando com a "chic" produção/instrumentação de Nile Rodgers — as composições em nada de distinguem do lugar comum da música negra nos anos 80, repetindo o gênero *disco-ballad*, baba que a persegue desde 1981, quando emplacou com "Endless Love". No mais há o infalível molho funk com gosto de aeróbica e uma certa inflexão pelos manjados labirintos da onda house.

F.X.

BEN JOR (WEA)

Demorou muito, embaça. Essa verdade universal foi esquecida ou subestimada por Jorge Ben, agora Ben Jor, e ainda mais parecido que antes com seu semixará e competidor em direitos autorais, George Benson.

Ben Jor foi uma superprodução que levou quase dois anos — tempo demais em termos de trabalho de estúdio — para ser finalizada, devido a vários problemas que chegaram até a envolver a relação de Ben e de outros músicos com a produção do disco.

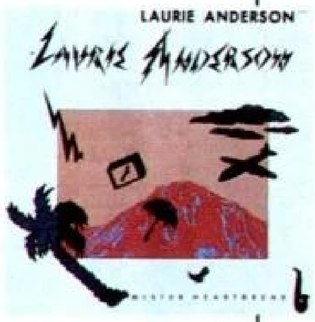
Entre os artistas convidados estavam o nigeriano King Sunny Adé e alguns integrantes de sua banda, dois músicos da banda de Gil Evans — Danny Golthlieb e Chris Hunter —, além do tecladista Delmar Brown e o percussionista Paulinho da Costa. Representando os músicos de grupos nacionais, participaram os Paralamas do Sucesso (o baterista João Barone em três faixas, inclusive junto à guitarra de Herbert Vianna e o baixo de Bi Ribeiro no reggae "Homem de Negócios"), Arnaldo Antunes na letra de "Cabelo" (faixa que não consta do álbum e só é encontrada nas versões em cassete e compact disc) e outro titã — Nando Reis —, como um dos responsáveis pela produção.

O processo incluiu ir a Los Angeles para gravar com o *hitmaker* e bacanão da WEA, Liminha, que, segundo Ben, quis regravar algumas passagens de guitarra e impediu o ex-tecladista dos Beatles e dos Stones, Billy Preston, de participar das gravações. Encheu tanto que acabou sendo expulso do estúdio por Jorge. Esta novela toda criou uma expectativa que só uma obra-prima acalmaria.

Mas o resultado foi meio a meio. O lado 1 é Ben padrão. O lado 2 é um magnífico fracasso. Num ano em que a música no Brasil primou pela pasmaceira, Jorge deu um show de bola em ousadia, adicionando ao samba-rock, que é sua marca registrada, uma verdadeira quitanda de *world music*, que inclui pitadas de *juju music* ("Mama África") e rumba ("Miss X"). Épa, legal... Só que por alguma razão, toda esta diversidade musical não pega na veia. Falta gás, como demonstram até as dublagens televisivas/promocionais de Jorge. Ao vivo, provavelmente a coisa esquenta. No vinil, Jorge Ben chutou na trave.

André Forastieri

RAPIDO & RASTEIRO



Aproveitando a passagem de **Laurie Anderson** pelo Rio, para o evento Tucano Artes em julho passado, a Warner/WEA de maneira esperta e oportuna relança seus três LPs editados no Brasil: **BIG SCIENCE** (seu álbum de estréia, de 1982, com a já antológica "O Superman"), **MISTER HEARTBREAK** (1984) e **HOME OF THE BRAVE** (1986). Mostrando que o futuro é agora, a baixinha prova nestes três discos por que o seu som minimal insere-se como um dos mais significativos do panorama da música pop dos anos 80. **F**alando em relançamento, a Phonodisc/Continental traz de volta o único LP do grupo paulista **Moto Perpétuo** (de 1974), com Guilherme Arantes à frente — dois anos antes de seu estouro radiofônico com "Meu Mundo e Nada Mais" — e fazendo um som transbordante de influências progressivas que, no máximo, serve de registro histórico. Enquanto isso, os mineiros do **Veludo Cotelê** saqueiam o baú da Jovem Guarda em seu primeiro LP, **THE BEST OF VELUDO COTELÊ** (Brasidisc). Porém, como a maioria dos discos da época continua em catálogo, prefira os climas originais. **T**ambém as meninas do **Afrodite Se Quiser** tentam resgatar o espírito da Jovem Guarda em seu segundo LP, **FORA DE MIM** (Polydor/PolyGram), mas não conseguem nada que se salve nesta sua empreitada. De outro lado, pouca coisa de interessante se encontra na coletânea **HOUSE & REMIX** (WEA), que traz "releituras dançantes" para músicas dos **Titãs**, **Ed Motta e Conexão Japeri**, **Fausto Fawcett e os Robôs Efêmeros**, **Casseta e Planeta**, **Heróis da Resistência** e **Os Mulheres Negras**. Só a faixa "Sub (Yellow Submarine)",destes últimos, não poderia ser classificada como um rasteiro remix. **E LECTRIC YOUTH** (Atlantic/WEA), da (ainda) *teenager* **Debbie Gibson**, é um projeto *à la* Madonna, porém mais acentuado para um romantismo pop piegas, na medida certa para as trilhas de novelas... Outra americana no topo das paradas é **Paula Abdul**, que surge com seu LP de estréia **FOREVER YOUR GIRL** (Siren/EMI-Odeon). Com o sucesso obtido, será difícil convencê-la de que suas coreografias para Janet Jackson, Kool and the Gang e Duran Duran eram bem mais tragáveis que sua voz. **J** á a veterana *blondie* **Stevie Nicks**, do Fleetwood Mac, retorna com **THE OTHER SIDE OF THE MIRROR** (Atlantic/WEA), seu quarto LP solo. Pitadas de country pop e *middle of the road* californiano que pouco acrescentam a essa inocuidade. **E** por falar em discos inócuos, é certo que o segundo LP do **Mike + the Mechanics**, **LIVING YEARS** (WEA), não vai fazer a mínima falta em nenhuma discoteca. O baixista/guitarrista do Genesis, Mike Rutherford faz de sua "banda alternativa" apenas um prolongamento da estagnação criativa de seu grupo principal. **P**or fim, mais uma reedição de destaque em termos de *world music:* a do LP **NELSON MANDELA** (Polydor/PolyGram), do senegalês **Youssou N'Dour**. Eleito pelo semanário inglês *NME* como o melhor da música africana em 1986, o disco já havia sido lançado no Brasil no ano seguinte pela Rough/Trade/WEA.

MACAMBIRA BRITO

RECEBA PELO CORREIO

AGORA SIM!
ENTREGA URGENTE
SEDEX À COBRAR
PAGUE AO RETIRAR

JAQUETAS DE MOLETON
ZIPER, BOLSO E ESTAMPA NAS COSTAS

COSTAS

BLUSÃO DE MOLETON

GREEN
R. E. M.

CAMISETAS
MANGA CURTA E LONGA

Stamp

CAMISETAS - BLUSÕES
- JAQUETAS
100% ALGODÃO
- TAMANHOS P.M.G.

PREÇOS

MANGA CURTA (MC)	NCz$	8000
MANGA LONGA (ML)	NCz$	10000
BLUSÃO (MT)	NCz$	18500
JAQUETA (JQ)	NCz$	21000

VÁLIDOS ATÉ A PRÓXIMA BIZZ

- Você receberá um aviso do Correio para retirar seu pedido na agência mais próxima de sua casa num prazo de cinco dias, sendo a encomenda será devolvida.
- O pagamento da encomenda mais a despesa postal será efetuado no Correio.
- O preço do Sedex varia de acordo com o peso da encomenda e localidade.
- O pedido será entregue num prazo de 24 a 48 horas após nossa postagem.
- Todas as estampas estão disponíveis nos quatro modelos. Manga Curta (MC), Manga Longa (ML), Blusão (MT) e Jaqueta (JQ).
- PREÇO ESPECIAL PARA REVENDEDORES.

TEL.: (011) 399 7428
HORÁRIO: 2ª À 6ª DAS 8:00 ÀS 17:30 HS.
BIZZ161

Desejo receber o seguinte encomenda no Valor de NCz$ ..... mais despesas postais.

Ref.	Cor	Tam.	Mod.

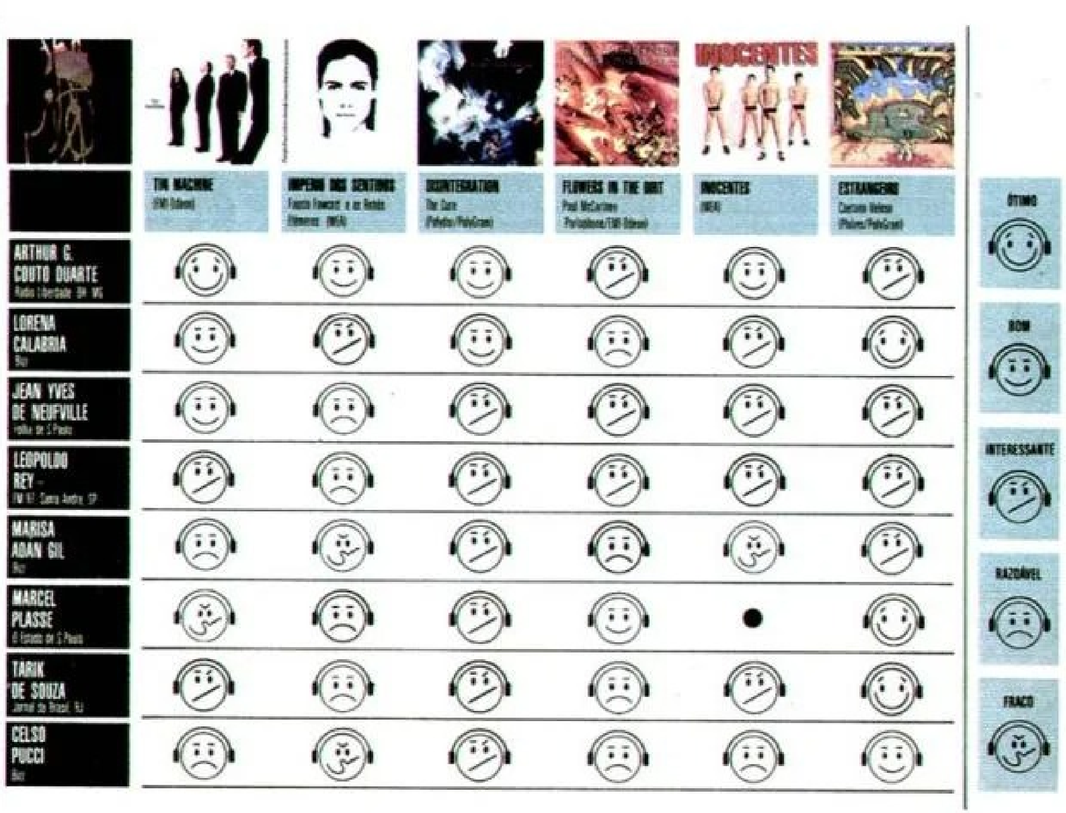
Nome:
End:
Cep: Cid: Est:
Envie este cupom ou cópia p/Stamp - Rua Emb. JoãoNeves daFontoura,136 - Cep 02013 - São Paulo - SP

COMPACT DISC

Entre os recentes lançamentos em vinil que já mereceram versões em CD; dois trazem faixas adicionais, um procedimento que, se já é usual em outros países, ainda é novidade por aqui. São eles: **BEN JOR** (WEA), a nova "encarnação" de **Jorge Ben** (com a faixa "Cabelo"), e **THE MIRACLE** (EMI-Odeon), último LP do **Queen** (que traz duas músicas de bônus). A se saudar, também, **TECHNIQUE**, do **New Order** — o primeiro lançamento, em CD, pela WEA, do catálogo do selo inglês Factory, que conta com outras edições nacionais (via WEA e Stiletto) as quais, com certeza, mereceriam tornar-se *compact discs*. Ainda a destacar, em termos de novos lançamentos, **ESTRANGEIRO** (Philips/PolyGram), de **Caetano Veloso**, **THE RAW AND THE COOKED** (London/PolyGram), dos **Fine Young Cannibals**, **FLOWERS IN THE DIRT** (EMI-Odeon), de **Paul McCartney** e o elenco *all-star* dos **Traveling Wilburys** em seu primeiro (e único) álbum (Warner/WEA). Quanto a discos mais antigos, é digna de nota a edição de **NOTORIOUS** (EMI-Odeon), do **Duran Duran**, lançado há três anos; mas boa mesmo é a aparição em CD de **THE MAN MACHINE** (Capitol/EMI-Odeon), disco de 1978 dos mestres alemães da experimentação eletrônica do **Kraftwerk**. Prosseguindo nesta onda, poderiam lançar também o ótimo **ELECTRIC CAFE**, de 1988.

GRAVADORAS INDEPENDENTES: *Brasidisc — R. Jaraguá, 340, São Paulo (SP) - (011) 220-2838 / Cogumelo — Av. Augusto de Lima, 399, Belo Horizonte (MG) — (031) 226-8557 / (*) — Cx. Postal 19030, São Paulo (SP).*

BOLSA DE DISCOS



HERÓI ou TRAIDOR?

Esta é sua chance de julgar

Ele é acusado de comunista e tem que depor diante do Congresso Americano. Apesar disso, é convidado a liderar uma missão anglo-soviética e acaba tornando-se a esperança dos aliados para impedir que Nova Iorque seja alvo de uma explosão atômica.

Ele é **Falcão Negro**, o aviador destemido que vem cortando os ares em seu valente Grumman F5 F, pronto a aterrissar em qualquer hora e lugar para lutar por justiça num mundo ameaçado pelo nazismo, em plena Segunda Guerra.

Você não pode perder esta mini-série que traz de volta Falcão Negro em desenhos e argumento de Howard Chaykin. Uma verdadeira obra-prima, retratando a nostalgia de uma época marcada por mulheres fatais, gangsters sanguinários, espionagem e muita aventura! Nas bancas o nº 1.

MINI-SÉRIE ESPECIAL • 3 EDIÇÕES MENSAIS
QUADRINHO ADULTO DE LUXO

EDITORA ABRIL

Junto ao Danzig, Wolfsbane e Four Horsemen, os **Masters of Reality** formam a linha de frente do selo Def American, a última criação do ensandecido Rick Rubin. Embora o nome seja uma homenagem a um LP daquela velha banda satânica, a audição do primeiro álbum homônimo destes trintões de Syracuse nos remete imediatamente aos blues sebentos e ao *boogie* ácido de formações esquecidas como o Cream, ZZ Top, Mountain e Cactus. Esqueça o Cult: este é o regorgitar definitivo dos anos 60.

◆

Radicalizado em Nova York desde 1981, o irlandês **Pierce Turner** vem desafiando categorizações desde que estreou, há dois anos, em um LP produzido pelo *minimal man* Philip Glass. De volta agora, com **THE SKY AND THE GROUND** (Beggar's Banquet), ele imprime sua herança celta em melodias pop de contornos clássicos, à frente de uma atípica formação que traz um trombone como destaque.

◆

Lançado em edição limitada pela Rykо, **RADIO ONE** flagra o advorecer do **Jimi Hendrix Experience** em plena *Swingin' London*, em sessões gravadas em 1967. Além de versões estratosféricas de "Day Tripper" dos Beatles e "Catfish Blues" de Muddy Waters, há de se destacar a apresentação do material: dois discos em vinil transparente, embalados em capas de papel de arroz japonês. Um luxo só.

Os **Close Lobsters** que, via Fire Records, chegam a seu segundo LP, o magnífico **HEADACHE RHETORIC**, comprovam por que são considerados o mais injustiçado grupo da *Class of 86*, o movimento que gerou o regressive rock. Neste LP, ainda mais requintado em termos de produção que o anterior, o quinteto refaz com maestria a tradição de *guitar bands* dos anos 60.

◆

O grupo **Outskirts of Infinity** é definitivamente a maior paulada em se tratando de psicodelia nos anos 80. Sua estréia, com o LP **SCENES FROM THE DREAMS OF ANGELS** (Circuit), é uma profunda viagem em alucinadas atmosferas de guitaras. Confirmando seu apreço pela lisergia, duas versões impagáveis: "Desdemona", de Marc Bolan e "Spanish Castle Magic", de Jimi Hendrix.

◆

Depois de muita briga na justiça por ter o mesmo nome de uma importadora de laranjas, o incrível grupo americano **The Man from Delmonte** ganhou a causa e conseguiu lançar o seu primeiro LP. **BIG NOISE** (Bop), gravado ao vivo, mantém o pique dos seus singles: simples canções pop com aromas folk e influências que vão de Jam a Modern Lovers.

Formado há seis anos, os **Miracle Legion** — Mark Mulcahy (voz/letras) e Ray Neal (guitarras) — saíram de Minneapolis e andaram tocando e gravando com o Sugarcubes e o Pere Ubu, mas foi com o LP **ME AND MR. RAY** (Rough Trade) que ganharam a crítica. Gravado nos estúdios de Prince, em Minneapolis, o disco lembra um R.E.M. mais acústico e com vocais ainda mais excêntricos.

NEWROCK
INFORMATION
SOCIETY
THE CULT
SONIC TEMPLE
MADONNA
PREÇOS:
MALHA COMUM: 45,00
MALHA ESPECIAL: 80,00
FONE:
(011)
280-2952
PREÇOS ESPECIAIS PARA LOJISTAS E REVENDEDORES.
THE SMITHS
"RANK"
Como comprar: (1) CHEQUE NOMINAL: Envie seu cupom ou xerox corretamente preenchido, acompanhado de cheque nominal à NEW ROCK e retire seu pedido no correio de sua cidade. (2) REEMBOLSO POSTAL: Envie seu cupom corretamente preenchido e pague somente ao retirar a encomenda no correio de sua cidade. *Junto do cupom envie um cheque nominal à NEW ROCK no valor de 5 cruzados referentes às despesas postais.
DESCONTO ESPECIAL! Comprando através de cheque nominal, você não precisa pagar as despesas postais e também ganha um desconto de 10% no valor total da compra.
Prefiro comprar da seguinte maneira: ☐ CHEQUE ESPECIAL ☐ REEMBOLSO POSTAL
Total da compra: _____ Tipo de malha: ☐ COMUM ☐ ESPECIAL
REF. COR TAM. REF. COR TAM. REF. COR TAM.
TAMANHOS: P M G
NEWROCK
Rua Capote Valente, 540/21
05409
São Paulo - SP
Fone: (011) 280-2952
Nome: _____ CEP: _____ Cidade: _____ Est: _____
End.: _____ Nº: _____ Fone: _____

ANIVERSÁRIO

She lives in this house over there, has her world outside it
grapples the earth with her fingers and her mouth — she's five years old
threads worms on a string, keeps spiders in her pockets
collects fly-wings in a jar,
scrubs horse-flies and pinches them on a line
she's got one friend, he lives next door, they listen to the weather
he knows how many freckles she's got, she scratches his beard
she's painting huge books, glues them together
they saw a big raven, it glided down the sky — she touched it
today's a birthday — they're sucking cigars
he got a chain of flowers, sows a bird in her knickers
they're sucking cigars, lie in the bathtub, chain of flowers

Ela mora nesta casa ali, tem o seu mundo do lado de fora
se atraca com a terra com seus dedos e sua boca — ela tem cinco anos de idade
enfia minhocas num barbante, mantém aranhas guardadas nos bolsos
coleciona asas de mosca num pote de vidro,
esfrega cavalos e as prega num varal
ela tem um amigo, ele mora ao lado, eles ficam escutando o clima
ele sabe quantas sardas ela tem, ela coça a barba dele
ela pinta livros imensos, cola um no outro
eles viram um corvo grande, ele planou ceu abaixo — ela o tocou
hoje e um aniversário — eles estão chupando charutos
ele está com um colar de flores, lança um pássaro dentro das calcinhas dela
eles estão chupando charutos, deitam na banheira, colar de flores

Andrew Catlin/LFI
© Direitos reservados

DO THEY UNDERSTAND WHAT I SING?

Será que eles entendem o que eu canto?

Sim. Todo mundo pode entender as letras das músicas das maiores estrelas internacionais com a revista LETRAS TRADUZIDAS, que este mês ataca com o som de Rick Astley, Joy Division, Depeche Mode, Prince e muitos outros. Você vai entender tudo!!! Não marque bobeira e garanta sua LETRAS TRADUZIDAS. Your gonna love it!!!

BIZZ
LETRAS TRADUZIDAS

EDITORA AZUL

GOSTO DISTINTO

Sou leitor da BIZZ desde o número 1 e é a primeira vez que escrevo a vocês motivado, principalmente, pela completa mudança ocorrida na revista. Achei sensacional, ficou muito melhor, mais dinâmica, enfim, mais estimulante, como vocês disseram. Nada melhor do que essa mudança ocorrer no quarto aniversário da BIZZ.

Christian de Castro Oliveira, Brasília — DF

Não faço parte daquele time de leitores que vive encontrando defeitos e achando que "a revista está decaindo". (...) No entanto não gostei quando abri e folheei a edição 48. A diagramação ficou rebuscada, com excesso de cores e detalhes. (...) Acho que valeria a pena voltar ao visual limpo e *clean* dos números anteriores. O conteúdo é excelente, adoro tudo. Nada fara com que eu deixe de ler BIZZ, mas, sem dúvida, gostaria de ver minha revista preferida mais agradável e gostosa de ler.

Vera Lúcia Pereira, Petrolina — PE

GOSTO DUVIDOSO

Escrevo desta vez para dizer-lhes que estou bastante satisfeito com a matéria publicada na edição de julho (BIZZ 48) sobre a música brega (definida de maneira espetacular por Michael Sullivan). É muito importante que esta arte musical e cultural brasileira não seja esquecida. Está aqui meu apoio para o que nós chamamos de brega ou quaisquer outros nomes que possam ser estabelecidos. Todos nós devemos algo aos "bregueiros"...

Fernando Souza, Rio de Janeiro — RJ

Estou escrevendo para parabenizá-los, especificamente os jornalistas Luiz Henrique Romagnoli e Carlos Eduardo Miranda pela reportagem "Brega... Uma Matéria de Gosto Duvidoso" (BIZZ 48). Concordo e endosso tudo que escreveram, acrescentando que o brega é a peste das FMs brasileiras (com raras exceções). O brega está intimamente ligado à venda e ao consequente lucro. Essa história de que o brega "é o que o povo quer ouvir" não passa de uma farsa usada pelos "vendedores". É claro que o povo quer ouvir essas bobagens: é só isso que lhe é apresentado! Sinto-me realmente envergonhada de fazer parte do povo brasileiro quando mexo no rádio e ouço até "... como uma deusa você me mantém...", na voz daquele espantalho ambulante que é a Rosana. Isto mostra o quanto é esmagado e despreparado o povo brasileiro quando se trata de música. (...) Que tal uma cruzada contra o brega?

Cintia C. Grininger, Salto — SP

Totalmente demais! Essa é a minha opinião sobre a matéria "Brega, Kitsch, Cafona, Boko-Moko", publicada na edição do quarto aniversário de BIZZ. Há muito tempo a revista não publicava (ao menos sob o meu ponto de vista) uma matéria tão gostosa de ler. Nosso país é um país boko-moko, cercado de bregas por todos os lados — prova disso é o sucesso do brega romântica Amado Batista, que vendeu até hoje mais de cinco milhões de cópias de seus discos. Haja consumidor brega... Valeu o trabalho de Luiz Henrique Romagnoli (conhecedor-mór do assunto) e do Carlos Eduardo Miranda. Finalmente pérolas do cancioneiro popular, como Odair José, Waldick Soriano, Sidney Magal e a rebolante Gretchen, conseguiram um espaço de destaque na BIZZ, que sempre deu maior espaço para os cantores do underground.

Roberto Rodrigues, São Paulo — SP

Levei um susto ao ler a página 29 da edição de julho da BIZZ, abordando a música brega: os autores da matéria cometeram um equívoco afirmando que "Jessé foi Chris de Burgh quando gravou o megahit "Flying" " e salientaram, ainda, que aquele nada tem a ver com o Chris de Burgh de "Lady in Red". A bem da verdade, o Chris de Burgh que gravou a versão original de "Flying", em 1975, pela AM Records de Los Angeles, é o mesmo intérprete dos hits "Lady in Red", de 1986, e "Love Is My Decision", de 1988. Jessé, na ocasião, apenas gravou uma *cover*, ou seja, ele regravou a música "Flying" com o pseudônimo de Roger Shapiro, versão dolosamente editada como original num LP da K-Tel, em 1976.

Cláudio Michel, São Bernardo do Campo — SP

Você está perfeitamente correto, Cláudio. A redação de BIZZ agradece sua atenção e o cuidado em nos enviar os documentos que provam sua afirmação.

A DEFESA DO CAPITAL

Discordamos da leitora Juliette Vera Dutenova em relação a suas opiniões publicadas na carta "Infinita Xerox", na BIZZ 48. Achamos que referências podem ser usadas livremente, contanto que produzam no final uma obra original. "Pedra na Mão" e "Welcome to the Pleasuredome", como um todo, nada têm de similar e o trecho ao qual a leitora se refere trata-se de uma sampleagem pura e simples. Quanto ao Clash, chega a ser cômico por dois motivos: se o Clash "inventou" a levada de "Música Urbana", que se chama *shuffle*, inventou também a máquina do tempo para lançá-la nos anos 40. O segundo motivo chega a ser mais hilariante: "Música Urbana" é uma música da formação original do Aborto Elétrico (ver BIZZ 45) e, portanto, anterior ao lançamento do disco *Sandinista*, que só foi às lojas no começo de 1981.

CAPITAL INICIAL

FÃS-CLUBES

A-ha *Hunting High On A-ha* r. Barão de Morenos, 109, CEP 05453, São Paulo — SP

Eric Clapton *Eric Clapton Brazilian Fan Club — Fanzine Slowhand* A/C Leo Machado, av. Canal, 732, CEP 21040, Rio de Janeiro — RJ

Kid Abelha *Fã-Clube Kid Abelha no Meio da Rua* A/C Adriana Kelmer, r. Luiz Fávero, 105, CEP 36060, Juiz de Fora — MG

New Order *Fã-Clube do New Order* A/C Rogério Leite, Caixa Postal 50445, São Paulo — SP

Queen *Queen Connection* A/C Carla M. Letewnski, Caixa Postal 977, CEP 90001, Porto Alegre — RS

Smiths *Fã-Clube The Smiths London Palladium*, A/C Manuel Tato, r. Celita Mello de Abreu, 42, apto. 204, CEP 25255, Duque de Caxias — RJ

Smiths *Fã-Clube The Smiths Meat Is Murder*, r. C, Lote 13, Q-9, CEP 25260, Duque de Caxias — RJ

U2 *U2 Fã-Clube* A/C Guilherme Brito, Caixa Postal 665, CEP 64000, Teresina — PI

MERCADO PARALELO

Compro BIZZ números 01 e 42. **Rosane de Moraes, r. Manga, 96, CEP 30710, Belo Horizonte — MG**

Compro BIZZ número 15 e qualquer matéria sobre Peter Gabriel. **Ana Carolina Marques de Castro, r. Aquidaba, 842/408, CEP 20720, Rio de Janeiro — RJ**

Compro qualquer edição de BIZZ que tenha matéria sobre Pet Shop Boys, Elton John e Rick Astley. **Gabriela M.M. Resendes, r. São Clemente, 272, apto. 504, Bl. A, CEP 22260, Rio de Janeiro — RJ**

Compro Revista-Poster do A-ha (23-P), ou troco por qualquer coisa de interesse. **Letícia, r. Ipiranga, 408, CEP 07600, Mairiporã — SP**

Compro as edições de BIZZ números zero, 29, 33, 35, 36 e 39. Pago bem. **Luis Carlos da Costa, Cel. Massot, 571/102, CEP 91900, Porto Alegre — RS**

Curto demais o A-ha e compro qualquer número de BIZZ que tenha fotos ou matérias deles. **Fabiolla Loureiro de Almeida, al. Santos, 721, apto. 92, CEP 01419, São Paulo — SP**

Compro as seguintes revistas: *Letras Traduzidas* 21-A, 34-L e 36-L; Ídolos do Rock 20-A. **Luciana Guirland Vieira, r. Marcílio Dias, 836/02, CEP 90060, Porto Alegre — RS**

Compro qualquer BIZZ desde 84 que tenha matéria sobre a Cyndi Lauper. **Fatty Lauper, Caixa Postal 72, CEP 08600, Suzano — SP**

Compro BIZZ 33, 34, 35, 38 e 42. Compro também gravações piratas do Legião Urbana e todas as entrevistas da banda. **Willian Dower Lunz, r. Cel. Fabriciano, 110, Itapemirim — ES**

Compro edições de BIZZ do número 08 ao 44 que tenham reportagens significativas sobre o Legião Urbana. **Luiz Sérgio de Melo Neto, r. Hianto de Almeida, 204, CEP 59010, Natal — RN**

Compro edições de *Letras Traduzidas* que tenham músicas do Duran Duran, com exceção das que contêm as músicas "Wild Boys", "Hungry Like the Wolf", "American Science" e "Proposition". **Luzanéia Marinho Pereira, r. Oceano Ártico, 83, CEP 58000, João Pessoa — PB**

Compro edições antigas da BIZZ e outros materiais sobre o Duran Duran e projetos paralelos (Arcadia, Power Station e John Taylor solo). **Silvia R. Cabrera Taylor, r. Acesso A, Bl. A-6, apto. 22, CEP 09230, Santo André — SP**

ERRAMOS

Na página 10 da edição de aniversário (BIZZ 48), foi afirmado que a primeira gravação de Elvis Presley foi realizada em 05/07/89. Obviamente trata-se de um erro de impressão. O ano correto é 1954.

Ainda na edição 48 afirma-se, na página 14, que a música "Don't You (Forget About Me)", do Simple Minds, é música-tema do filme *A Garota de Rosa-Shocking*. Na verdade, a música foi tema do filme *O Clube dos Cinco*, como consta na página 23 da mesma edição.

Na edição 49, página 15, o nome correto da gravadora do **Sepultura** é Eldorado, ao contrário do que está publicado.

Na página cinco do suplemento especial *Os Anos Oitenta* (BIZZ 48), o crédito para Fernando Naporano está incompleto. Além da matéria sobre "Independentes", Naporano escreveu o bloco *O Som dos Subterrâneos*, dentro da matéria *Sobreviventes do Rock* (páginas 16 e 17).

Ainda em *Os Anos Oitenta*, na Cronologia, lamentavelmente, ficaram de fora as turnês brasileiras do **New Order** (iniciada no Maracanãzinho/RJ dia 25/11/88) e do **A-ha** (iniciada na Praça da Apoteose/RJ, dia 10/03/88). Que os fãs nos desculpem.

Coloque as notas no lugar certo.

Não quebre a cabeça com música

GRUPO ama

ESCOLA DE MÚSICA E ARTE

- VIOLÃO
- GUITARRA
- BAIXO
- PIANO (acústico)
- PIANO (Fender)
- SAXOFONE
- BATERIA
- CANTO
- TECLADO
- ÓRGÃO

Rua Gabriel dos Santos, 103
Tel.: 67-4879 - CEP 01231
Santa Cecília - São Paulo - SP
Próximo a estação do metrô
Marechal Deodoro
NÃO TEMOS FILIAIS

GRANDE VENDA DE INSTRUMENTOS MUSICAIS
Tel.: 67-4879 - das 8:00/21:00
sábados 8:00/18:00
Grupo Ama

não vale cópia

Grupo Ama

APRESENTE ESTE CUPOM. COM ELE VOCÊ NÃO PAGA A MATRÍCULA

THE BYRDS

YOUNGER THAN YESTERDAY (1967)

Tentar apontar o melhor grupo do rock ianque dos anos 60 poderia nos levar a uma infindável discussão. Mas, se em vez disto tivéssemos de eleger o mais influente, The Byrds certamente seria um nome de consenso, graças a seu relevante papel na moldagem de boa parte das grandes bandas surgidas nos anos seguintes.

A eclosão dos Beatles e a repercussão do rock inglês nos EUA acabaram dando ao rhythm'n'blues — então em franca decadência — um novo alento, levando dezenas de jovens músicos a abandonarem a majoritária cena folk. Foi o que ocorreu também com os futuros membros dos Byrds, na ocasião dispersos em vários grupos acústicos: Jim (aliás, Roger) McGuinn nos Limelighters, Gene Clark nos New Christy Minstrels, Chris Hillman nos Hillmen e David Crosby nos Lex Baxter Balladeers.

Assim, McGuinn, Clark e Crosby formaram o Jet Set em Los Angeles, que, com a entrada de Hillman no baixo e Michael Clarke (um velho amigo de Crosby) na bateria, originou os Beefeaters. McGuinn descreveu o som deste embrião como uma síntese de Dylan e Beatles, algo que se comprova pelos tapes mais tarde reunidos no LP *Preflyte*. Já como The Byrds, um *remake* de Dylan — "Mr. Tambourine Man" — os levou ao topo das paradas dos dois lados do Atlântico. Ao misturar dois itens, até então tão imiscíveis quanto óleo e água, esta gravação foi a irrefutável gênese do folk-rock.

The Byrds foi considerado um grupo de *singles* até 1966, quando tornou-se precursor do som ácido californiano. Esta nova fase pautou-se pelo abandono da primazia folk (Gene Clark, autor principal nos álbuns *Mr. Tambourine Man* e *Turn! Turn! Turn!*, os deixou aí) em favor de trucagens eletrônicas e outras inovações como a introdução da cítara no rock e o primeiro *light-show* de que se tem notícia (no Village Gate, em Nova York).

Apesar da aparente bizarria, tal momento catalisou três LPs que capturaram os Byrds no auge da criatividade: *Fifth Dimension* (1966), *Younger Than Yesterday* (1967) e *Notorious Byrd Brothers* (1968). Destes, o segundo foi o mais bem-sucedido, não só pela maturação de Crosby e Hillman como compositores, mas também por elevar as harmonias vocais, o padrão "Rickenbacker doze cordas" (especialmente através de McGuinn) e o requinte instrumental do grupo como um todo, em um nível jamais igualado. Ofuscado pelo lançamento de *Sgt. Pepper's...* e com os Byrds passando por um período de baixa popularidade e rusgas internas, *Younger Than Yesterday* acabou se tornando um dos mais subestimados discos da história do rock.

A amargura com este estado de coisas surge logo na faixa "So You Want to Be a Rock'n'Roll Star" que, com frases como "venda sua alma para a companhia", tornou-se uma cáustica exceção em meio às "boas vibrações" da nascente "hippielândia". Levando ao máximo o uso da eletrônica apenas insinuado no LP *Fifth Dimension*, a faixa "CTA 102", por sua vez, era uma curiosa homenagem de McGuinn aos quasars. Também a fixação com os Beatles se resolveria aí, num par de baladas de Hillman, "Have You Ever Seen Her Face?" e "Time Between", enquanto Crosby criaria épicos barrocos em "Renaissance Fair" e "Everybody's Been Burned", além da surpreendente tecnolisergia de "Mind Gardens". Num clássico destes, Dylan não poderia faltar e "My Back Pages" foi uma das mais sensíveis releituras feitas pelo grupo.

Os Byrds nunca soaram tão coesos como em *Younger Than Yesterday* e, ainda que suas produções seguintes tivessem sido apenas medianas, seu legado já estava consolidado de forma seminal no rock das duas décadas seguintes.

ARNALDO C. COELHO

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Editor-Chefe: José Augusto Lemos
Editores-Assistentes: Bia Abramo (Ao Vivo), Celso Pucci (Discos e Discoteca Básica), Marisa Adan Gil (Showbizz), Lorena Calabria (Rio de Janeiro), Sônia Maia (Conexão Brasil)
Coordenação de Produção: Igor Ismael Assan
Atendimento ao Leitor: Celso Ferrari Masson
ARTE
Editora: Deise Bittinas
Diagramação: Angelo Asson, Izau Norbertino, Maria Amélia de Azevedo, Heriato Yada
Arquivo e Pesquisa de fotos: Cidval Heredia
Correspondentes: José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Anamaria G. de Lemos (Londres)
Colaboradores
Texto: André Forastieri, Arthur G. Couto Duarte (BH), Ayrton Mugnaini Jr., Carlos Eduardo Miranda, Celso Ferrari Masson, Fernando Naporano, Hagamenon Brito (Sal), Jimi Joe (POA), Leopoldo Rey, Marcel Plasse, Marcos Campolim, Tom Leão (RJ)
Foto: Abrahão Lincoln, Almir Bindilatti, Gladstone Mendes Campos, Gustavo E. Smolarsky, Jô Vigliano, Luis Stavale, Mila Maluhy, Priscila Lena
Arte: Adalberto de Andrade, Antonio Fernando Morra, Iara Sílvestre, Maurício Cavalcanti
Revisão de Texto: Thais Helena de Souza Juarez
Projeto Gráfico: OZ Desenho & Associados
Diretora Responsável: Liege de Lima Dória Castelli
PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araújo
SP-Gerente: Oswaldo Maffei Jr.
Contatos: Armando Coronado Miola, Arthur de Oliveira Neto, Antonio Xavier de Aguiar
RJ-Gerente: Maria Fernanda Jorge
Contato: Eduardo Barros, Romualdo Ayres Costa
PRODUÇÃO GRÁFICA
Gerente: Edna K. Burigo
Coordenadora: Sandra C. Botelho
REPRESENTANTES
Rio Grande do Sul e Santa Catarina: SR Ricardo Rosa Representações Ltda. Fone: (0512) 23-9528 - **Porto Alegre** - RS Centro-Oeste: Publicentro Comunicações & Negócios Ltda. Fone: (061) 223-0421 - **Brasília** - DF SP 2: Intermídia Repres. e Public. e Public. S/C Ltda. Fones: (016) 623-4260 623-4291 - **Ribeirão Preto** - SP
SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Judith Barom; **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, NY 10165. Phone: (001212) 557-5990 5983. Telex: 237670. Fax: (001212) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris. Phone: (00331) 42.66.31.18. Telex: 660731 ABRILPA. Fax: (00331) 42661099
Departamento de Documentação - Dedoc - **Gerente:** Suzana Camargo - av. Chaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP. Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli
COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Boldarine
Gerente de Circulação: Gilberto Fivotto Gil
Gerente de Promoções e Propaganda: A. Vasco Castro Barbosa

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes

BIZZ é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Marquês de São Vicente, 1771, tel. (011) 826-6777, CEP 01139, Caixa Postal 60061, CEP 05096. Telex (011) 26070. **Telegramas:** Editabril Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8º ao 11º andares, CEP 22290, tel. (021) 546-8282, Telex (021) 22674, Telegramas: Editabril Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Pelas, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinatura anual:** NCz$ 162,00 à vista. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isto tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente paga, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das BTN verificada no período. Esta revista vai às bancas mensalmente no dia 3. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuição com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

ROLLING STONES

ROLLING STONES STEEL WHEELS

"... Juntos novamente, Mick Jagger, Keith Richards, Ron Wood, Bill Wyman e Charlie Watts provam mais uma vez que o título de 'maior banda de rock'n'roll do mundo' é sua propriedade exclusiva. ... Valeu a pena esperar três longuíssimos anos. STEEL WHEELS é outra irrefutável obra-prima dos Rolling Stones. Estes quase cinqüentões são como velhas galinhas. Seu caldo está cada vez mais saboroso."

Ezequiel Neves

EM DISCOS, FITAS E COMPACT DISCS

tears for fears the seeds of love

PolyGram

Em discos, fitas e compact disc

SAIU O DISCO MAIS ESPERADO DO ANO